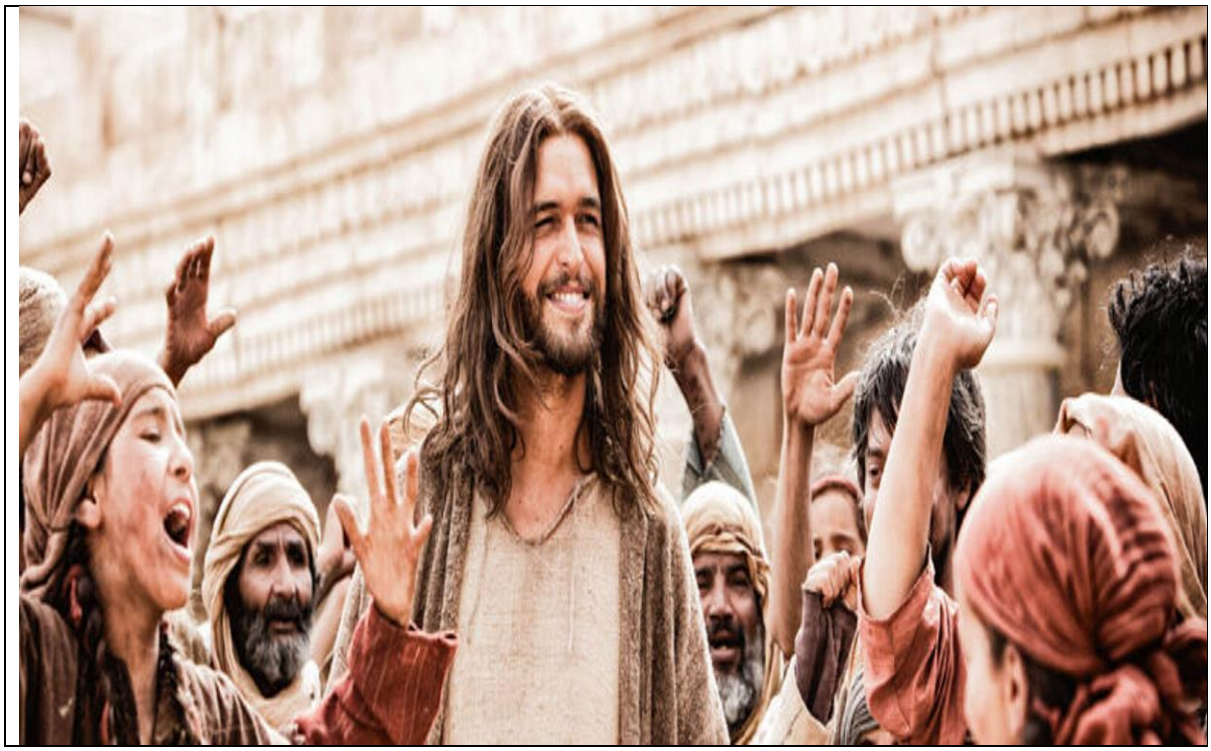
O PAPEL DOS CRISTÃOS NA POLÍTICA

(Jesus nunca foi comunista e muito menos capitalista)



SUMÁRIO

CÁPITULO 01 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS 03

CAPÍTULO 02 – DA POLÍTICA SUBJETIVA À POLÍTICA OBJETIVA.....05

CAPÍTULO 03 – TRÊS FATORES DE REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA.....06

CAPÍTULO 04 – TIPOS DE POLÍTICA.....11

CAPÍTULO 05 – POR QUE JESUS NÃO FOI O MESSIAS DOS JUDEUS.....14

CAPÍTULO 06 – A VERDADE SOBRE OS PARTIDOS POLÍTICOS.....18

CAPÍTULO 07 – O SACRO OFÍCIO É O SACRIFÍCIO PELA HUMANIDADE.....20

CAPÍTULO 08 – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRÊS FATORES.....24

CAPÍTULO 09 – A POLÍTICA DE CADA CÍRCULO DA CRISTANDADE.....30

CAPÍTULO 10 – O CATOLICISMO NA POLÍTICA SUBJETIVA.....33
CAPÍTULO 11 – CATÓLICOS E NEOPENTECOSTAIS..... 36
CAPÍTULO 12 – O QUE É DO MUNDO NÃO É DOS CÉUS.....38
CAPÍTULO 13 – OS CRISTÃOS NA POLÍTICA PARTIDÁRIA .....,,,,,.40
CAPÍTULO 14 – A POLÍTICA OBJETIVA JESUSCRISTIANA .....,,....44
CAPÍTULO 15 – DEUS DEU A SATÃ O COMANDO DA POLÍTICA SUBJETIVA....,,,.46
CAPÍTULO 16 – OS PARTIDOS POLITICOS NOS TEMPOS DE JESUS 47
CAPÍTULO 17 – OS MÓRMONS E A POLÍTICA SUBJETIVA 53
CAPÍTULO 18 – DO COMUNITARISMO DE JESUS AO COMUNISMO.....55
CAPÍTULO 19 – INTEIRATIVIDADE POLÍTICA SEM IDENTIFICAÇÃO.....59
CAPÍTULO 20 – REGIMES POLÍTICOS NO TEMPO DE JESUS.....62
CAPÍTULO 21 – OS TRÊS PARTIDOS POLÍTICOS DA ÉPOCA DE JESUS.....66
CAPÍTULO 22 – A CULTURAL NA ÉPOCA DE JESUS 68
CAPÍTULO 23 – O POSICIONAMENTO DE JESUS ACERCA DAS FINANÇAS.....70
CAPÍTULO 24 – A POLÍTICA DE JESUS NOS DIAS DE HOJE 73
CAPÍTULO 25 – PREFERÊNCIAS POLÍTICAS DE JESUS CRISTO.....74
CAPÍTULO 26 – RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA.....75
CAPÍTULO 27 – A POLÍTICA NO NOVO TESTAMENTO.....77
CAPÍTULO 28 – DISTINÇÃO ENTRE MOEDAS DE CÉSAR E DE DEUS.....83
CAPÍTULO 29 – O SIGNIFICADO DE DAI CÉSAR O QUE É DE CESAR.....86
CAPÍTULO 30 – JESUS CRISTO FOI A PRIMEIRA VÍTMA DO LAWFARE.....88
CAPÍTULO 31 – EQUERDA VERSUS DIREITA NA POLÍTICA SUBJETIVA.....92
CAPÍTULO 32 – O CAPITALISMO OBJETIVO DE JESUS CRISTO.....95
CAPÍTULO 33 – O CRISTIÃO CAPITALÍSTA NÃO É DISCÍPULOS DE JESUS.....97
CAPÍTULO 34 – NOCIVA POLÍTICA DE ROMANIZAÇÃO DO CRISTIANISMO.....101
BIBLIOGRAFIA.....102

CAPÍTULO 01 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este livro se constitui numa obra escrita para o estudo e as reflexões sobre o papel do cristão na política, a luz das escrituras sagradas, na perspectiva holosótica ou holística.

Este livro é escrito para todos aqueles que estão cansados de viver a ilusão das crenças, dos dogmas, do mundo das ilusões da política subjetiva, etc., e agora desejam evidências dos fatos, experimentar a realidade da fé.

A realidade é a verdade e vice-versa. Quem conhece a realidade, conhece a verdade, se liberta. Então não se dá para se libertar sem o conhecimento e o conhecimento é a gnose. A religião que rechaça a gnose é agnóstica, não acredita no conhecimento divino, não acredita em Deus, é agônica, rechaça a luz e recolhe a ignorância.

Então a verdade é a gnose e vice-versa. *"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará"* (João 8:32). Os Cristãos do Círculo Cultural, confortavelmente estabelecidos sobre o substrato da ilusão de salvação, não almejam conhecer a verdade dos fatos, com temor do esfacelamento de sua pseudo crença. *"Por vezes as pessoas não querem ouvir a verdade, porque não desejam que as suas ilusões sejam destruídas"* (Friedrich Nietzsche).

As pessoas do Círculo Cristão Cultural e os políticos subjetivos, estão acostumadas historicamente a contentarem somente com uma parte da verdade, adaptada à sua mentalidade reduzida. Por isto quando lhes aparece a verdade inteira, elas não a percebem. Pois *"quem não sabe o que busca, não identifica o que acha"* (Immanuel Kant)

Muita gente, ao longo dos tempos, expressou a sua concepção acerca do conhecimento universal iniciático (gnose), conformo se pode ler abaixo:

01. "Só sei que nada sei".
02. "Sei de pouca coisa, mas desconfio de muitas".
03. "O que sei é uma gota o que não sei é o oceano"
04. "A mente que se abre ao novo jamais volta a ser do tamanho original".
05. "Entre o céu e a Terra há muito mais mistérios que a nossa vã filosofia pode imaginar".
06. "Aqueles que têm olhos de ver que vejaaqueles que têm ouvidos de ouvir que ouça".

A frase **01, *"Só sei que nada sei",*** é atribuída ao filósofo Sócrates. E significa, holisticamente falando, que nossa ignorância das coisas é muito maior que o entendimento que temos delas, tanto no conhecimento epistêmico como no gnóstico.

O que sabemos do conhecimento epistêmico e do gnóstico está nas linhas dos escritos e o que desconhecemos está nas entrelinhas, escondidos por detrás dos símbolos. A compreensão do que está nas entrelinhas demanda consciência. Consciência é o fator psicológico em nós responsável pela percepção, pelo registro e pela compreensão de todos os fenômenos que ocorrem dentro e fora de nós.

Sócrates era detentor de uma sabedoria iniciática profunda. Ele sabia que o conhecimento (gnosis) é infinito e que o espaço cognitivo da mente humana é finito, limitado para conhecer e compreender tudo do todo (holos).

A frase 02, ***"Sei de pouca coisa, mas desconfio de muitas"*****,** pertence ao escritor mineiro João Guimarães Rosa. Ela também tem o mesmo significado holístico do *"Só sei que nada sei"* socrático, relativamente à visão holística: diz que muitos se limitam pelas fronteiras do conhecimento das partes, mas alguns desconfiam do todo do conhecimento, que está além destas fronteiras, compondo o todo do conhecimento cósmico (gnosis).

A frase 03, ***"O que sei é uma gota o que não sei é o oceano"*****,** de Isaac Newton, traz em seu bojo o mesmo significado holístico relativamente ao conhecimento, do *"Só sei que nada sei".* Isaac Newton por certo sabia que o nosso saber é proporcional ao percentual de consciência desperta que possuímos. Atualmente a humanidade em média possui 3% de consciência desperta, portanto 3% de conhecimento e 97% de desconhecimento (agnoia ou ignorância) das coisas.

A frase 04, "***A mente que se abre ao novo jamais volta a ser do tamanho original"*** de Albert Einstein, nos diz que a mente tacanha fica sempre presa ao passado, é muito limitada, não se expande, só consegue ler o que está nas linhas, não ousa sair de sua zona de conforto, do mundinho das comodidades. Mas a mente revolucionária quebra este paradigma, se abre ao novo, ao desconhecido e jamais volta a ser como antes. Esta mente, que se abre ao novo, passa saber de muitas coisas, que antes estavam ocultadas, passa saber daquilo que desconfiava, passa a ler nas entrelinhas das linhas dos escritos sagrados.

A frase 05***, "Entre o céu e a Terra há muito mais mistérios que a nossa vã filosofia pode imaginar"*****,** de Shakespeare, quer dizer que a nossa ciência convencional é muito limitada para descrição dos fenômenos do cosmo. A ciência convencional, por mais avançada que esteja até hoje, não conseguiu dar explicação para a maior parte dos fenômenos do cosmo. Ela se movimenta numa trajetória do saber limitado ao 3% de consciência, não tem acesso aos grandes mistérios do cosmos, que estão escondidos nas entrelinhas dos livros de conhecimento universal descrito. Para podermos conhecer estes mistérios temos que despertar a nossa consciência com uma ferramenta chamada **Três Fatores de Revolução da Consciência.**

A frase 06, ***"Quem tem olhos para ver, veja e ouvidos para ouvir, ouça!",*** Jesus Cristo ao proferir as palavras desta frase, por meio de parábola, sabia que ali havia pessoas que só entendiam o que estivesse explicitado nas linhas, jamais iriam poder entender o que estivesse ocultado nas entrelinhas.

Os mistérios somente são compreendidos por quem sabe ler nas entrelinhas, eles não são dados a conhecer a todos, como pensam o pessoal do senso comum. "Então, os discípulos se aproximaram dele e perguntaram: Por que lhes falas por meio de parábolas? Ao que Ele respondeu*: "Porque a vós outros foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus, mas a eles isso não lhes foi concedido"*. Pois a quem tem, mais se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que quase não tem nada, até o que tem lhe será tirado. "*Por isso lhes falo por meio de parábolas; porque, vendo, não enxergam; e escutando, não ouvem, muito menos compreendem"* (Mateus 10-13).

Jesus Cristo deixou um conhecimento espiritual mais rudimentar, de natureza pública, para os cristãos do círculo cultural cristão. Este conhecimento está explicito nas linhas das escrituras sagradas. E para os discípulos mais avançados, para o

pessoal do círculo cristão iniciático, Ele deixou um conhecimento espiritual iniciático(gnosis) mais elevado, de natureza privada. Este conhecimento é secreto, está nas entrelinhas das escrituras sagradas, na forma de simbologia, de ilustrações, de parábolas etc.

Gnosis ou gnose é o conhecimento espiritual iniciático que está nas entrelinhas das escrituras sagradas. Gnose é a verdade e vice-versa. Quem o conhece se liberta. Quem tem este conhecimento é um gnóstico.

Jesus Cristo era 100% Gnóstico, assim também eram gnósticos os seus apóstolos e seus 70 discípulos imediatos. Gnósticos são os primeiros cristãos, os Santos dos Primeiros Dias, como se pode ver neste vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=YR3GHGilY3Y

Santos, SP, 23 de março de 2022
(Prof. Maurício da Silva, escritor e pensador holosótico)

CAPÍTULO 02 – DA POLÍTICA SUBJETIVA À POLÍTICA OBJETIVA

A Doutrina Cristã Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo se sustenta sobre dois seguimentos de princípios: **culturais e iniciáticos.**

Os princípios culturais são aqueles de caráter público, são aqueles que embasam o cristianismo cultural, presentes entre as igrejas das mais diversas religiões culturais do mundo. Os princípios iniciáticos são aqueles de caráter privado, são aqueles que estruturam a Doutrina Cristã Inciática, que contém os ensinamentos secretos de Jesus Cristo.

Jesus Cristo estruturou o seu ensinamento, didaticamente bem elaborado, para dois círculos de aprendizagem, para o cultural e para o iniciático. Para o círculo cultural Cristo Jesus passou um ensinamento rudimentar, a altura da capacidade cognitiva, da compreensão do cristão cultural. Este ensinamento rudimentar foi chamado, pelo apóstolo Paulo, de manjar líquido (leite), isto é, alimento que podia ser digerido pela cristandade ainda na sua infância espiritual.

Para o círculo iniciático, Jesus Cristo passou um ensinamento superior, à altura da capacidade cognitiva, da compreensão do cristão iniciático. Jesus Cristo passou um ensinamento superior para o cristão do círculo iniciático. Neste ensinamento estão presentes os grandes mistérios de Deus. Estes ensinamentos iniciáticos foram chamando pelo apóstolo Paulo de manjar sólido.

Este mesmo ensinamento, quando passado em público, Jesus Cristo usava as parábolas. Por isto ele dizia, em meio aos cristãos do círculo cultural, que quem tivesse ouvido para ouvir, ouvia e quem tivesse olhos para ver, viria.

Os ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos para o círculo cultural estão nas linhas da Bíblia, da mesma forma os do círculo iniciático, estão nas entrelinhas. O

cristão que consegue decodificar os símbolos e acessar os ensinamentos secretos de Jesus Cristo migra do círculo cultural para o iniciático e é chamado de gnóstico.

Os primeiros cristãos eram chamados de gnósticos, pois eram em sua maioria do círculo iniciático. Os primeiros cristãos tais como os apóstolos e os 70 discípulos de Jesus Cristo são os iniciáticos ou gnósticos responsáveis pela formação do Cristianismo Primigênio.

Os proto-ortodoxos, como o bispo Irineu de Lion e seus sequazes, e o institucionalista Constantino e seus sequazes, são os grandes deformadores do cristianismo, os grandes depreciadores da doutrina jesuscristiana.

Para contrapor ao movimento de desvalorização dos princípios iniciáticos do cristianismo, de adulteração da Bíblia Sagrada, surge o Movimento de Revalorização dos Princípios Iniciáticos da Doutrina Cristã Universal, em 1950, por meio do avatar da Era de Aquário, chamado Dr. Samael Aun Weor.

Atualmente estamos agindo através da internet, com ações concentradas na tarefa de Revalorização e defesa dos Princípios Iniciáticos do Cristianismo Universal, chamado Movimento de Revalorização e Defesa dos Princípios Iniciáticos do Cristianismo (MRPIC). Convidamos todos os cristãos de todas as igrejas das mais diversas religiões cristãs trabalharem conosco nesta tarefa, lendo as nossas obras, assistindo os vídeos, participando dos nossos cursos, para compreender e praticar a doutrina cristã iniciática.

Para participar acesse www.agsaw.com.br/programadaagsaw.htm

CAPÍTULO 03 – TRÊS FATORES DE REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Os três fatores de revolução da consciência constituem na ferramenta básica de construção da sustentabilidade da Política Objetiva de Jesus Cristo, da política do Reino dos Céus, que se opões a política subjetiva do Reino do Mundo.

Os Três Fatores de Revolução da Consciência se constituem num conectivo de interligação das partes do conhecimento místico, fragmentadas pelo paradigma antropocêntrico. Cada uma das diversas religiões e das diversas ordens místicas, existentes pelo mundo, detém uma parte do conhecimento gnóstico.

Os três Fatores de Revolução da Consciência se constituem na ferramenta holística que permite estabelecer a intersecção entre as partes e promover a conexão destas com o todo do conhecimento.

O conhecimento epistêmico, isto é, o conhecimento de cunho material, está diluído nas diversas escolas convencionais, em seus diversos graus, desde o Infantil até ao doutorado. Da mesma forma o conhecimento gnóstico também se dilui, em diferentes graus, nas mais diversas religiões e ordens místicas.

É absurdo colocar um estudante, que esteja no Ensino Fundamental do conhecimento epistêmico, por exemplo, para frequentar uma faculdade. Ele não apresenta ainda as condições cognitivas exigidas para tal. Também seria ilógico colocar um aluno de

faculdade para cursar o Ensino Fundamental. Assim também acontece com um estudante do conhecimento gnóstico.

Não dá para dar saltos e colocar alguém, que esteja numa determinada religião, nos graus iniciais, para estudar e vivenciar os Três Fatores de Revolução da Consciência na integra, a totalidade da Gnosis.

Jesus Cristo também anunciou os Três Fatores de Revolução da Consciência assim*: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo (1º Fator), tome a sua cruz (2º Fator), e siga-me" (3º Fator).*

Os três fatores de revolução da consciência são:

1º O Morrer – Fator que consiste em morte dos defeitos psicológicos, onde morremos para os nossos defeitos e nascemos para as virtudes da alma. *"Todos os dias enfrento a morte, irmãos; isso digo pelo orgulho que tenho de vocês em Cristo Jesus, nosso Senhor" (1 Coríntios 15).*

2º O Nascer – Fator que está associado ao trabalho alquímico para fabricação dos veículos de manifestação nas outras dimensões do universo. Por se tratar do grande segredo da iniciação até Jesus falou deste nascer de modo velado: "Em verdade, em verdade te digo: "*Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5)*.

Coube ao V.M. rasgar o véu e revelar este grande segredo para o bem de todos nós. Assim, hoje todo estudante gnóstico sabe que o Segundo Fator de Revolução da Consciência é a magia sexual praticada por casais legal e legitimamente constituídos

O 2º Fator está no ensinamento de Jesus a Nicodemos: *"1-2 Certa noite, um chefe religioso chamado Nicodemos, um fariseu, procurou Jesus: Mestre, todos sabemos que Deus te enviou para nos ensinares, e bastam os teus milagres para o provar. 3 Jesus retorquiu: Digo-te muito seriamente que, se alguém não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus. 4 Que queres dizer com isso? exclamou Nicodemos. Como pode uma pessoa voltar para o ventre de sua mãe e nascer outra vez? 5-7 Jesus respondeu: O que tão seriamente te digo é isto: aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. Os homens só conseguem reproduzir vida humana, mas o Espírito Santo dá vida espiritual; por isso não te admires de te ter dito que precisas de nascer de novo. 8 Assim como ouves o vento, mas não sabes donde vem nem para onde vai, assim se passa com aquele que é nascido do Espírito. 9 Que queres dizer? perguntou Nicodemos. 10-13 Jesus respondeu: Então tu, um respeitado mestre, não compreendes estas coisas? Estou a dizer-te aquilo que sei e que vi, e, contudo, não queres acreditar em mim. Mas, se nem sequer acreditas em mim enquanto te falo nestas coisas que acontecem aqui entre os homens, como poderás crer se te falar de coisas celestiais? Pois só eu, o Filho do Homem, desci à Terra e voltarei novamente para o céu. 14-15 Assim como Moisés ergueu no deserto a figura de uma serpente, assim também eu irei ser levantado, para que todo aquele que crer em mim tenha a vida eterna" (João 3:1-15).*

3º Fator - *"Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça daí" (Matheus 10:8)*. O V.M. Samael Aun Weor unificou todo o conteúdo do conhecimento gnóstico, pertencente às diversas religiões e ordens místicas, por meio dos Três Fatores de Revolução da Consciência. O V.M. Samael é o criador do Evangelho da Síntese Gnóstica.

Os Três Fatores de Revolução da Consciência, na prática são interdependentes, isto é, são complementares entre si. Os Três Fatores de Revolução da Consciência são:

3º O Sacrifício pela humanidade – É o fator inerente ao trabalho gratuito em prol dos nossos semelhantes. Jesus Cristo enunciou o Terceiro Fator de Revolução da Consciência deste modo, em Mateus 10,8: *"Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios".* O Ensinamento espiritual, considerado por Jesus como sendo uma pérola de grande valor, se constitui na forma mais elevada de se praticar o Terceiro Fator de Revolução da Consciência. Jesus deixou uma admoestação para a prática correta do Terceiro Fator de Revolução da Consciência, que fosse feita gratuitamente. *"PEDRO, PORÉM, LHE DISSE: NÃO POSSUO NEM PRATA NEM OURO, MAS O QUE TENHO ISSO TE DOU: EM NOME DE JESUS CRISTO, O NAZARENO, ANDA!" (Atos dos apóstolos, 3:6). "...DÁ A TODO O QUE TE PEDE..." (Lucas, 6:30). "SERVIR UNS AOS OUTROS, CADA UM CONFORME O DOM QUE RECEBEU, COMO BONS DESPENSEIROS DA MULTIFORME GRAÇA DE DEUS" (1 Pedro, 4:10), e "...DE GRAÇA RECEBESTE, DE GRAÇA DAÍ"*(Mat. 10:8).

Portanto, qualquer estudante gnóstico, qualquer religioso de qualquer religião, e qualquer político subjetivo, só cumpre com este mandamento, deixado pelo Cristo, se não cobra pelos serviços prestados ao bem da humanidade, não cobra pelos sacramentos, pelos e ensinamentos etc. Quem cobra, ao invés de se sacrificar-se pela humanidade, sacrifica a própria humanidade. Assim tudo deverá ser feito em forma de caridade.

Há dois tipos de caridades: **material e espiritual**. Na Caridade Material sacrificamos pelos nossos semelhantes, para que tenham as suas necessidades físicas básicas satisfeitas. Na caridade material, sacrifica-se para dar o peixe para o necessitado remediar a sua situação temporariamente. Na caridade espiritual, sacrifica-se para ensinar o necessitado pescar o seu próprio peixe.

O termo sacrifício, quando usado na esfera espiritual, toma o sentido de sacro-ofício, com a junção das palavras sacro (sagrado) e ofício (trabalho). O terceiro fator de revolução da consciência é o trabalho que se faz para a humanidade; é quando se entregar a alguém os conhecimentos gnósticos necessários para se fazer a revolução da consciência; a gnosis entrega gratuitamente para todas as pessoas que queiram conhecê-la, sem distinção ou discriminação de qualquer espécie; isto é feito voluntariamente, sem exigir ou mesmo esperar nada em troca.

Por meio do Terceiro Fator vários Mestres e Avataras entregaram esse conhecimento aos povos de suas épocas através de pregações, escritos, livros, escolas que fundaram etc., sem jamais ter exigido algo em troca. As religiões e ordem místicas que cobram por algo que é grátis e universal, cometem um delito absurdo, para o qual não existe justificativa.

Sacrificamos pela humanidade quando desenvolvemos boas ações em prol da mesma e sacrificamos a humanidade com nossas más ações, que certamente

ajudarão a desencorajar as demais pessoas a praticar os ensinamentos de jesus.

Para não se sacrificar a humanidade, aos moldes das religiões e de algumas ordens místicas, não se pode: cobrar e nem esperar algo em troca pela entrega desse conhecimento; receber esse conhecimento gnóstico e egoisticamente guardá-lo só para nós; receber este conhecimento gnóstico e não o praticar na íntegra; ocultar livros e outras fontes gnósticas, de onde outras pessoas poderiam obter esse conhecimento, etc.

Podemos praticar o Terceiro Fator de Revolução da Consciência, sacrificar-se pela humanidade e não sacrificá-la de diversas formas: levar estes ensinamentos às pessoas com as quais nos relacionamos diariamente e que se interessem pelo assunto, sempre respeitando o livre arbítrio de todos; estudar e colocar em pratica esses ensinamentos, principalmente a morte dos defeitos, para servimos de exemplo para os demais; encaminhar as pessoas interessadas aos locais de cursos presenciais ou na internet, onde possam obter esse conhecimento; divulgar o ensinamento pelos meios que estiverem ao nosso alcance.

Ao bem da verdade, como acentua o V.M. Samael, a caridade é uma obrigação de todos nós seres humanos, é uma questão de cidadania. Só há sacrifício pela humanidade quando doamos voluntariamente aquilo que possivelmente iria nos fazer falta.

Muitas ordens místicas, no passado, já se constituíram em escolas iniciáticas autênticas, porque seus adeptos praticavam os Três Fatores de Revolução da Consciência na integra. Entre estas se pode citar: **a Rosa Cruz, a Maçonaria, os Templários, Essênios, Cristianismo Primitivo etc.**

Infelizmente a entropia fagocitou estas instituições, se degradaram, perderam a conexão com os Três Fatores de Revolução da Consciência. Elas se perderam pelo materialismo, hoje estão aí cobrando pelos convênios, pelos sacramentos, cobram dízimos, cobram pelas coisas sacramentais, cobram pela informação, cobram pelos rituais, pela mantralização, etc.

A maioria das religiões e ordens místicas, na atualidade, se constituem em instituições mercadológicas, transmitem informações falsas ou incompletas aos seus discípulos acerca dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

A verdadeira escola de regeneração é aquela que entrega os Três Fatores de Revolução da Consciência, tanto aqui como lá no astral superior.

Na cerimônia de lava-pés, efetuada por Jesus Cristo, vamos encontrar um exemplo vivo da prática do Terceiro Fator de Revolução da Consciência. Ali Jesus Cristo nos

ensina teatralizadamente como servir aos nossos semelhantes gratuitamente, com amor e humildade.

Cada uma das muitas religiões cristãs acredita que Jesus, na sua segunda vinda, virá em particular, somente para os seus adeptos daquela determinada igreja. Porém todos ficariam atônitos se pudessem perceber que Jesus Cristo não adentraria em nenhum templo dos existentes atualmente na face da Terra, por mais belo que fosse.

Se ele entrasse e se fosse irônico poderia entrar numas destas igrejas chiques para celebrar algum sacramento. Onde ele poderia dizer: vocês cobram aqui tanto reais, direta ou indiretamente por meio de coletas, ofertas etc., pela celebração deste sacramento, desta missa, deste culto etc. Então, hoje eu irei cobrar o dobro, pois vou transformar a água em vinho, multiplicar os peixes e os pães, ressuscitar os mortos etc. Além do mais vocês usam tanta ostentação, tem os seus instrumentos, suas músicas etc. Porém eu quero que me tragam a orquestra sinfônica, quero que seja naquela igreja que eu for que seja banhada a ouro, porque eu sou Jesus Cristo.

Ao bem da verdade, como dizem os jovens, Jesus Cristo, não era muito chegado em nenhuma religião e em nenhum templo ou igreja. E olha que na sua época já existiam diversas. Como prova disto pode se dizer que o divino Mestre adentrou ao templo umas duas ou três vezes só. Ele sabia dos problemas existentes em uma religião, em um templo. Então ele preferiu fazer as suas belas pregações nos campos, nos bosques, nas montanhas, nas casas das pessoas etc. Assim também aconteceu com a Virgem de Fátima, com a Nossa Senhora de Michigoria, etc.

Cada religião possui o seu templo e elas se proliferaram muito ao longo dos tempos, apesar das admoestações sobre a construção de tais recintos, que diz textualmente em Atos 17:24: *"O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens"*.

CAPÍTULO 04 – TIPOS DE POLÍTICA

Em grego *politikos(político)* significa "cívico". O termo *politikos*, por sua vez, se originou a partir da palavra *polites*, que quer dizer "cidadão", que se originou de *polis*, traduzido por "cidade".

Numa sociedade como a grega, em que a vida pública interessava a todos os cidadãos, os *politikos* eram aqueles que se dedicavam ao governo da polis ("a cidade" ou "o Estado"), colocando o bem comum acima de seus interesses individuais. Então eles estavam para servir os seu governados e não para serem servidos por eles, eram políticos objetivos.

Definir o que é **política é** assim como definir como razão, felicidade, amor e liberdade etc., não é tarefa simples. Os significados de todas elas são abrangentes e subjetivos, dependendo do contexto e da opinião de quem as usa.

Em síntese pode se dizer que política é tudo o que se relaciona com a busca de ações para o bem-estar, tanto individual como coletivo.

A política ideológica está embutida em todos os tipos de políticas, na sindical, na partidária, na objetiva, na subjetiva etc. **Na objetiva** ela idealiza um conjunto de ações para libertar o homem do estado de escravidão em que se encontra, preso às coisas materiais no Reino do Mundo. Ela quer levá-lo para Reino Celestial, onde reina a liberdade, a paz, o amor, a justiça e a felicidade.

Na política subjetiva ela se define pelo ideal de estabelecer condições para proporcionar o bem-estar ao ser humano, aqui na Terra, durante a sua vida existencial. Ela se opõe à Política Objetiva,

A política objetiva se define pelo ideal de estabelecer condições para proporcionar o bem-estar ao ser humano aqui na Terra, durante a vida terrena e nos Céus, durante a sua vida eterna.

O político objetivo coloca o interesse da coletividade sobre seus interesses pessoais, pois ela age para servir a todos. O político subjetivo coloca o seu interesse pessoal sobre o interesse da coletividade, pois ele quer ser servido, O político objetivo sacrifica-se pela humanidade e o político subjetivo sacrifica=na

Sendo assim vamos falar de política, de forma holística, em duas dimensões: **subjetiva e objetiva**. A política subjetiva consiste em ações desenvolvidas para proporcionar o bem-estar material ao ente humano aqui na Terra, no Reino do Mundo.

A política objetiva consiste nas ações que se desenvolvem para proporcionar o bem-estar espiritual ao ente humano, aqui na Terra, ao mesmo tempo que visa conectá-lo ao Reino Celestial.

O term**o subjetivo**, para nós, se refere a todas as coisas que têm existência transitória: **nasce cresce, envelhece e morr**e. Possui existência, é tudo aquilo que está sujeito ao tempo, é efêmero, passageiro, ilusório(maya).

A palavra **objetivo**, do ponto de vista iniciático, se refere a tudo que possui deidade, é tudo aquilo que é eterno, que está fora da mecânica relativista, está fora do tempo, é real, não tem começo, nem meio e nem fim, ao invés de existência possui seidade.

A compreensão dessas palavras é útil para jogar luz sobre a ignorância, evitar equívocos e revalorizar o cristianismo. O entendimento correto do que é política subjetiva e objetiva representa a chance de repensar seus significados e como elas estão presentes em nossas vidas desde os primórdios.

Filósofos, cientistas e políticos, até hoje, não foram poucos os que tentaram definir o que é política. Para tornar mais fácil essa missão, vamos reunir e explicar alguns dos

principais significados que a palavra assume em nossa sociedade atual, mas sem esquecer do passado

A palavra política pode ser empregada como **sinônima de convivência.** A palavra "política" é derivada do termo grego "politikos", que designa **cidadãos que conviviam na "polis"**. "Polis", por sua vez, era usada para se referir à cidade e, em sentido mais abrangente, à sociedade organizada.

Portanto qualquer pessoa que vive numa cidade, numa comunidade, é um cidadão, é um político subjetivo ou objetivo, pois onde quer que haja duas ou mais pessoas, haverá há ali regras de convivência, de limites de ação e deveres e direitos comuns. A política acontece justamente no ato de existir coletivamente, em conjunto. Então, na realidade, esta concepção de política é muito diferente do que se costuma pensar sobre a política, como sendo algo limitado aos políticos profissionais e longe do nosso cotidiano. Políticos somos todos nós, subjetivos ou objetivos. Deste modo, a origem da política vem desde os primórdios, remonta à **participação na comunidade**, por meio de ações no seio dacoletividade.

O filósofo grego Aristóteles disse que o ser humano é um **animal político**, ou seja, um ser que inconscientemente busca a vida em comunidade, porque suas necessidades materiais e emocionais só podem ser satisfeitas pela convivência com outras pessoas. Para suas necessidades materiais há a política subjetiva e para a necessidade espiritual há política objetiva.

Pode-se definir também a palavra política como sinônima de ideologia, onde o ser humano pode trocar ideias, imaginar o futuro e criar regras para compartilhar o mesmo espaço, estabelecer ideais e buscar um ponto de aproximação deste.

Só sendo absolutamente solitário, um eremita, um indivíduo que se isola completamente do convívio social, para não ser apolítico, para conseguir escapar da política. Neste contexto, para Aristóteles, a política começa no seio familiar, na convivência entre familiares, e depois se expande para o resto da sociedade.

Política como sinônima de administração pública. Se lá na Grécia, para Aristóteles o "politiko" era o cidadão que participava da vida pública, essa palavra tem outro sentido hoje em dia. Uma vez que na Grécia Antiga os cidadãos podiam participar diretamente das decisões da cidade, porém a sociedade atual é composta por um número muito grande de pessoas, há muito mais problemas e necessidades são muito mais complexas que demanda uma participação indireta dos cidadãos. Ao invés de votar diretamente em cada tema de interesse público, como antigamente, nas democracias modernas, voltam-se em representantes, que se dispõem a representar nossas ideias e interesses. Desta forma que há uma participação indiretamente das decisões coletivas.

A política subjetiva atua na **atividade da gestão do Estado**, do orçamento público e das decisões coletivas, cujo papel político é exercido pelos, vereadores, prefeitos, governadores, presidentes, deputados, senadores etc.

A função dos políticos subjetivos é identificar e resolver os problemas e necessidades materiais da sociedade. Para tal, analisam de cada situação, isoladamente e muitas vezes com a ajuda de especialistas no assunto e da própria sociedade civil, elaboram um plano de ação.

A política pública atua em programas de redistribuição de renda, fornecimento de serviços de saúde e educação, estratégias de segurança pública etc.

O papel do cristão na política é de dois tipos: **subjetivo e objetivo**. O cristão cultural atua na política subjetiva e o cristão iniciático, na política objetiva.

A política subjetiva possui o seu lado negativo, quando não há uma apresentação mais profunda à política e todos os seus significados, quando tendemos a achar que ela se resume à atuação dos políticos e seus partidos, quando esta atuação chega até nós por meio de escândalos, de corrupção, de delitos divulgados pela imprensa etc. Desta forma a palavra passa a ser associada a uma prática negativa e chega a ganhar o qualificativo de **politicagem, isto é, à política praticada por ladrões, longe dos ideais mais nobres**. Por isto os políticos, por consequência, são vistos atualmente como indivíduos interessados apenas em se aproveitar dos recursos públicos para atendimento dos seus interesses pessoais.

A prática da politicagem, por políticos subjetivos, gera vários efeitos negativos na socieadde, onde os cidadãos comuns tendem a rejeitar a política institucional, ou seja, aquela praticada em nível de Estado e esse afastamento propicia liberdade para delinquir a atores descompromissados com o interesse público. Quebra-se, assim, a confiança dos cidadãos em relação à classe política, como ocorre no Brasil, onde só um pouco mais de um terço da população diz acreditar no Congresso Nacional.

De acordo com o filósofo francês Francis Wolff, essa desconfiança da população na política subjetiva, pode levar à sensação de que é preciso “limpar” a sujeira da política e isto favorece ideias e propostas autoritárias, o que abre caminho para o nazifascismo e coloca a democracia em risco.

CAPÍTULO 05 – POR QUE JESUS NÃO FOI O MESSIAS DOS JUDEUS

Porque os judeus esperavam um Messias político, libertador? Porque muitos anos antes da época evangélica de Jesus Cristo o povo judeu era escravo no Egito e Deus, por meio de Moisés, o livrou da escravidão e o levou à “terra prometida”.

A maioria dos profetas do Velho Testamento efetuou esta mesma trajetória política. Moisés, assim como Davi, Abraão, Jacó, foram líderes que conduziram seu povo. Foram chefes políticos, que ajudaram a fundar e a estruturar a consciência judaica. Foram líderes de um povo, de uma nação. Então, o Messias que viria, na expectativa do povo judeu, seria um líder triunfante, um chefe, que conduziria seu povo à liberdade e derrotaria seus dominadores.

O profeta Isaias, porém, havia descrito um Messias semelhante a Jesus Cristo, um Messias que sofreria por causa da ignorância dos homens do Círculo Espiritual

Cultural, do senso comum. Seria um Messias destituído da “roupagem” do poder subjetivo e do triunfo político. Isaias descrevera um Messias Iniciático, tal como compreende o Cristão do Círculo Iniciático, atrelado as coisas de Deus e não às coisas de César.

Quando Jesus nasceu o cenário demandava um Messias político libertador, pois a Palestina estava sob o domínio do império romano. O povo judeu desejava ardentemente se libertar do Julgo de César. Muitas batalhas, muitas revoltas já haviam acontecido e iriam acontecer nesta província. Ansiosamente a palavra Messias era associada ao ideal de libertação do julgo e das leis romanas.

Para Judas Iscariotes, para os membros do Sinédrio, para todo o povo Judeu, um Messias verdadeiro seria um Messias guerreiro que iria libertar seu país e se coroar seu rei.

Os judeus, do Círculo Cristão Cultural, seguiam Jesus, testemunhavam seus milagres, percebiam o seu sacerdócio, sua autoridade etc., em sua fala, mas por falta de discernimento iniciático, não tardaram a confundi-Lo com esse Messias guerreiro/estadista. Eles sabiam que Ele tinha poder e que iria libertá-los, assim como fizera Moisés. Para Judas e para os judeus, restava apenas saber quando Jesus Cristo iria assumir este papel, investir na liderança do Seu povo e retomar o poder.

Mas isto Jesus Cristo não ousou fazer, porque a liberdade que queria era atrelada as coisas de Deus, definitiva, real, absoluta. Não era atrelada às coisas de César, coisas de políticas subjetivas, coisas deste mundo, efêmeras, passageiras, ilusórias etc.

Por pensar e agir assim os Cristão do Círculo Cristão Cultural se decepcionaram com Jesus e o levaram injustamente à acusação, ao julgamento, à condenação fatal e à morte!

Os Judeus do Círculo Cristão Cultural, que se decepcionaram, não eram revestidos de propriedades iniciáticas, para poderem perceber o real propósito de Jesus Cristo.

Estes povos não queria um Jesus atrelado as coisas de Deus, autônomo, que fosse Ele mesmo, que segue o seu sagrado caminho de provas e Iniciações. Eles queriam que Jesus fosse atrelado às coisas de César, que fizesse o que o povo esperava que fosse feito pelo “verdadeiro” Messias.

Entretanto, Jesus não se desviou do seu caminho iniciático para atender os designíos deste povo, não permitiu se tornar semelhante aos Césares, não permitiu que as coisas de César lhe atraíssem, não deu chance ao orgulho, à vaidade, a usura e a sede de poder político temporal. Ele não veio para ser servido ao estilo de Césares, mas sim como Ele mesmo disse: *“Eu vim para servir.”*

Jesus não viera para atrelar-se aos sistemas do mundo material: sociais, econômicos, políticos, como queriam os judeus. Ele viera exatamente para revolucionar tudo isto, para libertar o homem, retirar o homem das trevas destes sistemas convencionais.

Muitos dos Cristãos Culturais, desprovidos de propriedades iniciáticas, chegaram a acreditar que Jesus pudesse ser, ao estilo Moisés, o rei-libertador da pátria. Então

este povão todo, esta multidão entra em êxtase no Domingo de Ramos, anterior à Páscoa, quando Jesus penetra triunfante na Jerusalém Sagrada, receberam-No de braços abertos, gritaram e idolatraram-No etc., ainda pensando que de última hora Jesus iria “chutar o pau da barraca’ e ir à luta contra os romanos.

Porém estes milhares de seguidores, semelhantes aos cristãos políticos de hoje, não queriam seguir o caminho iniciático do Cristo, não queriam as coisas de Deus, estavam demasiadamente comprometidos com os sistemas convencionai, com as coisas do Reino do Mendo.

Estes Cristãos do Círculo Cultural queriam que Jesus realizasse a vontade deles, que fosse criado um reino Judeu, soberano, atrelado às coisas do mundo. Porém Jesus os alertou que seu Reino não era deste mundo, que o Caminho para se chegar a seu reino era o iniciático e não o cultural e que a partir dali estava instituído para todos os Cristãos iniciantes, em todos os tempos.

Jesus Cristo sabia que se Ele criasse um Reino semelhantes ao de Césares, logo se corromperia e seria tão opressor e imperfeito como os outros.

Assim, aprendemos os seus ensinamentos através da sua história, palavras e exemplos a serem seguidos. Deste modo, Jesus Cristo se configurou num modelo a ser seguindo, sintetizado na lição de que a nossa real liberdade nunca virá via sistemas políticos convencionais, mas sim via caminho iniciático.

Jesus pagou um preço alto por não ter se associado aos sistemas culturais temporais da época, por não ter sido político subjetivo, por não ter sido estadista, por não ter sido comunista e muito menos capitalista, por não ter feito o que os homens queriam que ele fizesse, etc.

O fanatismo se transformou em raiva, em frieza do coração, nas pessoas do Círculo Cristão Cultural. Assim, apenas os seus discípulos mais próximos, o pessoal do Círculo Cristão Iniciático, os amigos mais chegados choraram sua morte. No mais a cidade assistiu o drama da crucificação entre os indiferentes e hostis Cristãos Culturais.

Jesus Cristo sabia que os regimes políticos, com suas respectivas ideologias, sejam de direita ou de esquerda ou de centro, sempre se constitui em monstros predadores à cassa do cristão iniciático.

Para superar tal desiderato o ideal seria o regime distributivo, aplicado no Cristianismo Primitivo, existente no espírito comunitário do socialismo cristão. Então, o regime perfeito seria construído com a extirpação das coisas ruins, tanto do capitalismo, quanto do socialismo e com a adoção das partes boas de cada um.

Jesus sabia que o homem nunca iria construir um regime perfeito. Pois o regime perfeito seria composto das partes boas do comunismo e do capitalismo, onde a liberdade de produção material e intelectual seria o seu ponto máximo. Este regime seria a síntese das virtudes do capitalismo e do socialismo. Este regime foi vivenciado, na prática, pelos cristãos do Cristianismo Primitivo.

Jesus possuía em sua doutrina alguma ideologia política? Ele era de centro, de direita ou de esquerda? Ele militou em algum partido político? Participou de algum sistema de governo, era capitalista, socialista, comunista, etc.?

A doutrina cristã universal pronunciada por Jesus Cristo é voltada para o livramento de todas as coisas, para se libertar das coisas de César e ligar às coisas de Deus. É para que o cristão se liberte de tudo inerente a matéria; e para libertar de tudo, não se pode identificar com nada deste mundo. *"Daí pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"* (Mateus *22:21)*.

Portanto, Jesus Cristo nunca militou em nenhum partido político e nem participou de nenhum sistema de governo e nem recomendou a algum de seus discípulos que participasse. Jesus nunca foi capitalista, nem socialista e muito menos comunista.

Jesus Cristo é do Holos, é do todo, não é do partido; pois partido é apenas uma parte do todo. Jesus fora condenado por rebeldia e subversão, por dois sistemas políticos, econômicos e sociais da época: **um romano e outro judeu**. O romano comandado pelos Césares e o judeu, pelo Sinédrio.

Se Jesus viesse hoje ao mundo, seria condenado da mesma forma pelo sistema político social vigente, sustentado pelo capitalismo, pelo socialismo ou pelo comunismo, quando não pelo próprio cristianismo promiscuído, que na realidade são os quatro sistemas que fagocita a sociedade humana.

Jesus entendia os partidos políticos, os sistemas sociais convencionais vigentes do mundo, como sendo coisas de Césares, coisas do mundo. E considerava que as coisas de Césares não são de Deus. Mas, também ele sabia que as coisas de César não podiam ser descumpridas pelo cristão cidadão, enquanto pertencesse ao mundo do Círculo Cristão Cultural Cristão.

Quando o Sinédrio percebeu o potencial libertador de Jesus Cristo, de imediato colocou Judas Iscariotes em seu encalce, visando engajá-lo em sua causa principal, que era de se libertar do julgo romano.

E na sua tarefa de convencimento à causa judaica, na época, Judas se tornou uma "mala sem alça", ao tentar persuadir Jesus a lutar contra os romanos, para libertar os judeus.

Num dado instante Jesus, ao responder ao convite de Judas, lhe pergunta: - Judas, quem domina o povo judeu, no momento?

– Certamente são os romanos, respondeu Judas.

– E se nós vencermos os romanos, quem serão os dominadores, perguntou-lhe Jesus?

- Certamente seremos nós, os judeus, respondeu-lhe Judas.

- Concretamente, meu reino não é deste mundo, respondeu-lhe Jesus.

Jesus sabia que passar de dominado a dominador e vice-versa é viver preso à roda da ilusão, não é libertário. No regime comunitário adotado pelo cristianismo primitivo não havia nem dominado e nem dominador.

Num regime de domínio, o sonho do dominador é dominar sempre e do dominado é de um dia ser dominador.

Então a lição que Jesus Cristo nos deixou é de que a nossa libertação não vem pelo atrelamento ao sistema político subjetivo vigente, atrelado às coisas do mundo e não de Deus, de onde é o seu Reino. O Reino de Deus vem a nós pelo contrário, vem ao desatrelarmos do sistema político subjetivo, libertarmos dele, não identificarmos com ele etc.

Se estamos identificados com um determinado partido é porque ideologicamente nos satisfaz e nossa ideologia, corresponde ao nosso perfil ideológico. E nosso perfil ideológico nos dá o modo de leitura do mundo. Como o nosso perfil ideológico é configurado sobre o ego, nos induz a fazer a leitura ilusória, assim como a abordagem de uma versão da verdade, segundo a nossa visão reducionista.

CAPÍTULO 06 – A VERDADE SOBRE OS PARTIDOS POLÍTICOS

A verdade está no todo, nas partes só podemos encontrar versões desta. Então não dá para um indivíduo de um determinado partido político “A” ver a mesma versão da verdade que vê outro indivíduo do partido “B”, de um determinado fato. Pois são de ideologias diferentes, tem visões diferentes, dadas pelo ego.

Só consegue enxergar a verdade de um fato na sua inteireza, pelo todo, levado pela luz da consciência, quem não está identificado com uma das partes. Só pode ser Juiz quem está neutro na questão. Quem está identificado com alguma das partes não consegue ser imparcial.

Se estamos identificados com um partido político, é porque ainda somos do Círculo Cristão Cultural e enquanto estivermos identificados, certamente aí ficamos, não migraremos para o Círculo Cristão Iniciático.

Enquanto estivermos identificados não avançaremos no trabalho iniciático, ficaremos estancados. Não nos libertaremos das coisas de César, não adentramos às coisas de Deus. Pois, se estamos identificados é porque não estamos nos autos observando e daí não estamos fazendo a morte mística dos nossos defeitos, para nascemos para os reais valores de cidadania o Reino de Deus, para as virtudes da alma.

Quanto mais nos identificarmos com um sistema político, mais distante ficaremos da libertação da roda do Sansara, pois identificação e liberação se constituem em grandezas inversamente proporcionais.

Quanto mais simpatizamos com um partido político, ou militamos nele, mais distantes ficaremos da verdade. Pois a identificação com as coisas de Cesar nos leva às coisas do mundo; e a não identificação com os partidos, com as coisas do mundo nos correlaciona diretamente com as coisas de Deus.

Jesus Cristo enunciou o seu conhecimento para dois círculos: Cultural e Iniciático. No Círculo Cristão Cultural estão todos os chamados por Jesus Cristo para a missa, para o culto etc. No Círculo Cristão Iniciático estão os poucos escolhidos por Jesus Cristo, a partir do Círculo Cristão Cultural para as provas e iniciações

No Círculo Cristão Cultural estão os cristãos que entende as coisas ainda pela parte e não pelo todo. São aquelas pessoas que ainda não tem ouvido para ouvir e ne olhos para ver os grandes mistérios.

No Círculo Cristão Cultural estão os cristãos que só conseguem ler o que está escrito nas linhas das escrituras. Não conseguem ler o que está nas entrelinhas. No Círculo Cristão Cultural está o cristão que não consegue entender o significado de um símbolo sagrado, determinado por um significante.

Portanto, as questões políticas partidárias, ideológicas, a participação em sistemas convencionais de governos etc., são perfeitamente procedentes a um Cristão do Círculo Cultural. Porém estas coisas são incompatíveis, improcedentes para um Cristão do Círculo Iniciático, que já entende o que está escrito nas entrelinhas das escrituras sagradas, que entende o significado de um símbolo etc.

Cabe a cada um de nós estudante e praticante de espiritualidade, se estivermos identificados com aspectos políticos partidários, auto-observar atentamente a causa desta de identificação, para saber de onde ela vem e quais são as suas consequências. Devemos, de imediatos, ao perceber o menor detalhes desta identificação e trabalhar para a sua erradicação com a morte mística em marcha.

Tem muita gente por aí (os equivocadamente sinceros) entrando de "gaiato no navio" ao se constituir em apoiador de partidos, de candidatos de políticas partidárias, sem saber que o verdadeiro cristão iniciático jamais faria isto.

O pseudocristão não conhece os princípios da real Doutrina Cristã Iniciática. Onde Jesus apresentou os reais postulados da salvação, para integração com Deus, para liberação de tudo isto que é de César.

Pela real Doutrina Cristã Iniciática, se meter em política partidária, por iniciativa própria, para prestar apoiamento a tal ou qual candidato, a tal ou qual partido, resulta totalmente incompatível com os reais ensinamentos de Jesus Cristo.

Voltar é necessário e cada cristão autêntico deve fazê-lo secreta e conscientemente. É o dar a César o que é de César. Mas render apoio a tal ou qual candidato, porque minha igreja, meu padre, meu pastor etc., assim o fizeram equivocadamente, é entrar de “gaiato no navio”. Isto já não é mais dar a César o que é de César, é integrar-se ao que é César, passar a ser de César e distanciar-se de Deus. E isto é totalmente incompatível com a Doutrina de Libertação do Divino Redentor da Humanidade.

Há muita confusão pelas pessoas entre regime político e sistema econômico. Uns tem medo do comunismo, outros do fascismo e outros ainda do capitalismo.

Jesus Cristo fora julgado, condenado e morto pelo sistema social vigente na sua época, por dois sistemas políticos principais, taxado como rebelde e subversivo. De um lado estavam as pessoas dos sistemas econômico dos Césares e do outro lado, os dos políticos sociais dos judeus, representados pelo Conselho do Sinédrio.

Jesus nunca aderiu a nenhuma forma de governo, a nenhum regime político e a nenhum sistema econômico, pois o reino dele não era deste mundo, do mundo dos césares, era das coisas de Deus. Ele não era capitalista, nem comunista e muito menos facista.

A Doutrina Jesus Cristiana foi, é, e sempre será para libertar o ser humano das formas de governos, dos regimes políticos, dos sistemas econômicos etc.

Pois para um Cristão Cultural se envolver com estas coisas de César (do mundo) é perfeitamente normal, pois ele ainda não compreende os princípios ensinados por Jesus Cristo. Porém, para um Cristão Iniciático, que compreende em profundidade os ensinamentos do Divino Rabi, estas coisas são incompatíveis com a Doutrina Cristã Universal.

"Que jóia de sabedoria para muitos de nós no momento presente, afetados de forma desapercebida pelo sistema de informação (mídia) que se se utiliza da técnica da manipulação e convencimento: " se estivermos identificados com aspectos políticos partidários, auto observar atentamente a causa desta de identificação, para saber de onde ela vem e quais são as suas consequências. Devemos, de imediatos, ao perceber o menor detalhes desta identificação e trabalhar para a sua erradicação com a morte mística em marcha."(Marcos X Clarice).

O capitalismo e comunismo são dois monstros anticristos, que sempre estiveram caçando a humanidade. Tanto o capitalismo exacerbado, quanto o comunismo são empecilhos à democracia plena do Reino de Deus. Jesus é democracia, justiça, misericórdia e compaixão.

Conclusão, política e religião não se misturam no interior do Cristianismo Iniciático, são coisas do mundo, mas que penetram e compenetram entres os cristãos cultuais.

Para revalorizar os princípios cristãos da Doutrina Cristão Universal é preciso retirar as finanças, a política, o mercantilismo etc., das religiões. É preciso voltar a dar valores às coisas santas ensinadas pelo Senhor Jesus, obedecer às diretrizes do Divino Rabi da Galiléia.

CAPÍTULO 07 – O SACRO OFÍCIO É O SACRIFÍCIO PELA HUMANIDADE

Nos ditames da Doutrina Cristã Universal**,** quando se cobra pelas tarefas do sacro ofício, pelo sacramento e pelo verdadeiro ensinamento cristão iniciático(gnóstico), quando o divulga por intermédio de livros vendidos a preços que vão além dos custos, quando se cobra para proferir conferências, palestras, seminários etc., cai-se no mundo da comercialização absurda de coisas sagradas. Quem assim age é um traidor, que sacrifica humanidade ao invés de sacrificar-se por ela, se ganha carma,

não desperta a consciência e consequentemente não se liberta do mundo das infelicidades.

O verdadeiro ensinamento já pertence à humanidade, outorgado por Jesus Cristo. Portanto, ela não precisa pagar por aquilo que já lhe pertence. Malditos são todos aqueles que vendem as coisas sagradas, que comercializam os ensinamentos do Cristo, que tiram proveitos financeiros das coisas sagradas, de tudo aquilo que Jesus e os apóstolos construíram e nos deixaram gratuitamente, em cumprimento dos requisitos do Terceiro Fator de Revolução da Consciência etc.

O comércio de coisas sagradas não é permitido pela Loja Branca aos gnósticos ou cristão iniciáticos. Já não chega às mais diferentes ordens religiosas que vendem o sacramento do batismo, cobram pelos casamentos, pelas consagrações, pelas unções, pelos rituais, pelas missas e cultos etc., através de um comércio mercenário, que sacrifica os seres humanos e desonra a humanidade.

Seria impossível imaginar Jesus Cristo cobrando os seus maravilhosos ensinamentos! Quanto deveria custar o Pai Nosso, o Sermão da Montanha, os milagres, as curas etc.? Jesus não quis em nenhum momento sacrificar a humanidade, mas sim sacrificar-se por ela. E assim, nos amou intensivamente com toda força de sua alma e de seu coração, de tal forma que, por nós, sacrificou-se ao limite de sua própria vida!

Jesus Cristo em sua infinita bondade deixou-nos gratuitamente, através dos seus apóstolos, o seu maravilhoso ensinamento de incalculável valor, por meio de um mandamento para que assegurasse a gratuidade destes também aos nossos semelhantes: ***"Dai de graça aquilo que de graça recebestes".***

Jesus não comercializava os seus ensinamentos. Para ele os ensinamentos se revestiam de um sagrado e precioso valor inestimável: *"Não deis aos cães o que é santo, nem atireis as vossas pérolas aos porcos, para que não pisem e, voltando-se contra vós estraçalhem." (Mateus 7,6).*

O Sacrifício pela Humanidade se constitui no T***erceiro Fator de Revolução da Consciência*** prenunciado pelo VM. Samael Aun Weor, que se compõe de duas partes: ***Caridade Material e Caridade Espiritual.***

A caridade material se constitui numa provisão material, para prestar assistência imediata, através de doações de comidas, agasalhos, dinheiro, remédios, trabalhos voluntários etc., aos nossos semelhantes, com objetivo de aliviar as suas necessidades físicas de fome, frio, abrigo etc.

A caridade universal se constitui numa obrigação de todo concidadão do mundo dotado de compassividade, cuja prática a sociedade atual está em débito, pois aumenta a cada dia, nos quatro cantos do mundo, o número de pessoas desassistidas, que moram na rua, dormem ao relento, passam frio, passam fome e não há quem alivia a sua dor, sofrimento e angústia!

Se cada um de nós fosse revestido de um pequeno fragmento da compassividade de São Francisco de Assis, seria mais que impossível encontrar um irmão dormindo numa calçada fria!

Ao bem da verdade, a caridade universal, seja ela material ou espiritual, só se delineia como **Terceiro Fator de Revolução da Consciência, Sacrifício pela Humanidade,** quando configurada com extremo esforço, com sacrifício, por parte do agente compassivo. Assim, o **tostão** da viúva se traduz em **Sacrifício pela Humanidade**, quando doado caritativamente, pois vai lhe fazer falta. Por outro lado, ele não se verifica com o **milhão** do homem de posse.

A caridade material nos confere darma também material e a espiritual, darma espiritual. **S**ó se pratica o ***Terceiro Fator de Revolução da Consciência e*** adquire darma espiritual, aquele que se sacrifica para passar ***gratuitamente*** os ensinamentos deixados pelos Veneráveis Mestres da Loja Branca. Aquele que comercializa, direta ou indiretamente, o ensinamento não adquire darma, pois não se sacrifica pela humanidade, ao vender qualquer coisa do sacro oficio já recebeu pelo serviço que prestou.

A verdadeira senda de Deus necessita de obreiro revestido de compassividade, que esteja disposto a sacrificar-se pela humanidade, para não a sacrificar ainda mais!

A forma mais elevada de prática do ***Terceiro Fator de Revolução da Consciência*** consiste em sacrificar para levar o ensinamento da verdade aos nossos semelhantes, para que eles se libertem da condição de agentes dependentes da compassividade, receptores do produto dos sacrifícios de outrem, através da caridade universal, e passem a gentes compassivos também, doadores de solidariedade, amor e paz.

Só se qualifica para prática do Sacrifício pela Humanidade o ente ***compassivo*****,** aquele que se compadece, que revestido de alteridade participa dos sofrimentos alheios.

Precisamos ampliar e exprimir a nossa compaixão, para ter um olhar e um carácter compassivo ao bem da humanidade.

A caridade material livra, temporariamente, o agente receptor da sua necessidade premente. A caridade material ***fornece o peixe ao agente receptor que está com fome,*** dando-lhe uma estabilidade provisória. Mas logo ele volta a ter fome novamente e o ciclo vicioso se repete indefinidamente. Enquanto a caridade espiritual, na forma de ensinamentos, liberta-o para sempre, ao ensinar-lhe a pescar o peixe para satisfação de suas necessidades.

O *Sacrifício pela Humanidade* se traduz naquilo que podemos e devemos fazer por nossos semelhantes. Ninguém entre os seres humanos está isento da necessidade de amar e de ser amado. Para exercitar e ampliar a nossa compaixão precisamos amar nossos semelhantes, porém temos que demonstrar o nosso amor com fatos, claros e definitivos.

Para construir e solidificar a nossa consciência não basta dizer que se ama, precisamos estar num eterno estado de prontidão para servir com fatos os nossos semelhantes naquilo que eles necessitam.

Sacrifício pela Humanidade, na prática, acaba sendo diferente da mera caridade. Na medida que caridade é uma ***obrigação*** nossa para com o nosso próximo. O sacrifício já é mais profundo, por ser algo ***voluntário***, que implica em sacrificar alguma coisa nossa, importante para nós, que nos faz falta, como lazer, tempo, energia e até a própria vida, em benefício da humanidade.

Aprendemos com os ***Veneráveis Mestres Saw e Rabolú*** que a humanidade é uma grande família, onde todos os seres humanos, sem distinção de raça, credo, casta ou cor, se constituem uma só coisa, que coexistem de modo simultâneo e interdependente com os demais seres bióticos e abióticos do planeta, tecendo o fio da vida.

O melhor que podemos fazer para qualquer membro de nossa família é levar-lhe a luz do conhecimento iniciático, mostrar-lhes o caminho, a fim de que ele também possa caminhar em direção Liberdade

Os Veneráveis Mestres da Loja Branca nos ensinaram incansavelmente o caminho que nos leva à liberdade, ao amor e à paz, ressaltando que se quisermos ser felizes, precisamos lutar pela felicidade dos outros, que quanto mais se dá, mais se recebe. Mas que, porém, o que nada dá, até o que não tem lhe será tirado.

Na construção e exercício da compaixão, precisamos querer bem e amar a todos os nossos semelhantes e não apenas quem nos ama, como qualquer um faria, mas também aos que nos odeiam. A verdadeira compaixão consiste em amar não só os que nos amam, porque nos compreendem, mas amar sobretudo aqueles que nos odeiam porque não nos compreendem.

Devemos sacrificar para que conhecimento gnóstico possa chegar gratuitamente ao nosso semelhante, para produzir transformações interiores em cada indivíduo que o colocar em prática efetivamente, para formar homens e mulheres íntegros, verdadeiros e completos, o que se configura em sacrifício pela humanidade, sem sacrificá-la ainda mais. Para aprendermos mais vamos ler os ensinamentos do VM através dos textos abaixo:

O sacrifício pela humanidade é o 3° fator de revolução da consciência e consiste na entrega - sem distinção ou discriminação de qualquer espécie e sem exigir ou mesmo esperar nada em troca - dos conhecimentos necessários para se fazer a revolução da consciência, ou seja, dos Três Fatores de Revolução da Consciência a todas as pessoas.

A palavra sacrifício é a junção das palavras sacro (sagrado) e ofício. Logo significa um trabalho superior ou mesmo divino. Disso temos vários exemplos em toda a história. Temos o exemplo de vários Mestres ou Avataras que entregaram esse conhecimento aos povos de suas épocas através de pregações, escritos, livros, escolas que fundaram etc. sem jamais exigir algo em troca de ninguém.

O grande Mestre Jesus Cristo nos ensina precisamente isso na passagem bíblica na qual não aceita - e ordena para que sejam doadas aos mais pobres - as moedas arrecadadas, por Judas Iscariotes, de vários seguidores.

Como se faz no cristianismo cultural, cobrar pelos serviços prestados pela igreja, por algo que é universal, que é um legado divino a todos os seres humanos, é um absurdo para o qual não existe justificativa.

No cristianismo cultural, infelizmente existem diversas instituições, organizações, escolas etc., que cobram para repassar aos demais esse conhecimento universal, mesmo sabendo que ele não é propriedade exclusiva de nenhum ser humano.

No cristianismo cultural, cobram pelo sacro ofício e utilizam das mais variadas justificativas, para justificarem a traição aos princípios do cristianismo iniciático e aos Mestres gnósticos de todas as épocas, convertendo esse sublime sacro-ofício em um abominável comércio.

Por isso alertamos as pessoas das mais diversas ordens místicas religiosas, para que não se deixem enganar por falsos profetas e falsas escolas que de alguma forma comercializam o conhecimento gnóstico, vendendo o que os autênticos Mestres deixaram gratuitamente como legado para toda a humanidade.

Esses casos de execrável comércio de ensinamentos, que além de tudo por várias vezes estão adulterados, não são de forma alguma respaldados pela Justiça Divina, e os que se ocupam dessas atividades nada têm a ver com o verdadeiro cristianismo iniciático.

"Pelos frutos os conhecereis". Assim**,** de modo algum os cristãos iniciáticos fazem do sacro-ofício um negócio. Mas no cristianismo cultural viver às custas do sacro-ofício é a tônica geral.

Por desobediência aos princípios cristãos primigênios a cristandade cultural vinculou a igreja cristão aos poderes sociais, políticos e econômico instituídos. Ela instituiu a indústria e o comércio da fé, profissionalizou o sacro ofício, promiscuiu os ensinamentos do Cristo e depreciou a Igreja Cristã Universal Primigênia.

A Política Subjetiva do Reino do Mundo é a política convencional aplicado aos seres humanos de espiritualidade do Círculo Cultural, ela é paga e sacrifica a humanidade com exorbitantes atributos de impostos, o que escraviza a humanidade. E em oposição a esta política, com o objetivo de libertar os seres humanos, Jesus Cristo propôs a Política Objetiva do Reino do Céus, veiculada pelos Três Fatores de Revolução da Consciência.

Agora para correr atrás do prejuízo e consertar o estrago feito pelo clero profano, é preciso que cada cristão, que queira realmente se acercar da verdade, revalorize dentre de si mesmo o princípio da prática correta do sacro ofício, segundo os padrões da Igreja Cristã Universal Primigênia.

CAPÍTULO 08 – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRÊS FATORES

Os três fatores de revolução da consciência se constituem na síntese usada pelo Dr. Samael Aun Weor para descrever a síntese da Doutrina Cristã Universal Iniciática(gnosis).

Todos os Mestres da Loja Branca, inclusive Jesus Cristo, configuraram as suas iniciações por meio dos três fatores de revolução da consciência e predicaram aos seus discípulos.

1º Fator é a morte mística - *"Todos os dias enfrento a morte, irmãos; isso digo pelo orgulho que tenho de vocês em Cristo Jesus, nosso Senhor"*(1 Coríntios 15).

2º Fator é o nascimento alquímico – *"Na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino". (***João 3:3,5)**

3º Fator é o sacro ofício - *"Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça daí*" (Matheus 10:8).

Em outras palavras Jesus enunciou os três fatores de revolução da consciência assim: Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo (faça o 1º fator, morra); toma a sua cruz (faça o 2º fator, nasça de novo); siga-me (faça o 3º fator, sacrifique pelo próximo, trabalhe gratuitamente para ele). "*Se alguém* quer vir após mim*, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me."* (Lucas 9:23).

O V.M. Samael Aun Weor unificou todo o conteúdo do conhecimento gnóstico, pertencente às diversas religiões e ordens místicas em torno dos Três Fatores de Revolução da Consciência. O V.M. Samael é o criador do Evangelho da Síntese Gnóstica.

Os Três Fatores de Revolução da Consciência se constituem num conectivo de interligação das partes do conhecimento místico, fragmentadas pelo paradigma antropocêntrico.

Cada uma das diversas religiões e das diversas ordens místicas, existentes pelo mundo, detém uma parte do conhecimento iniciático (gnóstico).

Os três Fatores de Revolução da Consciência se constituem na ferramenta holística que permite estabelecer a intersecção entre as partes e promover a conexão destas com o todo do conhecimento.

O conhecimento epistêmico, isto é, o conhecimento de cunho material, está diluído nas diversas escolas convencionais, em seus diversos graus, desde o Infantil até ao doutorado. Da mesma forma o conhecimento iniciático gnóstico também se dilui, em diferentes graus, nas mais diversas religiões e ordens místicas.

É absurdo colocar um estudante, que esteja no Ensino Fundamental do conhecimento epistêmico, por exemplo, para frequentar uma faculdade. Ele

não apresenta ainda as condições cognitivas exigidas para tal. Também seria ilógico colocar um aluno de faculdade para cursar o Ensino Fundamental.

Assim também acontece com um estudante do conhecimento gnóstico iniciático. Não dá para dar saltos e colocar alguém que esteja numa determinada religião, nos graus iniciais, para estudar e vivenciar os Três Fatores de Revolução da Consciência na integra, a totalidade da Gnosis.

Os Três Fatores de Revolução da Consciência na prática são interdependentes, isto é, são complementares entre si. Os Três Fatores de Revolução da Consciência são:

1º Morrer para os pecados – Fator que consiste em morte dos defeitos psicológicos, onde morremos para os nossos defeitos e nascemos para as virtudes da alma.

2º Nascer para as virtudes – Fator que está associado ao trabalho alquímico para fabricação dos veículos de manifestação nas outras dimensões do universo. Por se tratar do grande segredo da iniciação até Jesus falou deste nascer de modo velado: "Em verdade, em verdade te digo: "*Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus."* *(João 3:5)*. Coube ao V.M. rasgar o véu e revelar este grande segredo para o bem de todos nós. Assim, hoje todo estudante gnóstico sabe que o Segundo Fator de Revolução da Consciência é a magia sexual, praticada por casais legal e legitimamente constituídos.

3º Sacrifício pela humanidade – É o fator inerente ao trabalho gratuito em prol dos nossos semelhantes. Jesus Cristo enunciou o Terceiro Fator de Revolução da Consciência deste modo: *"Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios"* *(Mateus* 10:8).

O Ensinamento espiritual, considerado por Jesus como sendo uma pérola de grande valor, se constitui na forma mais elevada de se praticar o Terceiro Fator de Revolução da Consciência. Jesus deixou uma admoestação para a prática correta do Terceiro Fator de Revolução da Consciência, que fosse feita gratuitamente. "Pedro*, porém, lhe disse: não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o nazareno, anda!"* (Atos dos apóstolos, 3:6). *"...dá a todo o que te pede...*" (Lucas, 6:30). *"servir uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de deus*" (1 Pedro, 4:10*), e "...de graça recebeste, de graça daí"* (Mateus. 10:8).

Portanto, qualquer estudante gnóstico, ou qualquer religioso de qualquer religião, só cumpre com este mandamento, deixado pelo Cristo, se não cobra pelos serviços de sacramentos, pelos ensinamentos etc. Quem cobra,

ao invés de se sacrificar pela humanidade, sacrifica a própria humanidade. Assim tudo deverá ser feito em forma de caridade.

Os líderes das mais diversas religiões, pertencentes ao Círculo Cristão Cultural, padres, pastores etc., por desobediência à Doutrina Cristã Universal Primigênia, não praticam este princípio cristão estabelecido pelo Divino Rabi da Galiléia. Pois eles constituem-se em profissionais do sacro ofício, exercem postos de trabalho em suas igrejas, vivem desta profissão, cobram por suas tarefas, sacrificam o próximo ao invés de se sacrificarem por ele.

Há dois tipos de caridades: material e espiritual. Na Caridade Material sacrificamos pelos nossos semelhantes, para que tenham as suas necessidades físicas básicas satisfeitas. Na caridade material, sacrifica-se para dar o peixe para o necessitado remediar a sua situação temporariamente. Na caridade espiritual, sacrifica-se para ensinar o necessitado pescar o seu próprio peixe.

O termo sacrifício, quando usado na esfera espiritual, toma o sentido de sacro-ofício, com a junção das palavras sacro (sagrado) e ofício (trabalho).

O terceiro fator de revolução da consciência é o trabalho que se faz para a humanidade, é quando se entregar a alguém os conhecimentos iniciáticos necessários para se fazer a revolução da consciência. No Círculo Cristão Iniciático entrega-se o conhecimento gratuitamente para todas as pessoas que queiram conhecê-lo, sem distinção ou discriminação de qualquer espécie. E isto é feito voluntariamente, sem exigir ou mesmo esperar nada em troca.

Por meio do Terceiro Fator vários Mestres e Avataras entregaram esse conhecimento aos povos de suas épocas, através de pregações, escritos, livros, escolas que fundaram etc., sem jamais ter exigido algo em troca. As religiões e ordem místicas que cobram por algo que é grátis e universal, cometem um absurdo para o qual não existe justificativa.

Sacrificamos pela humanidade quando desenvolvemos boas ações em prol da mesma e sacrificamos a humanidade com nossas más ações, que certamente ajudarão a desencorajar as demais pessoas a praticar esses ensinamentos.

Para não se sacrificar a humanidade, aos moldes das religiões e de algumas ordens místicas do Círculo Cristão Cultural, não se pode cobrar e nem viver às custas do sacro ofício e nem esperar algo em troca pela entrega desse conhecimento.

Sacrificar a humanidade é receber esse conhecimento gnóstico e egoisticamente guardá-lo só para nós, é receber este conhecimento gnóstico e não o praticar na íntegra, é ocultar livros e outras fontes gnósticas, de onde outras pessoas poderiam obter esse conhecimento.

Podemos praticar o Terceiro Fator de Revolução da Consciência, sacrificar-se pela humanidade e não a sacrificar, de diversas formas: Levar estes ensinamentos às pessoas com as quais nos relacionamos diariamente e que se interessem pelo assunto, sempre respeitando o livre arbítrio de todos, estudar e colocar em pratica esses ensinamentos, principalmente a morte dos defeitos, para servimos de exemplo para os demais.

Ao bem da verdade, como acentua o V.M. Samael, a caridade é uma obrigação de todos nós seres humanos, é uma questão de cidadania. Só há sacrifício pela humanidade quando doamos voluntariamente aquilo que possivelmente iria nos fazer falta.

Muitas ordens místicas, no passado, já se constituíram em escolas iniciáticas autênticas, porque seus adeptos praticavam os Três Fatores de Revolução da Consciência na integra. Entre estas se pode citar: a Rosa Cruz, a Maçonaria, os Templários, os Essênios, o Cristianismo Primitivo, etc.

Infelizmente a entropia fagocitou estas instituições, se degradaram, perderam a conexão com os Três Fatores de Revolução da Consciência. Elas se perderam pelo materialismo, hoje elas estão cobrando pelos convênios, pelos sacramentos, onde cobram dízimos, cobram pelas coisas sacramentais, cobram pela informação, cobram pelos rituais, pela mantralização, etc.

A maioria das religiões e ordens místicas do cristianismo cultural, na atualidade, se constituem em instituições mercadológicas, transmitem informações falsas ou incompletas aos seus discípulos acerca dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

A igreja Cristão Universal do cristianismo cultural se constituiu, ao longo da história, numa indústria da fé, num comercio da crença.

A verdadeira escola de regeneração é aquela que entrega os Três Fatores de Revolução da Consciência, tanto aqui como lá no astral superior.

Na cerimônia de lava-pés, efetuada por Jesus Cristo, vamos encontrar um exemplo vivo da prática do Terceiro Fator de Revolução da Consciência. Ali

Jesus Cristo nos ensina teatralizadamente como servir aos nossos semelhantes gratuitamente, com amor e humildade.

Cada uma das muitas religiões do cristianismo cultural acredita que Jesus, na sua segunda vinda, virá em particular, somente para os seus adeptos daquela determinada igreja. Porém todos ficariam atônitos se pudessem perceber que Jesus Cristo não adentraria em nenhum templo dos existentes atualmente, por mais belo que fosse, porque ali não praticam a sua doutrina primigênia.

Se Jesus entrasse em qualquer um destes templos convencionais do cristianismo cultural e, se fosse irônico, poderia numas destas igrejas chiques pedir para celebrar algum sacramento. Onde ele poderia dizer: vocês cobram aqui tanto reais, direta ou indiretamente, por meio de coletas, ofertas etc., pela celebração deste sacramento, desta missa, deste culto etc. Então, hoje eu irei cobrar o dobro, pois vou transformar a água em vinho, multiplicar os peixes e os pães, ressuscitar os mortos, etc. Além do mais vocês usam tanta pomposidade, tem os seus instrumentos, suas músicas, etc. Porém eu quero me tragam a orquestra sinfônica, quero que seja naquela igreja banhada a ouro, porque eu sou Jesus Cristo.

Ao bem da verdade, como dizem os jovens, Jesus Cristo não era muito chegado em nenhuma religião e em nenhum templo ou igreja. E olha que na sua época já existiam diversas delas. Como prova disto pode se dizer que o divino Mestre adentrou ao templo colossal de Jerusalém umas duas ou três vezes só.

Ele sabia que ali naquele templo estavam os líderes religiosos demoníacos, rabinos endiabrados e religiosos satânicos, como Anás, Caifás, etc., que queriam matá-lo. Jesus sabia, que dali, daquele ambiente pseudo santificado, iria sair a sua condenação, sob a acusação de heresia, rebeldia e subversão.

Naquele tempo já era como nos dias de hoje, os problemas existentes em uma religião, em um templo, são terrivelmente demoníacos. Então, naquela, o que Ele preferiu fazer as suas belas pregações nos campos, nos bosques, nas montanhas, nas casas das pessoas, etc., certamente assim também Ele agiria hoje, se voltasse à Terra. Assim também aconteceu com a Virgem de Fátima, com a Nossa Senhora de Michigoria, etc.

Cada religião do cristianismo cultural, em desobediência à Doutrina Cristã Primigênia, construiu o seu templo. E eles se proliferaram muito ao longo dos tempos, apesar das admoestações dos Céus, da posição contrária da

divindade sobre a construção de tais recintos. *"O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens".* (Atos 17:24)

Desta forma, o cristianismo cultural, ao longo da história, avacalhou, depreciou a Igreja Cristã Universal Primigênia, ao deturpar os três fatores de revolução da consciência, instituir a indústria e o comercio da fé dentro dos templos, ao promover a construção de templos, mesmo contra a vontade de Deus, etc.

Agora, para revalorizarmos a Doutrina Cristã Universal do Rei dos Reis, precisamos, dentro de cada um de nós mesmo, ter discernimento para reconhecer e compreender os fatores causas da desvalorização do real da Doutrina Cristão Universal original e engendrarmos esforços para erradicá-los de dentro de cada um de nós mesmo.

Em oposição à política subjetiva do Reino do Mundo, que sacrifica a humanidade, Jesus Cristo propôs a Política Objetiva do Reino dos Céus, para servir a humanidade através dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

CAPÍTULO 09 - A POLÍTICA DE CADA CÍRCULO DA CRISTANDADE

Por pensar e agir segundo os sistemas do mundo, os Cristão do Círculo Cultural se decepcionaram com Jesus e o levaram injustamente à acusação, ao julgamento e à condenação fatal.

Os Judeus do Círculo Espiritual Cultural que se decepcionaram, não eram revestidos de propriedades iniciáticas, para poderem perceber o real propósito de Jesus Cristo.

Estes povos não queriam um Jesus atrelado as coisas de Deus, autônomo, que fosse Ele mesmo, que seguissem Seu Sagrado Caminho de Provas e Iniciações. Eles queriam que Jesus fosse atrelado à política subjetiva, um estadista ligado às coisas de César, às coisas do mundo, que fizesse o que o povo esperava que fosse feito pelo "verdadeiro" Messias.

Entretanto, Jesus não se desviou do seu caminho iniciático para atender os designíos deste povo, não permitiu se tornar semelhante aos Césares, não permitiu que as coisas de César lhe atraíssem, não deu chance ao orgulho, à vaidade, a usura e a sede de poder político temporal. Ele não veio para ser servido ao estilo de Césares, mas sim como Ele mesmo disse: *"Eu vim para servir."*

Muitos dos Cristãos Culturais, desprovidos de propriedades iniciáticas, chegaram a acreditar que Jesus pudesse ser, ao estilo de Moisés, o Rei-libertador da pátria. Então este povão todo, esta multidão entra em êxtase no Domingo de Ramos, anterior à Páscoa, quando Jesus penetra triunfante na Jerusalém Sagrada, o receberam de braços abertos, gritaram e idolatraram-No etc., ainda pensando que de última hora Jesus iria "chutar o pau da barraca" e ir à luta contra os romanos.

Porém estes milhares de seguidores, semelhantes aos cristãos políticos de hoje, não queriam seguir o caminho iniciático do Cristo, não queriam as coisas de Deus.

Estes Cristãos do Círculo Cristão Cultural queriam que Jesus realizasse a vontade deles, que fosse criado um reino Judeu soberano, atrelado às coisas do mundo. Porém Jesus os alertou que seu Reino não era deste mundo, que o Caminho para se chegar a seu Reino era o Iniciático que a partir dali estava instituído para todos os Cristãos iniciantes, em todos os tempos, por meio dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

Jesus Cristo sabia que se Ele criasse um Reino, semelhante aos do Césares, logo este Reino se corromperia e seria tão opressor e imperfeito como os outros.

Assim todos os aspirantes ao Círculo Consciente da Humanidade aprendem ensinamentos de Jesus Cristo, através da sua história, palavras e exemplos a serem seguidos.

Deste modo, Jesus Cristo se configurou num modelo a ser seguindo pelo Cristão Iniciático, sintetizado na condição de que a nossa real liberdade nunca viria via sistemas políticos convencionais, mas sim via caminho iniciático.

Jesus pagou um preço alto por não ter se sucumbido aos poderes dos sistemas convencionais, por não ter sido político subjetivo, por não ter sido estadista, por não ter sido capitalista e nem comunista, por não ter feito o que os homens queriam que ele fizesse. Ele pagou com própria vida, por não aderir às coisas do mundo no padrão satanasiano.

O fanatismo se transformou em raiva e em frieza do coração nas pessoas do Círculo Cristão Cultural Cristão. Assim, apenas os seus discípulos mais próximos, o pessoal do Círculo Cristão Iniciático, os amigos mais chegados choraram sua morte. No demais a cidade assistiu o drama da crucificação entre os indiferentes e hostis Cristãos Culturais.

Jesus Cristo sabia que os regimes políticos e os sistemas econômicos subjetivos, com suas respectivas ideologias, sejam de direita, esquerda ou de centro, sempre se constituem em monstros predadores do homem, que sempre estarão à caça do cristão iniciático.

O ideal político seria aquele que contemplasse um regime econômico distributivo de rendas, nos moldes do Cristianismo Primitivo, como o existente no espírito comunitário do socialismo e a liberdade de iniciativa privada de produção de bens, como a do capitalismo.

Então o regime econômico perfeito seria construído com a extirpação das coisas ruins do bojo, tanto do capitalismo quanto do socialismo e com a consequente adoção das partes boas. Então teríamos um modelo Jesucristiano, construído no pilar da liberdade de inciativa privada, como se dá no capitalismo, associada a uma justa distribuição comunitária de bens produzidos, como ocorre no socialismo.

Jesus sabia que o homem nunca iria construir um sistema político perfeito, pois este seria composto das partes boas do capitalismo e das partes boas do comunismo, onde a liberdade de produção com equidade de distribuição material e intelectual seria o seu ponto máximo. Este regime seria a síntese das virtudes do capitalismo e

as virtudes do socialismo. Este regime foi vivenciado, na prática, pelos cristãos do Comunitarismo, no Cristianismo Primitivo.

Jesus possuía em sua doutrina alguma ideologia política? Ele era de centro, de direita ou de esquerda? Ele militou em algum partido político? Participou de algum sistema de governo, era capitalista, socialista, comunista, nazista, fascista etc.?

A doutrina cristã universal pronunciada por Jesus Cristo, em sua Política Objetiva, é voltada para o livramento de todas as coisas, para se libertar das coisas de César, das coisas do mundo se religar às coisas de Deus. É uma doutrina para que o cristão se liberte de tudo; e para libertar de tudo, não se pode identificar com nada. ***"Daí pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"*** *(*Mateus *22:21)*.

Portanto, Jesus Cristo nunca militou em nenhum partido político e nem participou de nenhum sistema de governo e nem recomendou a algum de seus discípulos que participasse. Jesus nunca foi capitalista, nem socialista e muito menos comunista. Ele se predispôs ensinar o homem a trabalhar para produzir riquezas e redistribuir entre todos, para não a ajuntar em tesouro na Terra.

Jesus Cristo é holosótico, por isto é do todo e não só da parte. Ele não é do partido, pois o partido é apenas uma das partes do todo.

Jesus fora condenado por rebeldia e subversão, por dois sistemas, pelo político e pelo econômico da época, dois sistemas sociais da época, nos moldes romano e judeu da época. O romano comandado pelos Césares e o judeu, pelo Sinédrio.

Se Jesus viesse hoje ao mundo, em sua volta, seria condenado da mesma forma pelo sistema político subjetivo social vigente, sustentado pelo capitalismo, pelo socialismo, pelo nazifascismo ou pelo comunismo. Também seria atropelado pelo próprio cristianismo cultural promiscuído, que na realidade são sistemas que parasitam a sociedade humana.

Jesus entendia os partidos políticos, os sistemas sociais convencionais vigentes do mundo, como sendo coisas de Césares, coisas do mundo. E considerava que as coisas de Césares não são de Deus. Mas, também ele sabia que as coisas de César não podiam ser descumpridas pelo cristão cidadão, enquanto pertencesse ao mundo do Círculo Cristão Cultural Cristão. As coisas de César não se reduzem à moeda, ao dinheiro, mas a tudo que está associado a ele

Quando o Sinédrio percebeu o potencial libertador de Jesus Cristo, de imediato colocou Judas Iscariotes em seu encalce, visando engajá-lo em sua causa principal, que era de se libertar do julgo romano.

E na sua tarefa de convencimento à causa judaica, na época, Judas se tornou para Jesus Cristo, uma "mala sem alça", ao tentar persuadir Jesus a lutar contra os romanos, para libertar os judeus.

Num dado instante Jesus, ao responder ao convite de Judas, lhe pergunta:

- Judas, quem domina o povo judeu, no momento?

– Certamente são os romanos, respondeu Judas.

– E se nós vencermos os romanos, quem serão os dominadores, perguntou-lhe Jesus?

- Certamente seremos nós, os judeus, respondeu-lhe Judas.

- Concretamente, meu reino não é deste mundo, respondeu-lhe Jesus.

Jesus sabia que ao passar de dominado a dominador, e vice-versa, é viver preso à roda da ilusão, não é libertário. No regime comunitário adotado pelo Cristianismo Primigênio, de perfil Cristiano, não havia nem dominado e nem dominador. Mas no Cristianismo Constantiniano de perfil sataniano iniciou-se a prática na Igreja do modelo da política de dominações do Império Romano.

Num regime de domínio, o sonho do dominador é dominar sempre e do dominado é de um dia ser dominador também.

Então a lição que Jesus Cristo nos deixou é de que a nossa libertação não vem pelo atrelamento ao sistema político vigente, pois isto se constitui em coisa do mundo e não de Deus, de onde é o seu Reino. Pelo contrário, a nossa salvação vem se desatrelarmos dele, libertarmos dele, não identificarmos com ele etc.

CAPÍTULO 10 - O CATOLICISMO NA POLÍTICA SUBJETIVA

O Catolicismo político oficial se inicia no século XIX, apesar de ao longo de sua história, especialmente na Idade Média, o catolicismo sempre ter tido uma dimensão política além da religiosa, sendo um exemplo disso o poder político das encíclicas papais.

Como um movimento ele começou com os prussianos católicos na segunda metade do século XIX, como uma reação aos conceitos sociais do liberalismo. O principal motivo foi a tentativa do chanceler Otto von Bismarck de limitar a influência da Igreja Católica, primeiro na Prússia, e depois na Alemanha unificada. Essa disputa é conhecida na história como *Kulturkampf*.

A partir do cristianismo proto-ortodox a Igreja, nos três primeiros séculos, ao contrário do que ensinou Jesus Cristo, foi se infiltrando na dimensão política e se afastando da sua dimensão espiritual. A partir do Concílio de Nicéia a Igreja se institucionaliza, mescla o sagrado do espiritual ao profano da política e deprecia definitivamente a Doutrina Jesuscristiana Primigênia.

Os movimentos católicos políticos ganharam um novo impulso para desenvolverem-se e aumentaram a sua área de atuação após a encíclica *Rerumnovarum* de 1891 do Papa Leão XIII; esta encíclica levou a Igreja

Católica a expandir o seu interesse em tópicos sociais, econômicos, políticos e culturais.

A Igreja sempre se meteu na política para atuar em defesa do seu patrimônio material, para defender os direitos adquiridos, coisas combatidas pelos capitalistas liberais. E ela exigiu uma drástica conversão da sociedade ocidental do século XIX em face das influências liberais.

Os crentes católicos do laicado e do clero, se engajam na política para tentar resolver os problemas sociais graves, segundo os princípios cristãos católicos, em oposição a uma abordagem puramente secular de tais questões.

O movimento dos políticos católicos do século XX se fortaleceu na Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Áustria, Irlanda, França e América Latina. Esses movimentos defendiam os supostos direitos adquiridos da Igreja Católica. Esses direitos eram criticados e contestados por políticos liberais. A Igreja por sua vez chamava estes liberais de "anticlericais". A igreja tirou o seu foco de defesa da fé e dos valores morais católicos, nesta época, para crescer na secularização. Membros de escolas de pensamento em oposição chamaram tais tentativas de clericalismo.

Nos movimentos católicos desenvolveram várias ideologias relacionadas com a democracia cristã. Muitos criticaram o capitalismo e promoveram o socialismo cristão.

O catolicismo político via sempre como inimigos os liberais, por promoverem o secularismo. Os maçons. eram oponentes veementes do catolicismo político. Os movimentos mais conservadores do catolicismo político combateram não apenas o liberalismo e a maçonaria, mas também o espiritismo, o comunismo, o socialismo e o protestantismo.

Surgiram dentro do catolicismo político os grupos ultraconservadores, que foram denominados vulgarmente de tradicionalistas. Eles criticaram e rejeitaram as ideias do Concílio Vaticano II.¨

A Igreja Católica Estatal ao separar da Igreja Jesuscristiana seguiu mais ou menos no perfil nazifascista e até o Concílio Vaticano II ela não aceitava completamente o modelo da democracia moderna e sua expansão nos domínios econômicos e sociais.

A Igreja sempre de perfil conservador, quando percebeu que os ativistas sociais católicos se tornaram muito esquerdistas nos conflitos sociais, tentou frear os seus excessos. Assim se deu com o movimento dos padres-operários na França, nas décadas de 1940 e 1950, e a Teologia da libertação na América do Sul nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

A Igreja Estatal acostumada, ao longo da história, a taxar de hereges todos aqueles que divergissem de suas ideias, do falso clichê de que comunistas e social-democratas eram em sua maioria ateístas. Esses movimentos provam o contrário, especialmente nos países de maioria católica.

A Igreja Estatal no seu perfil nazifascista só se alinhava bem com quem tivesse o seu mesmo perfil. Assim, antes e até depois da Segunda Guerra Mundial, na América Latina, especificamente no Brasil, o clero e o laicado católico frequentemente apoiaram líderes como Francisco Franco, António de Oliveira Salazar e Getúlio Vargas etc.

A igreja só apoiava, em sua tendenciosa ideologia, aqueles que se definiam como "anticomunista, antiliberal e anticapitalista", isto é, aqueles que estavam alinhados com o catolicismo político, como as ditaduras militares na América Latina, que se gabavam ser governos que veiculavam "valores" políticos católicos e faziam a inclusão de ensino religioso nas escolas públicas.

O catolicismo já teve os seguintes partidos políticos importantes:

- Partido Católico (*KatholiekePartij*, Bélgica) – 1869,
- Partido do Centro Alemão (*Deutsche Zentrumspartei* ou somente *Zentrum*) – com origens em 1870,
- Partido Social Cristão (Áustria) (*ChristlichsozialePartei*) – 1893,
- Liga Geral dos Caucus Católicos Romanos (*Algemeene Bond van Roomsch-KatholiekeKiesverenigingen*, informalmente conhecido como *Algemeene Bond*, Países Baixos - 1904, transformado no Partido do Estado Católico Romano em 1926,
- Partido Democrata Cristão (Suíça) (*ChristlichDemokratischeVolkspartei*) – 1912,
- Partido Popular Italiano (1919-1926) (*PartitoPopolare Italiano*) – 1919.

Adicionalmente aos partidos políticos, sindicatos católicos foram criados. Os primeiros foram:

- Sindicato dos Trabalhadores Tipógrafos (*Sindicato de Obreros Tipógrafos*) na Espanha (1897);
- Confederação dos Sindicatos Cristãos (*AlgemeenChristelijkVakverbond*) na Bélgica (1904);
- União Católica Trabalhadora (*UniónCatolicaObrera*) no México (1908);
- Federação Internacional dos Sindicatos Cristãos (InternationalFederationof Christian Trade Unions - IFCTO), em Haia em 1920 (que foi precedido pelo Secretariado Internacional dos Sindicatos Cristãos (InternationalSecretariatof Christian Trade Unions) fundado em Zurique em 1908, depois pelo Confederação Mundial do Trabalho (World ConfederationofLabour - WCL) até chegar ao a atual Confederação Sindical Internacional (International Trade Union Confederation - ITUC);
- Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristão (*Confédérationfrançaisedestravailleurschrétiens*) (1919);

- Federação dos Sindicatos Cristãos Luxemburguenses (*Fédérationdessyndicatschrétiensluxembourgeois*) (1921);
- Movimento dos Trabalhadores Cristãos (CatholicWorkerMovement) nos EUA (de 1933).

Após a Segunda Guerra Mundial, mais sindicatos foram criados, incluindo:

- Confederação Italiana dos Sindicatos de Trabalhadores (*Confederazione Italiana SindacatiLavoratori*, de 1950);
- Federação dos Sindicatos Cristãos da Alemanha (*ChristlicheGewerkschaftsbund*, de 1959);
- União Cristã dos Trabalhadores (*Christian Workers' Union*) no Belize (de 1963);
- Solidarność na Polônia (de 1980).

CAPÍTULO 11 - CATÓLICOS E NEOPENTECOSTAIS NA POLÍTICA

Para as religiões do círculo cultural cristão, de perfil antignóstico, participar de política é normal, ainda que contrarie a Doutrina Jesuscristiana em alguns pontos. Para o Cristianismo Iniciático(gnóstico), considerado herético pela Igreja Estatal, política não se deve misturar com religião.

Até os anos 1980, pelo menos, uma parte da Igreja Católica esteve na vida política brasileira para fazer frente ao militarismo. Desde os anos 1970 até o fim da ditadura, A Igreja Católica representou um dos poucos espaços de resistência às barbaridades dos militares.

Os generais-presidentes da República podiam nomear militares para ministros. Mas não podiam os nomear cardeais nem bispos. Também não podiam cassar os abades católicos que desafiavam ou enfrentavam o regime militar, tais como Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, Dom Aloísio Lorscheider, o cardeal arcebispo de Fortaleza, Dom José Ivo Lorscheiter, bispo de Santa Maria, Dom Paulo Evaristo Arns, o cardeal metropolitano de São Paulo, ou Dom Timóteo Amoroso, o saudoso abade do Mosteiro de São Bento, em Salvador.

A Igreja que ao longo da história, que no geral tinha andado longe da Democracia, nos anos 1970 ainda aqui no Brasil, ela se somava aos sindicatos e a outras formas de organizações da sociedade civil na questão da orientação do voto para candidatos que se opunha ao regime militar e que defendiam causas populares e democráticas. Esta tendência nos anos 1980, isso foi ainda mais importante porque reiniciou-se o ciclo de eleições presidenciais diretas.

A Igreja Estatal do Círculo Cultural Cristão sempre teve a capacidade de formar lideranças políticas comprometidas com os valores eclesiais em voga nos anos 1970 e início dos anos 1980.

Neste viés parte da Igreja Católica se movia pelo princípio da opção preferencial pelos pobres, pela doutrina da Teologia da Libertação e pela ideia de que a Fé tem que transformar a vida social.

Assim, com estas convicções muitos quadros católicos foram formados e encaminhados para a política institucional dos anos 1980 em diante, como por exemplo, uma grande parte dos quadros do Partido dos Trabalhadores, a começar pelo próprio Lula.

Nos dias atuais a Igreja Católica não é sequer a sombra do que já foi na segunda metade dos anos 1970 e nos anos 1980. Ela já perdeu inteiramente a capacidade de orientar votos e não tem mais a competência de formar lideranças políticas norteadas pelas bases do Humanismo Cristão com inserção social.

O papa João Paulo II, um cardeal do Leste Europeu que experimentou as agruras da sua comunidade católica sob uma ditadura comunista, afastou a Igreja latino-americana das premissas da Teologia da Libertação, do engajamento político e de uma perspectiva de Humanismo Cristão engajado que lhe parecia excessivamente marxista.

Na medida em que a Igreja Católica se retirava da tarefa de orientação de voto, os recém-chegados neopentecostais iam ocupando este espaço. Assim, na proporção que a Igreja Católica deixava de prover quadros para a política, os ultraconservadores pentecostais e neopentecostais assumiram o trabalho de indicar e eleger candidatos ligados aos seus próprios quadros.

Foi assim que os cristãos culturais, adepto do cristianismo constantiniano, opositores da Doutrina Jesuscritiana, tais como os bispos, pastores e missionários das congregações pentecostais começaram a ocupar e conquistar a hegemonia nas casas legislativas Brasil afora, das Câmaras de Vereadores às Assembleias Legislativas e, então, ao Congresso Nacional.

Foi nesta trajetória que o humanismo cristão católico, com a sua opção pelos pobres e por minorias, que chegou a ser importante na agenda política nos anos 1970 e 1980, foi gradativamente sendo substituída pela ideologia dos ultraconservadores e reacionária que conquistou cadeiras no Legislativo nas três esferas de poder e até a presidência da República.

O cristianismo cultural na política já não é mais sinônimo de justiça social e igualdade, como nos anos 1970 e 1980. Agora ele é sinônimo de aversão aos valores de direitos e de liberdades. Onde a Bíblia deixou de ser sinônima de libertação, para ser um fator de escravidão, um chicote que se estala no lombo da maioria de oprimidos, um meio de opressão e uma garantia de privilégios para a elite privilegiada da política subjetiva.

CAPÍTULO 12 - O QUE É DO MUNDO NÃO É DOS CÉUS

O Papa Francisco, desprovido de predicados iniciáticos, recomendou participação dos católicos na política. O Santo Padre afirmou que ***"temos que nos envolver na política, porque ela é uma das formas mais altas de caridade"*.**

Porém deve-se dizer ao a Francisco, ao bem da verdade, que seria caridade universal sim, se as pessoas que militam nela a fizesse de graça, como sacrifício pelo próximo, como exercício do terceiro fator de revolução da consciência.

O Papa afirmou que a política está mal porque os cristãos não se envolvem com ela, por isto está "suja": *"está suja por quê? Por que os cristãos não se envolveram nela com espírito evangélico?".* Na realidade os fatos têm demonstrado que a grande maioria dos cristãos, que se envolvem na política, acaba se corrompendo também.

Para o Papa, o católico não pode se fazer de Pilatos e lavar as mãos, conforme frisou: "É *fácil colocar a culpa nos outros, mas e eu, o que faço*?

O Papa Francisco é o gestor máximo do catolicismo do Círculo Cultural Cristão. Partindo da premissa de que a cristandade deste círculo cristão se encontra afastada dos preceitos Jesucristiano, se faz pertinente a recomendação dele para os cristãos deste círculo, ainda que seja contrária aos princípios da Doutrina Jesuscristiana Primigênia.

Por outro lado, deve observar que a participação dos cristãos culturais em sistemas políticos subjetivos, ao longo da história, não conseguiu elevar o padrão da política subjetiva deste mundo material e nem o nível moral dos cristãos políticos. São muitas as evidências dos cristãos, das mais diversas religiões cristãs, que se corromperam nela e prejudicaram a humanidade ao longo da história.

Como o Cristianismo Cultural não consegue aplicar uma didática perfeita para o despertar da consciência da humanidade, é preciso ir surgindo leis para conter a imoralidade e a delinquência do ente humano. Daí vão surgindo leis de arrocho para uns e de afrouxamento de princípios morais para outro.

Assim se vê a aprovação de leis cada vez mais iníquas em países de longa tradição católica. Esse afrouxamento dos princípios cristãos deve-se, entre outras coisas, à má índole e negligência de políticos, pastores e fiéis das mais diversas religiões, de muitos políticos que se dizem cristãos, mas na prática, professam um cristianismo satanizando.

Pela Doutrina Jesuscristiana é vedado à Igreja do Círculo Cristão Iniciático opinar sobre questões ligadas ao Estado, das políticas das coisas do Reino Mundo. Porém, o Papa Bento XVI, da Igreja do Círculo Cristão Cultural, por ocasião das eleições de 2010, lembrou aos bispos brasileiros que ***"quando os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigirem, os pastores têm o grave dever de emitir um juízo moral, mesmo em matérias políticas".***

A legítima separação entre Igreja e Estado foi instituída por Cristo quando disse na sua Doutrina Cristã Primigênia: *"daí a César o que é de César e a Deus o que é Deus".* Mas a Igreja Romana, achou que Jesus Cristo estava errado e no paradigma Constatiniano, achou que de maneira algum este princípio da Doutrina Jesuscristina se aplicaria ao campo da política.

Para um cristão do Círculo Cultural migrar para o Círculo Iniciático, ele precisa processar a sua liberação das coisas do Reino deste Mundo, conforme ensinou Jesus. E a política é sem dúvida uma coisa deste mundo, ainda que necessária enquanto vivermos neste mundo.

Portanto, é absolutamente normal e legal ao Cristão Cultural se engajar na política, sabendo que as ações espirituais do Cristão Iniciático são do Reino do Céus e as ações políticas do Cristão Cultural são do Reino do Mundo e que tanto o Reino do Mundo quanto o dos Céus são espaços de Deus e precisam ser preenchidos!

O Cardeal Joseph Ratzinger em 2002, sobre a atuação dos leigos católicos na política ensina que: ***"não pode haver, na sua vida, dois caminhos paralelos: de um lado, a chamada vida espiritual, com os seus valores e exigências, e, do outro, a chamada vida secular, ou seja, a vida de família, de trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura".***

Este parecer de Joseph é muito correto e coerente para a cristandade cultural, porém contraria o ensinamento Jesuscristiano para a cristandade iniciática, onde o Grande Kabir disse o coração do homem estará onde estiverem as suas ações. Se suas ações recaírem sobre as coisas da vida secular aí estará o seu coração, se recaírem vida espiritual aí estará o seu coração.

A cristandade do Círculo Cultural tem a sua conduta regulada pelas leis morais e a do Círculo Iniciático, pela ética**.**

Ensina o Catecismo da Igreja Católica, contrariando a concepção do Cardeal Joseph Ratzinger, que há distinção entre o serviço a Deus e o serviço à comunidade política. Ele diz que *"se acontecer de os dirigentes promulgarem leis injustas ou tomarem medidas contrárias à ordem moral, estas disposições não poderão obrigar as consciências". "A recusa de obediência às autoridades civis, quando suas exigências são contrárias às da reta consciência, funda-se na distinção entre o serviço a Deus e o serviço à comunidade política"*.

É preciso que a cristandade cultural ocupe o seu espaço na política, na dimensão secular, para defender os princípios morais; e é preciso que a cristandade iniciática ocupe o seu espaço, saindo do meandro político subjetivo, para defesa dos princípios éticos.

A história dos últimos vinte anos mostra a decadência moral da sociedade, em decorrência da sociedade cristã cultural. Quando esta não assume de maneira

responsável seus encargos na esfera política e quando assume agem com subjetividade. Com isto há ascensão de governos cristão e anticristãos culturais coniventes com todo o tipo de perversidade e imoralidade.

Porém deve-se dizer que entre os cristãos culturais das mais diversas religiões aconteceu a mesma coisa, com uma degeneração moral sem precedente: **escândalos sexuais, pedofilia, escândalos financeiros etc.**

Os cristãos culturais ora se misturam à política, ora não. Assim O Papa Bento XVI, por ocasião das eleições de 2010, lembrou aos bispos brasileiros que *"quando os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigirem"*, os pastores têm o grave dever de emitir um juízo moral, mesmo em matérias políticas". Já em 2018, a ordem da CNBB era de proibir os padres de se manifestarem, o que certamente afronta o ensinamento do Papa.

Atualmente, no Brasil, a Igreja se afastou das questões políticas, não existe um partido político no qual os cristãos católicos podem se filiar. Apesar de haver orientação dos papas para os católicos cristãos se envolverem na política do seu país.

Mesmo aos cristãos culturais, em se tratando de política subjetiva, é preciso cautela para participar dela, pois ela é cheia de interesses cruzados e contraditórios, inclusive os de classe, de família, de pessoas, de corporações, de igrejas e religiões.

Não é verdade que *"a política subjetiva é suprema forma de caridade",* na perspectiva cristã iniciática ela é para ser evitada. E só seria caridade se exercida, segundo o terceiro fator de revolução da consciência, voluntaria e gratuitamente.

A política de ações em defesa da manutenção de privilégios dos mais assistidos economicamente é de supremas injustiças. Ali geralmente os pobres elegem quem não vai lhes representar, quem tem o poder nas mãos para decidir sobre o futuro de milhões de pessoas, de sua educação, saúde, moradia, trabalho, renda, enfim, as condições mínimas para se viver em sociedade. Mas na prática estes acabam sacrificando os necessitados ao invés de sacrificarem por eles

A política não é a suprema forma de caridade*,* mas é uma questão de cidadania para o cristão cultural de qualquer religião. O cristão iniciático não tem o dever de participar da política objetiva, consoante a Doutrina Jesucritiana, mas tem o dever de voltar em partidos e pessoas que se interessam pela distribuição justa de riquezas, pelo bem-estar dos mais pobres, pelo respeito à natureza, à inclusão social e pelo futuro mais justo de todo nosso país, à dignidade da pessoa humana, o bem comum e à solidariedade. Todo cristão

CAPÍTULO 13 - OS CRISTÃOS NA POLÍTICA PARTIDÁRIA

Há um grito que se ouve em quase todo o mundo, nos tempos atuais, de viva a democracia! Viva a democracia! Governos que até a pouco tempo proibiam partidos

rivais, agora os convidam para sua concorrência. Há também governos totalitários que se utilizam do estado democrático para subir ao poder e, uma vez estando lá, dão o golpe no povo e usurpam o poder.

No regime democrático há liberdade para votar, para protestar, fazer passeatas etc. E qualquer cidadão pode facilmente participar delas e aproveitar-se delas.

Mas, diante de tudo isto como fica a posição do cristão? O que deve fazer o cristão para com o governo? Deve obedecê-lo? Devem unir-se a ele? O que mostra a Bíblia sobre o cristão e a política? O cristão deve obedecer e honrar ao governo?

Todos os cristãos, sejam culturais ou iniciáticos, devem obedecer e honrar os governos, quando estes forem jutos e cumprirem com os Dez Mandamentos de Deus. "*Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedeçam.*" (Tito 3:1)

Todos os cristãos, sejam culturais ou iniciáticos, devem respeitar os funcionários do governo. Devem sujeitar-se e obedecer às leis de seu país, enquanto estas não se opuserem a lei superior de Deus." *Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela." "Honrai ao rei"* (Tito 3:1).

O cristão deve orar e fazer sempre o bem ao governo? Todos os cristãos, os culturais de imensa maioria e os iniciáticos de uma pequena minoria, devem orar a Deus para o bem do governo indistintamente; da mesma forma devem apoiá-lo e obedecê-lo, enquanto seus procedimentos não forem maus, não estiverem contra Deus! Porque ao apoiar o governo, naquilo que esteja contra a natureza divina, é apoiar o Maligno! Pois as escrituras sagradas nos orientam a nos afastarmos da fonte do mal *"Aparta-te do mal, e pratica o bem; busca a paz e empenha-te por conquistá-la"* (**Salmos 34:14)**

O cristão deve pagar seus impostos? Cristão culturais e iniciátícos devem orar para que o governo tenha um bom desempenho na condução do país e devem pagar os seus impostos, dar a César o que é de César. *"Por esta razão também pagai tributos, porque são ministros de Deus... Portanto daí a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto"* (Romanos 13:33).

Nem todo governo constrói o país, há ao contrário, muitos que destroem o seu país. Há governo que desconstrói o que fora construído pelos anteriores. Há aqueles que desconstroem e há aqueles que o edificam, ajudando sempre aos demais.

Mas, o que dizer das oportunidades de participar no governo? Deve o cristão participar nos protestos contra o governo? Protestos contra o governo fica a cargo dos cristãos culturais, quando necessário for, de forma pacífica e democrática, para agirem em defesa do bem, lutando contra o mal.

Os Cristãos devem unir-se a algum partido político subjetivo? O pertencimento a algum partido político subjetivo é salutar entre os cristãos culturais. Porém os cristãos iniciáticos, partidários da Política Objetiva de Jesus, não fazem parte de nenhuma denominação partidária, a partir do momento que decidiram pelo caminho iniciático, nos ditames da Doutrina Jesuscristina Primigênia.

Deve votar nas eleições? Os cristãos culturais devem voltar e serem votados e os cristãos iniciáticos devem voltar, de acordo com a lei de seu país, para cumprimento

de seu dever, porém com isenção de afinidades partidárias, sem estar enlevado ou identificado com qualquer candidato de qualquer partido. O melhor para tal é o voto em branco, em países onde o voto é obrigatório.

Deve o cristão participar nos protestos contra o governo? Os protestos devem ser feitos por cristãos culturais, quando o governo esteja andando na contramão das coisas de Deus! A Bíblia diz que *"o cristão deve orar pelo governo*. Mas se o governo estiver praticando o mal, deve se afastar dele, protestar contra o mal, conforme está em **Salmos 34:14**.

Aquele que participar nos protestos, resiste à autoridade? Se, e a autoridade estiver praticando o bem para a nação, o resistente adquire carma, mas se o governo estiver praticando o mal, o resistente ganha darma. Porque é um dever de todos lutar contra o mal.

Esta história de que o cristão não deve participar de protesto contra o governo é coisa de governo antidemocráticos, que diz que o povo não deve falar contra as autoridades que Deus estabeleceu sobre ele.

Ao bem da verdade o cristão cultural deve fazer o bem para a sua nação, apoiando o governo que faz o bem e protestando contra o governo que anda na contramão dos valores éticos.

Deve o cristão unir-se a algum partido político? O cristão do círculo cultural, enquanto não decida migrar para o círculo iniciático em definitivo, pode e deve participar do sistema político, pois ainda está preso às coisas de César, às coisas do mundo. O cristão que decidiu em definitivo pelo círculo iniciático, já vai caminhando em direção ao livramento de tudo isto, vai se libertando do sistema político subjetivo, para caminhar em direção das coisas do Reino dos Céus.

Os partidos políticos, como como qualquer sistema do mundo material, são formados por pessoas incrédulas, misturadas com pessoas que buscam os valores espirituais, mas ainda estão em construção da sua perfeição, portanto portadoras de credulidade, misturada a incredulidade.

Na Bíblia está escrito: "*Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque... que parte tem o fiel com o infiel?*" Então os cristãos culturais, que aspiram ascender à Senda Iniciática, precisam saber que partidos políticos são formados por muitos incrédulos e o cristão que se une a um partido político, se une a um jugo desigual com os incrédulos. Por isso, o cristão iniciático não se deve unir-se a nenhum partido político.

Deve o cristão servir como funcionário do governo? Todo funcionário público é um funcionário de governo. Todo cristão cultural ou iniciático pode e deve ser um funcionário público e trabalhar com prontidão à serviço do próximo, do público, no exercício de suas funções, mas no sentido de servir ao próximo e não ser servido por ele.

A Santa Bíblia diz que aquele que está em autoridade "é *ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal.*" Vingador aí é sinônimo de aplicador da justiça. O governo

quando justo, aplica a justiça justamente, mas quando injusto, está fora deste perfil bíblico

Todo governo recebe de Deus a autoridade de jugar e castigar, nos termos da justiça e misericórdia divina. O cristão não deve vingar-se, mas, deixar a vingança para a justiça de Deus.

O governo subjetivo e cristãos iniciáticos seguem por caminhos diferentes, não é verdade? O governo subjetivo se preocupa com a pátria do mundo material e o cristão iniciático, obedece aos mandamentos da Bíblia, está focado na pátria do mundo celestial.

Deus não é parcial, Ele não ajuda eleger o candidato do partido “A” e nem o do partido “B”, mas deixa se eleger aquele que o povo merece. Uma nação justa, tem governo justo, mas uma nação de povos injustos, sempre terá um governo corrupto, para castigá-la, até que um dia venha tornar-se justa.

Portanto, antes que aconteça a eleição, Deus já escolheu o candidato que irá colocar no poder. Os propósitos de Deus sempre se realizam nas eleições. Então o cristão iniciático sabe que não terá que votar em alguém, pois se ele não deve governar, como poderá mandar que outra pessoa governe por ele? Uma vez que aquele que vota, ajuda a colocar no poder o candidato, o César, e assim ajuda a governar. Se torna coparticipe das coisas de César. O cristão iniciático não pode governar, não deseja ser e nem fazer parte dos Césares.

O cristão iniciático obedece às autoridades, paga seus impostos, ora pelo governo, mas não se envolve na política, não se identifica com ela. Por que não? Porque busca as coisas do Reino dos Céus, a sua “*cidade está nos céus*”, que é outro reino, é o reino de Jesus.

No início do cristianismo, os Cristãos Iniciáticos da Igreja Católica Apostólica Gnóstica, praticavam a Doutrina Jesus Cristiana Primigênia, não se metiam em política, pois sabiam que os objetivos da política deste mundo e os do reino de Jesus não coincidem, porque são opostos!

Irineu de Lyon e seus sequazes proto-ortodoxos tergiversaram o cristianismo primigênio e coligaram o cristianismo aos sistemas convencionais do mundo, no que que foi seguido à risca pelo cristianismo institucionalizado, a partir de Constantino.

Por isso o cristão iniciático não pode identificar e nem se envolver na política, uma vez que o político subjetivo vive para sua pátria terrena, atrelado as coisas do mundo material e o cristão iniciático vive para a pátria celestial, atrelado as coisas espirituais, procurando servir ao seu próximo.

O Cristão Iniciático vive neste mundo assim como viveu Jesus, praticando os Três Fatores de Revolução da Consciência, servindo a seu próximo, mas sempre com os olhos focados no mundo vindouro.

Os políticos subjetivos convencionais e os cristãos culturais não praticam os Três Fatores de Consciência, conforme determina a Doutrina Jesuscristiana, não se sacrificam pela humanidade e sim sacrificam-na, ao cobrarem pelos seus serviços.

Na perspectiva da Doutrina Jesuscritana, o cristão iniciático vive para servir e não para ser servido, assim como Jesus disse que **"*não veio para ser servido, mas para servir*".**

Na configuração de sua Doutrina Jesuscristiana Jesus disse: "*O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos...; mas agora o meu reino não é daqui.*" Por isso Deus exorta aos cristãos iniciáticos a não se misturar com políticos, dizendo: *"Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei."*

Todos sabem que o mundo político subjetivo está promiscuído. Mas, mesmo assim ele atrai cristãos do círculo cultural, que se identificam com o poder, com a fama, por que tem ainda ego vivo. Porém muitos cristãos culturais, ingenuamente dotados de boa vontade, quiseram unir-se a ela para o ajudar a seu país com as coisas do reino do mundo.

Devemos lembrar que essa nossa pátria, com sua política convencional subjetiva, é terrena e passageira. Logo os reinos e a política deste mundo vão desaparecer. Jesus voltará e reinará para sempre, porque na Bíblia está escrito assim: "*E o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.*"

O cristão iniciático sabe que o mundo político subjetivo continua com seu grito de guerra de "viva a democracia", que continua com suas marchas e protestos, que continua buscando o seu apoio. Mas apesar de tudo isto ele não deixa se levar pela política subjetiva. Ele mante o seu foco dirigido para Jesus e para seu reino eterno! Porque ele sabe que, em seu reino, Jesus lhe oferece a oportunidade de trabalhar para o bem-estar eterno de outros e lhe promete uma recompensa eterna. Ele sabe que se continuar fiel, estará entre aqueles que herdarão o Reino dos Céus, pois "p*ossuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.*"

CAPÍTULO 14 – A POLÍTICA OBJETIVA JESUSCRISTIANA

Se na sua volta, Jesus viesse hoje, ele protestaria contra algum político ou lei? Como Ele agiria, qual seria a sua participa política?

A política Objetiva de Jesus Cristo está descrita na sua Doutrina Jesuscristiana, **é** diametralmente oposta às políticas subjetivas convencionais do mundo.

Jesus Cristo nunca promoveu nenhum protesto político, nunca fez nenhuma passeata, nem promoveu greve etc., como fazem os políticos subjetivos de hoje, que fazem passeata, carreata, motociata, etc.

Ao contrário de tudo isto, como está escrito em Mt. 14:10-13, Jesus Cristo quando soube que Herodes decapitara João Batista, não esboçou qualquer demonstração de revolta, nenhum quebra-quebra ou pilhagem de estabelecimentos comerciais, nenhum bloqueio de bigas e de carros de boi, à guisa de protesto, nenhum tipo de condenação a Herodes ou ao seu governo. Jesus e Seus discípulos apenas retiraram-se silenciosamente e foram para um lugar deserto, para se afastarem de tudo aquilo por algum tempo.

Os Cristãos Iniciáticos, quando se sentiram prejudicados pelos Governantes, pelos Césares, como descrito em At. 12, nos episódios da morte de Tiago e da prisão de Pedro, não apelaram a Jerusalém ou a Roma, nem iniciaram um protesto pela não-violência, nem começaram a agir como vândalos, destruindo propriedades, queimando e saqueando etc. Então o que eles fizeram? Fizeram o que todo cristão cultural também deveria fazer, eles retiraram-se para um local particular e oraram. E o Senhor ouviu as suas orações.

Em At. 16:16-34 há a narrativa de quando Paulo e Silas foram injustamente presos, acusados, condenados e agredidos, também os seus seguidores não fizeram qualquer manifestação de protesto, nem no palácio do governador, nem nas ruas. Paulo e Silas não proferiram nenhum protesto, mas oraram a Deus e Ele eles foram salvos de modo miraculoso.

Em Lc. 13:1-5, está escrito que o nosso Senhor Jesus Cristo não emitiu nenhuma palavra de condenação para o delito nacional cometido por Pilatos, ao matar alguns galileus no templo, em meio aos sacrifícios que eram oferecidos. Essa profanação pagã do templo e repulsiva indignação perpetrada pelo pagão Pilatos, não extraiu uma única palavra de revide do Senhor

Jesus, ao contrário do que fez a diabólica Santa Inquisição, não interrogou ninguém, não julgou, não condenou, não torturou e não queimou na fogueira ninguém que divergisse de seus ensinamentos e nem mandou que qualquer cristão fizesse isto!

O que a política sistêmica da satânica Santa Inquisição da ICAR fez não encontra referência na política jesucristiana dos TFRC. Ali foi onde os inquisidores de perfil santanasiano fizeram tudo ao contrário do que Jesus ensinou.

Jesus não estabelecia polêmica e nem contendas por direitos civis para si mesmo ou para Seus seguidores. Ele ensinava aos Seus discípulos a serem obedientes às autoridades constituídas. Ao par disto vamos em Mt. 22:15-22, o enunciado de que nosso Senhor lhes ordenou pagarem os tributos a César, mesmo sabendo que César era um assassino, depravado, imoral, adúltero, cruel e sem coração, como são muitos dos políticos subjetivos de hoje em dia.

Para cumprir a lei e ser coerente com as coisas do mundo, Jesus disse que lhe pagassem os tributos, ainda que parte deles se destinassem ao sustento dos cultos idólatras do Império Romano.

Ao contrário dos cristãos culturais dos dias de hoje, Jesus não se intrometeu em nenhum dos governos das terras onde esteve. Assim também fazem os Cristãos Iniciáticos, pois cumprem determinações do Cristo, vide Jo. 20:21, onde o nosso Senhor diz: *"Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós".*

É simplesmente lamentável quando se vê crentes, evangélicos, todo tipo de cristão brigando por partido A, B e C, sedo apoiadores de governos, sendo governistas etc.

Os cristãos iniciáticos sabem que vivem temporariamente nesse mundo dos Césares, mas não são dele. Então eles pagam seus impostos, mas não voltam em candidato algum, não colocam suas esperanças neste mundo e nem em homem algum, aos poucos vão se afastando das coisas do Reino da Terra e se conectando as coisas do Reino dos Céus.

CAPÍTULO 15 – DEUS CONCEDEU A SATÃ O COMANDO DA POLÍTICA SUBJETIVA

Assim como dado por Deus a Jesus Cristo o comando da Política Objetiva do Reino do Céus, também se deu a Satã o comando da política subjetiva do Reino do Mundo.

Myles Munro afirmou em suas palestras que o Senhor Jesus foi um político e sua missão era de estabelecer o Reino de Deus na terra. Na realidade, no seu plano de criação o Criador concebera três reinos: O Reino do Mundo, O Reino de Deus na Terra e o Reino de Deus nos Céus. Estes reinos são inerentes a estados internos de consciência e às dimensões ou céus.

Ao Reino do mundo, que é o mundo interno da Babilônia (ego), foi dado o comandado para Satã. Ao Reino de Deus na Terra, que é o mundo da Jerusalém Celestial, foi dado o comando a Jesus Cristo. E o Reino dos Céus é o Reino de Deus que se expressa nas sete dimensões do cosmo.

Estes três reinos se relacionam de modo interdependente, onde um depende do outro e outro do um, respectivamente. Ninguém iria ao Reino dos Céus se já estivesse lá, Jesus só pode sacar daqui e levar para lá quem ainda está aqui, conectado às coisas do mundo, preso às coisas do Reino do Mundo. No Reino do mundo estão os muitos chamados e o Reino dos Céus é para onde vão os poucos escolhidos.

Portanto a política de Jesus Cristo é uma Política Objetiva de oposição à política subjetiva de Satã.

O Cristo quisera é retirar o homem destes sistemas convencional, entre os quais do político subjetivo e conectá-lo ao Reino dos Céus. Jesus ensinou exaustivamente que o seu verdadeiro reino é o Reino de DEUS, é espiritual. O Apóstolo Paulo assim escreveu: *"mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo* (Filipenses 3:20-21).

Quanto a política subjetiva convencional precisamos saber que nenhum cristão do cristianismo iniciático se envolve com ela. *"Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar àquele que o alistou"* (II Timóteo 2:4).

Como o sistema político de governo da Terra foi entregue a satanás, ele o distribui entre os comunistas, entre os capitalistas, entre os nazistas, facistas, etc., como bem quiser. *Assim "disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero"*. (Lucas 4:6).

Qualquer cristão cultural que se investe do poder político subjetivo, de César, se investe do poder diretamente atribuído, em primeiro lugar a satanás. Se investe do poder que fora dado por Deus para seguir o caminho do diabo, enquanto ainda não se serve para a senda iniciática. Assim Jesus Cristo se expressou acerca deste poder de Sataná, em resposta a Pilatos***:*** *"Não terias poder algum sobre mim, se de cima este poder não te fora dado"* **(João 19:11).**

Tanto satã quanto os cristãos políticos não possuem um poder objetivo, possuem um poder subjetivo outorgado por Deus. Portanto o poder que eles alegam ter não é deles, pois eles não geram poder. **Não** existe o **poder** que eles alegam ter, porque não originaram o **poder** que possuem, pois este veio de satã.

Enquanto o homem não desperte a sua consciência jamais terá uma instituição mundial, com seus poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e Militar, organizados democraticamente a partir da vontade soberana das nações e capaz de promover a paz mundial e a justiça social.

Enquanto o cristão cultural esteja identificado com as coisas do mundo, está preso às coisas mundanas, é infeliz e não tem paz. Quando este cristão se decida converter, migrar para o círculo cristão iniciático, aos poucos vai se afastando das coisas deste mundo e se conectando às coisas do Reino dos Céus, aos poucos vai se apossando dentro de si do Reino de Deus.

CAPÍTULO 16 - OS PARTIDOS POLITICOS NOS TEMPOS DE JESUS

Na antiga Judeia, a sinagoga foi criada como instrumento de preservação do judaísmo e facilitou o surgimento dos diversos grupos judaicos. As sinagogas eram utilizadas como plataforma nas quais os grupos propagavam suas opiniões ao discordarem dos dirigentes do Templo.

As comunidades judaicas do ´primeiro século eram hostis contra o cristianismo primitivo. As comunidades judaicas em defesa do judaísmo se posicionavam contra o cristianismo primitivo, inicialmente por parte dos fariseus, que eram um partido religioso, e dos saduceus, que eram um partido político-religioso.

Se vê que há existência de grupos judaicos distintos, nos quais se nota a representação tanto da opinião e posicionamento escriturais de seus integrantes bem como de suas ideologias filosófico-políticas, de modos diversos.

Quanto aos aspectos filosóficos do judaísmo, referenciando Josefo, encontramos três grupos: Fariseus, Saduceus e Essênios. Quanto ao aspecto étnico encontramos os herodianos e os zelotes.

Os herodianos possuíam um laço consanguíneo com Herodes e os zelotes se constituíam num grupo político do século I, que buscava promover uma rebelião

contra o Império Romano, com o intuito de libertar Israel pela força. Desta premissa é que surge a Primeira Guerra Judaico-Romana (66-70).

Os **Saduceus** compunham uma das mais importantes e influentes seitas judaicas, que fazia oposição tanto política quanto teológica aos fariseus. Os saduceus eram constituídos pelos elementos mais ricos da população, em contraste com os mais pobres e mais populares fariseus. Entre seus componentes se encontravam os sacerdotes mais poderosos, mercadores prósperos e a classe aristocrática da sociedade.

Os saduceus aceitavam a lei mosaica (fundamentalistas originais), rejeitavam os profetas, não criam na vinda do Messias, nem na ressurreição dos mortos, nem em anjos ou demônios. Eles aceitavam como canônicos os primeiros cinco livros de Moisés ou pentateuco.

O partido político dos saduceus manteve o controle político por muito tempo, enquanto um ramo da casta de sacerdotes controlou o ofício de sumo sacerdotes por vários séculos. Há várias referências aos embates deles com Jesus Cristo (Mar. 12.18; Mat. 16.1,6). Eles também se opuseram fortemente a igreja primitiva (Atos 4.1; 5.17).

Os relatos sobre os saduceus no Novo Testamento são sempre negativos, descrevendo sempre sua oposição e perseguição a Jesus e a sua cosmovisão materialista.

Os saduceus também se opunham aos apóstolos, efetuando perseguições (Atos 4.1). A referência final aos saduceus ocorre, vide Atos 23.6, na ocasião em Paulo fora julgado pelo sinédrio, quando sabiamente Paulo conseguiu fazer com que fariseus e saduceus entrassem em choque e debate, colocando um ponto final na reunião.

Com a queda de Jerusalém, quando os exércitos romanos, em 70 d.C, destruíram Jerusalém e muitas outras cidades em Judá, os saduceus desapareceram por completo como partido político e religioso.

Os Herodianos eram do partido do Rei Herodes e talvez, compostos por altos funcionários de sua casa. Eles eram conservadores e toleráveis à presença dos romanos. Os Herodianos apoiavam Herodes por motivo de interesses nacionalistas, numa estratégia de impedir o governo romano direto, o que era desprezado quase universalmente pelos judeus.

Os herodianos procuravam conservar a política judaica, em acordo com os fariseus. Eles não eram originariamente ortodoxos em suas crenças religiosas e nisso eles concordavam com os saduceus.

Em Marcos 3:6; 12:13 e Mateu 22:16 os herodianos são mencionados como inimigos de Jesus, na Galiléia e em Jerusalém. Os herodianos fechavam com os fariseus na questão do pagamento de impostos a um governo estrangeiro, coisa que a mentalidade judaica considerava ilegal.

Os herodianos eram opositores fortes dos zelotes e perseguiam como sendo“agitadores políticos” na Galiléia. Eles foram os responsáveis pelo assassinato de João Batista.

Os herodianos, juntamente com os fariseus, estariam ansiosos por se livrarem de Jesus Cristo, porém por motivos diferentes.

Para os herodianos Jesus Cristo era um perigoso revolucionário político em potencial, que queria perturbar seus planos de restaurar a monarquia judaica. Por isto os falsos líderes, que antes buscavam falsas acusações contra Jesus Cristo, agora planejavam a morte de Jesus, por meios legais ou ilegais.

Os herodianos eram simplesmente políticos, que que preferiam o governo romano indireto através da dinastia herodiana, ao invés de direto dos romanos. Desta maneira ansiavam assumir algum poder. Desta forma eles achavam que Jesus era obviamente perigoso para os seus objetivos.

Quanto aos fariseus, eles eram tidos como*Tartufos, isto* é, cínicos, fingidos, hipócritas, impostores. Etimologicamente falando a palavra fariseus vem do grego FARISAIOS. e do adjetivo aramaico que significa “separado", "segregado”, “dividido”. Os fariseus viviam separados do povo temendo a imundície.

Politicamente, os fariseus formavam o partido do povo, tendo grande influência junto a ele. A comunidade dos fariseus era composta de trabalhadores rurais, artesãos e pequenos comerciantes. Gostavam do dinheiro embora afirmassem que a parte espiritual era mais importante.

Esta minoria levantou-se no seio da comunidade de Israel, composta de homens do Hasidhim, poderosos guardiões da lei de Moises. Os fariseus, assim como o proto-ortodoxo Bispo Irineu de Lyon, faziam frente de resistência ao helenismo pagão e idólatra. A este grupo pertenceram os “escribas”, homens que copiavam, e por tanto conheciam a “Lei”. Evoluíram até chegarem ao fariseu tradicionalista e exclusivista do Novo Testamento. Os fariseus gostavam de ocupar os primeiros lugares nas sinagogas.

OS fariseus e os Doutores da Lei (escribas) começaram a organizar o povo depois que voltaram do cativeiro da Babilônia. Naquela época o templo tinha sido destruído e o grupo que voltava do cativeiro estava muito empobrecido.

Porém quando eles chegaram à Palestina encontraram novas ideias e costumes trazidos pelos gregos e romanos, como por exemplo: os moços estavam casando-se com moças de outra nação, coisa que eles não aceitavam. Então, eles combateram esses costumes como forma de unir o povo, com objetivo de observar mais.

Na realidade os fariseus eram fanáticos da política e da religião, que insistiam muito em coisas exteriores, visíveis, como a observância do sábado, do jejum, da esmola, circuncisão etc. Eles faziam tudo isso para demonstrarem que eram judeus observantes da lei de Moisés e de outras prescrições impostas pela tradição. Devido ao seu alto grau de fanatismo, eles eram rígidos em suas posições e oprimiam quem não seguissem seu fanatismo.

Eram zelosos pela lei de Moisés, mas valorizavam sobretudo os ritos e tradições religiosas. Desta forma, conforme se constata em seus embates com Jesus registrados nos evangelhos, o valor da tradição se sobrepunha ao sentido da Lei de Moisés. Criam na vinda do Messias, na ressurreição dos mortos, bem como em anjos e demônios.

Jesus admoestou exaustivamente os fariseus acerca dos seus exageros, vide Mateus 23:13-30 e Marcos 7:9. Também no Novo Testamento há descrição de atos positivos a favor de Jesus Cristo de vários fariseus, como Nicodemos, vide João 3:1, João 7:50, João 19:50, como. José de Arimatéia, vide Marcos 15:43.

Houve alguns fariseus que avisaram a Jesus de que queriam tirar-lhe a vida, vide Luc. 13:31, e alguns fariseus mostraram-se hospitaleiros com Jesus, vide Luc. 7:36; 11:37; 14:1.

Também deve-se ressaltar que Paulo havia sido fariseu antes de sua conversão, vide Fil. 3:5 e não se teve envergonha de reafirmar: "*Eu sou fariseu, filho de fariseu"* (Atos 23:6).

Jesus Cristo teve que travar lutas terríveis com os fariseus, grandes batalhas foram travadas. Nesta guerra toda os fariseus deram o golpe final e preparam o terreno para a crucificação do Divino Redentor. Eles assim o fizeram distorcendo a verdadeira Lei de Moisés, forjado preceitos e doutrinas.

O sistema político dos Zelotes, assim como dos fariseus e dos saduceus, por serem de perfil satanasiano, determinaram a morte de forma bárbara do Rabino da Galileia.

Em grego, zelotai, zelotas ou fanáticos, no hebraico qana, "ser zelotes". O partido político revolucionário dos zelotes teve início no século I, sob a influência de Judas de Gamala, o Galileu. Os zelotes representavam a ala mais radical dos fariseus.

Os dirigentes do partido dos zelotes conservavam todo o entusiasmo dos movimentos de libertação anteriores, o mesmo fanatismo pela lei escrita e a tradição oral mais rigorosa. Quem colaborasse com o Império Romano era expulso deste partido. Os zelotes eram os nacionalistas mais radicais dentre os judeus.

Os zelotes aspiravam a instauração do Reino de Deus aqui na Terra, que para eles consistia numa libertação da dominação estrangeira. Para os zelotes o Messias seria um Rei Ungido por Javé, que instauraria seu reino aqui no mundo em definitivo. Os zelotes equivocadamente acreditavam que suas instituições convencionais, tais como monarquias, templo, sacerdócio e sinagoga, eram válidas e permanentes.

Os zelotes objetivavam a reorganização da propriedade segundo a vontade de Deus, como redistribuição dos latifúndios, libertação dos escravos e supressão de dívidas.

Para os zelotes a vinda do reino dos céus dependia da ação revolucionária deles. Eram defensores da ação armada, não aceitavam a passividade. Se organizavam clandestinamente em regiões montanhosas, onde treinavam suas táticas de guerrilhas, para a luta armada contra os romanos.

Os intempestivos zelotes não pagavam impostos a Roma, se opunham ao recenseamento, mobilizavam o povo com promessas de libertação. Com isto conseguiam adesões de muitos rabinos, sacerdotes e da massa popular, de onde

recrutavam militares entre os jovens camponeses empobrecidos pelos romanos. Os encapetados zelotes praticavam assassinatos, sequestravam personagens importantes, roubavam os ricos.

Os zelotes eram chamados de ladrões, bandidos, criminosos políticos, sicários ou terroristas, galileus (por atuarem na Galiléia). Entre os discípulos de Jesus havia zelotes, Simão, o zelote, vide Mc 3, 18. Os zelotes eram fanáticos e sua facção mais extrema eram os sicários, vide Lc 6.15; At 1.13.

Os zelotes representavam o partido político de extrema esquerda dos fariseus. Na realidade eles estavam mais interessados na política do que na religião, buscavam a independência e autonomia da nação mais do que qualquer outra coisa.

Segundo Josefo, o fundador do partido dos zelotes foi Judas de Gamala, chamado de Judas, o galileu, vide At 5:37. Judas foi que incitou os judeus a rebelarem-se contra o império quando do censo para fins tributários em 6 a.C., feito por Quirino, governador da Síria. Foram os zelotes, que precipitaram a guerra civil de 66 d.C., que resultou na destruição de Jerusalém.

Os Essênios, por capricho dos organizadores da Bíblia, ficaram fora dos canônicos, eles fazem parte dos apócrifos. Os essênios passam a ter existência comprovada a partir da descoberta em 1947 dos Manuscritos do Mar Morto.

Etimologicamente nome “essênio” vem de uma palavra hebraica que significa “pio”, “santo”. Eles praticavam um ascetismo e isolamento de forma rigorosa, e se dedicavam a reproduzir os escritos do Velho Testamento e a fazer seus próprios comentários deles.

A origem dos essênios é do século II antes de Cristo, quando eles se separaram dos fariseus, na época dos Macabeus. Só em 1947 é que ficamos sabendo de sua existência deste grupo, através da descoberta dos livros e dos pergaminhos do Antigo Testamento, nas cavernas de Qumram.

Os essênios, além de escritos bíblicos, conservaram vários escritos extrabíblicos. Eles se assemelhavam a uma comunidade de monges com disciplina rígida, eram comunitários, tinham os seus bens em comum, não usavam armas. Praticavam a pobreza, a obediência a um superior e estudavam as Escrituras.

Os essênios eram fiéis à Lei de Moisés, não frequentavam o Templo, separavam dos “maus”, dos impuros e dos pagãos. Sua espiritualidade era apocalíptica. Esperavam a intervenção dos “exércitos celestes” para a volta da teocracia (governo de acordo com a ordem religiosa).

A doutrina jesucristiana do Rabino da Galiléia é recheada de princípios dos essênios. Jesus Cristo incorporou na sua Boa Nova as premissas da cosmovisão dos essênios.

Os essênios deixaram Jerusalém e foram morar em grutas, onde viviam no campo do produto de seu trabalho, por serem de perfil iniciático tinham pouca influência sobre o povo.

No ano de 68 depois de Cristo os essênios foram destruídos pelos romanos. João Batista pertenceu ao grupo dos essênios, conforme características de sua pregação. Eles também pregavam a conversão (Mc 1, 14-15).

Jesus não pertenceu a nenhum partido: nem da classe dominante, nem da oposição. A proposta iniciática de Jesus, a sua política é a do Reino de Deus. O poder que ele deseja não é para dominar, sim para servir.ao próximo.

Jesus Cristo não teve uma liderança subjetiva, não foi populista, pois sua proposta foi iniciática. Ele foi ao povo por amar este povo, sentiu na carne o peso da pobreza, sofreu a mesma opressão que o povo pobre sofre. A sua política foi em favor dos oprimidos. Por isto os cristãos do círculo cultural que, mesmo sabendo da inconveniência, ainda militam na política, não devem ficar em cima do muro quando se trata dos injustiçados. Devem tomar posição a favor destes!

Os essênios eram de perfil iniciático, continuadores da ordem sacerdotal de Sadoque e desta forma rejeitavam a classe religiosa da senda cultural, responsável pelo culto no Templo. Assim também, dentro desta premissa, Jesus Cristo revogou as prorrogativas judaicas acerca do uso do templo, Ele aboliu a necessidade de se construir templos. Coisa que foi esclarecida e defendida por Estevão, na sequência de movimentação do cristianismo.

João Batista era desta escola iniciática dos essênios, praticante de uma doutrina de justiça social, com seus ensinamentos, bem como pelos costumes praticados por João, conforme os evangelhos, em prol do bem social comum.

Os iniciáticos essênios eram estudiosos dos profetas, acreditavam na vinda do Messias e na proximidade do fim dos tempos, quando seria executado o julgamento de Deus sobre os homens, viviam uma vida disciplinada e de rigores e privilegiavam o bem comum ao invés da posse privada de bens, o que fora defendido por Jesus Cristo também.

Os essênios habitavam como reclusos em comunidades afastadas, mas também havia essênios que viviam nas cidades, procurando, contudo, exercer um modo de vida austero, o que os deixava bem próximo à Lei de Moisés e com isto atraiam muitos hassidins, que adotavam o grupo dos essênios como prática religiosa.

Entre as três principais correntes religiosas do judaismo, antes, durante e depois de Jesus Cristo, os essênios eram os mais respeitados, pela sinceridade de seu comportamento e por estarem mais bem situados na senda iniciática

Exatamente quando surge Jesus Cristo, os judeus possuem um quadro histórico configurado com grupos de judeus divididos por pensamentos e ideologias distintas.

Jesus enunciou uma mensagem de reprovação às hipocrisias dos fariseus. Para os saduceus, Jesus deixa a mensagem de que o apego ao materialismo do mundo resulta em inimizade com Deus. Para os iniciáticos essênios, Jesus deixa a mensagem de que a luz deve brilhar em meio as trevas. Para os herodianos, Je apresenta a mensagem de que aquele que amar a sua vida esse perdê-la-á. Para os zelotes, é apresentada a mensagem de que aquele que vive pela espada morre por ela, que é lei de ação-reação ou carma, olho por olho, etc.

CAPÍTULO 17 – OS MÓRMONS E A POLÍTICA NA POLÍTICA SUBJETIVA

A pergunta que a cristandade faz, em época de eleições, é até que ponto um cristão deve se envolver em assuntos políticos e seculares de seu país. O ideal seria que os cristãos possuíssem neutralidade em relação a política subjetiva do mundo, cumplicidade com a Política Objetiva de Jesus e se focassem no propósito de migrarem para o círculo Cristão Iniciático. Os cristãos de perfil cultural deveriam, a exemplo dos cristãos iniciáticos, deixarem a política para o mundo dos não cristãos, para os apoiadores de César.

Nenhuma igreja de qualquer religião, mesmo sendo de perfil cultural, de nenhuma forma, deveria apoiar partidos políticos ou candidatos, permitir que usassem suas dependências, edifícios ou que qualquer outro recurso fosse utilizado com propósitos políticos.

A Religião que procura se dirigir a seus membros com relação a que partidos ou candidatos devem votar, sem dúvida é do círculo cristão cultural. É absolutamente normal que uma igreja cristã cultural encoraje membros a possuírem um papel de cidadãos responsáveis em suas comunidades, incluindo a tarefa de manterem-se informados sobre assuntos seculares variados e o papel de votar nas eleições, pois estão ainda atrelados às coisas do reino deste mundo.

É esperado que os membros de uma igreja cristã cultural participem no processo político de uma maneira informada a respeito de assuntos civis, pelo fato de que membros desta Igreja provém de uma variedade de opiniões e experiências, e podem possuir diferenças de opinião com respeito a assuntos políticos, pois não são unos ainda, não possuem iniciações, não pertencem ao círculo iniciático.

Os membros de uma Igreja Cristã Iniciática não são candidatos políticos. Muitos cristãos culturais erroneamente promovem a ideia de que sua candidatura é endossada pela Igreja, mas sua igreja, para ser coerente com a proposta Jesucristiana não poderia lhe apoiar.

A igreja cristã cultura que se mete em política, se transforma numa instituição que perdeu o direito de se pronunciar de maneira não partidária em assuntos que considera ser de importante consequência moral e que diretamente afetam os interesses e propósito da Igreja.

Muitos pensam erroneamente que as escrituras nos orientam a apoiar líderes governamentais, assim como está escrito nas linhas do livro de Romanos 13:1-, onde lemos *"Cada qual seja submisso às autoridades constituídas, porque não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus. Assim, aquele que resiste à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus; e os que a ela se opõem, atraem sobre si a condenação.*

O Pai Celestial é uni potente, uni poderoso, detentor de todo o poder dos Céus e da Terra e de tudo no cosmo. O poder dos Céus origina e movimenta as almas dos seres humanos e poder da Terra, movimentam os seus corpos.

No caso, aqui para o Planeta Terra, Deus terceirizou este poder, distribuindo-o para Satã e Satã o transfere para os Césares, isto é para os políticos. O poder do Reino dos Céus, Deus o conferiu ao Cristo, para acionar as necessidades da alma humana.

O poder do Reino do mundo, na primeira etapa, Ele atribuiu para Satã, para que este dirigisse o materialismo, as coisas do mundo, atreladas as necessidades materiais do ente humano. Satã, por sua vez redistribuiu este poder os Césares, para os políticos, para governabilidade das necessidades materiais do corpo físico do ente humano.

Dessa maneira, compreendemos que o apoio a autoridades seculares é não apenas uma orientação, mas um mandamento a todo que professam ser do mundo cultural discípulo de Satã, enquanto perfilarem pelo círculo cristão cultural, mas que podem a qualquer momento migrarem para o círculo cristão iniciático e praticarem a política jesucristiana das coisas do Reino dos Céus.

Portanto, ao bem da verdade, cabe a qualquer cristão saber que se submeter à autoridade constituída, é submeter-se à autoridade outorgado por Deus a Satã. Mas isto é uma necessidade, enquanto não se é converso ao Cristo. Após a conversão, abandona-se indelevelmente a política de César e imerge na política das coisas do Reino dos Céus.

Os cristãos, enquanto perfilarem o círculo cristão cultural, devem ser orientados acerca do papel dos governos seculares e da importância da manutenção da Lei. Entre estas orientações, os cristãos culturais devem se encorajados a apoiar candidatos que administrem a máquina governamental ao sabor da lei, com equidade e justiça, defendam democracia, a liberdade religiosa e a consciência, que não sejam corruptos e reprimam o crime, a impunidade e a corrupção

Assim sendo, é dever de todo cristão cultural exercer ativamente seu papel na sociedade apoiando candidatos que promovam princípios de justiça e no caso de um cristão cultural ingressar na vida pública, espera-se que este seja regido por esses mesmos princípios de justiça e tolerância, seguindo a orientação de Cristo de *"dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".*

As plataformas de todos os principais partidos políticos em época de eleição incluem princípios compatíveis com os ensinamentos de Jesus Cristo e muitos outros contrários aos genuínos princípios jesuscriatianos.

Por esta razão a verdadeira Igreja Iniciática do Cristo não deve apoiar candidatos políticos, plataformas ou partidos de nenhuma forma. Porém os membros das igrejas cristãs culturais devem ser exortados a participarem integralmente dos assuntos políticos, governamentais e de sua comunidade, em segundo plano, enquanto se devem prepararem para migrar do círculo cultural para o círculo iniciático.

Muitas igrejas do círculo cristão cultural encorajam a todos os seus membros a sujeitarem-se às autoridades governamentais, dizendo que não há autoridade que não venha de Deus, de que as autoridades que existem foram por Ele estabelecidas e que, portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. O que estas igrejas não entendem é que esta autoridade fora dada por Deus

sim, mas de modo indireto, em segundo plano, para direcionamento das coisas deste mundo.

As igrejas culturais dizem que os governantes não devem ser temidos pelos seus membros, a não ser pelos que praticam o mal. Ao bem da verdade, deve-se dizer temos que viver livre do medo da autoridade, quando esta autoridade é praticante do bem. E ter medo dela, se afastar dela, quando esta for praticante do mal, pois como cristãos devemos nos afastar do mal. *"Aparta-te do mal, e pratica o bem; busca a paz e empenha-te por conquistá-la"* (Salmos 34:14).

Há políticos e governos, que em defesa dos privilégios de seus representados, legislam e governam em prol do mal destroem o meio ambiente a natureza, praticam crimes contra as pessoas economicamente menos favorecidas, praticam a corrupção, prevaricam, praticam violência sistêmica generalizada, etc. Será que os verdadeiros cristãos devem apoiar estes praticantes do mal?

Portanto, não é necessário que sejamos submissos às autoridades, por medo de uma possível punição, pois se agirmos com consciência, estaremos agindo dentro de uma perspectiva superior, sob o comando de uma lei superior que lava uma lei inferior.

Se assim não fosse os apoiadores de Hitler, de Mussolini, de Nero, etc, estariam perfeitamente corretos, por haverem sido obedientes à autoridade constituída, por terem sidos coparticipantes da extrema maldade reinante, da violência genocida, das atrocidades e barbaridades praticadas, etc.

Como o poder político é atribuído em princípio a Satã, a paz fica ameaçada quando Satã o redistribui a políticos injustos, populistas, como o ditador nazista Adolf Hitler e a muitos outros que *usam o* populismo para semear

CAPÍTULO 18 – DO COMUNITARISMO DE JESUS AO COMUNISMO

O Reino deste mundo gerou o capitalismo subjetivo, fruto do ego, um sistema opositor ao Comunitarismo de Jesus Cristo. Em reação a este capitalismo monstruoso, devorador de ente humano, surgiu o comunismo reacionário. Tanto o comunismo quanto capitalismo mantêm o pobre ser humano preso as coisas ilusórias do mundo, por estarem calcados sobre os pilares da política subjetiva.

Foi para libertar o ente humano destas amarras que Jesus propôs a Política Objetiva do Reino dos Céus. *"O comunismo marxista é uma reação contra o capitalismo. O comunismo marxista é reacionário, produto de uma reação. O sistema marxista-leninista é uma continuação modificada do erro, resultado do erro. O sistema marxista é reacionário e conservador. Sendo o sistema marxista-leninista o produto de uma reação, é lógico que seja extremista e nenhum sistema extremista pode ser inteligente. O extremismo marxista criou exércitos bárbaros que saquearam o Tibete, assassinaram monges, estupraram freiras e escravizaram milhões de pessoas. O extremismo marxista matou milhões de pessoas na Hungria e escravizou muitos povos. O extremismo marxista transformou muitos países em mares de sangue e conhaque. O extremismo marxista, sendo o resultado de uma reação contra o capitalismo, é de fato reacionário."* (V.M. Samael Aun Weor)

Tanto o capitalismo quanto o comunismo não solucionaram a questão do capital do ente humano. *"Pague bons salários aos trabalhadores, atenda seus justos pedidos, respeite sua*

*liberdade religiosa, dê-lhes verdadeiras garantias sociais e todo o marxismo-leninismo irá parar no lixo"***.** *(V.M. Samael Aun Weor).* No sistema Político Objetivo de Jesus Cristo o capital é produzido pelo povo e para o povo, em regime comunitarista equalitário.

Por serem calcados no sistema Político Subjetivo o capital não pertence ao povo. *"O CAPITAL DO ESTADO e o CAPITAL PRIVADO são dois monstros que roubam o povo. O capital é do povo e só o povo tem direito a tê-lo, o povo trabalha o capital, o capital é do povo. O marxismo leninismo, estabelece um novo tipo de escravidão com base no capital do estado. O marxismo leninismo não reconhece o capital do povo. A ditadura do proletariado como um sistema para fazer a transição do sistema capitalista para a sociedade sem classes do futuro é uma quimera absurda; porque dentro da mesma ditadura do proletariado da URSS se formou um novo tipo de burguesia. O sistema comunista ou socialista marxista torna o estado um 'Deus' e o povo um escravo incondicional*". (V.M. Samael Aun Weor)

A democracia jesuscristiana de natureza objetiva traz a cada cristão iniciático o Reino dos Céus, por trazer a paz, o amor e o bem-estar material, social a todos comunitariamente. No comunitarismo jesucristiano há a verdeira democracia porque não há fome. *"Enquanto haja sequer um só cidadão com fome, não há democracia.Enquanto exista um só pai de família sem trabalho, não existe democracia.Enquanto exista um só homem explorado, não existe democracia.Enquanto exista uma só mãe de família abandonada e com fome não existe democracia"***.** (V.M. Samael Aun Weor)

O regime democrático como substrato mediador do capital, no capitalista, não conseguiu a promoção do ente humano em plenitude. Não conseguiu, como instrumento de política subjetiva, resolver o problema do capital de estado e nem do capital privado. Na prática, isto significa dizer que em países ditos democráticos, quando há pobreza e miséria é porque não está havendo democracia, pois ninguém quer viver na pobreza, na miséria e passar fome.

A maioria dos países ditos democráticos possuem conduta política econômica que privilegia uma minoria, enquanto a maioria permanece sempre na pobreza e na fome. O socialismo marxista tem deixado países não apenas mais pobres, mas também menos livres.

Jesus desaprovou integralmente, na prática, o capitalismo e o comunismo leninista e implantou o comunitarismo igualitário ou capitalismo socialista.

Comunismo (do latim communis) é uma ideologia e um movimento político, filosófico, social e econômico cujo objetivo final é o estabelecimento de uma sociedade comunista, ou seja, uma ordem socioeconômica estruturada sobre as ideias de igualitarismo, propriedade comum dos meios de produção e na ausência de classes sociais.

O comunismo é uma ideologia política e socioeconômica baseada na abolição da propriedade privada e das classes sociais. Já o capitalismo refere-se a um sistema socioeconômico fundamentado no direito à propriedade privada dos meios de produção e no livre comércio de bens e produtos.

Em geral, o termo capitalismo é utilizado de forma genérica para se referir a estruturas fundamentadas no liberalismo. O liberalismo compreende o direito à propriedade como um direito fundamental, sendo esse o grande diferencial desse modelo para o comunismo.

Por sua vez o comunismo é geralmente compreendido como uma fase posterior ao socialismo. Pauta-se na existência de uma só classe social, o proletariado, e na extinção do Estado.

Deve-se lembrar que Karl Marx acabou por cumprir com um dos Protocolos dos Sábios de Sião, que é de infundir o materialismo e o ateísmo no mundo. O Marxismo-Leninismo está muito longe do princípio ideal de liberdade, fraternidade e de igualdade para todos, até porque o grande capital produzido pelos trabalhadores sempre esteve concentrado nas mãos de poucos, sejam eles capitalistas, sejam eles comunistas. *"Karl Marx disse: O CAPITAL PRIVADO É UM ROUBO AO POVO. Nós dizemos: O CAPITAL DO ESTADO É TAMBÉM UM ROUBO AO POVO*". (V.M. Samael Aun Weor).

Infelizmente a democracia não conseguiu até hoje ser um bom canal de condução das finanças do ente humano, ela tem sido usada para efetuar a manutenção dos privilégios de uma pequena minoria à custa do sofrimento de uma grande maioria, na dimensão material.

A democracia representativa tem sido usada a serviço da elite privilegiada. Os pobres, por falta de iluminação interna, têm votado em ricos, que estando no poder não lhes representa e geralmente legislam e votam a favor dos interesses da elite dominante, contra os interesses dos dominados.

A democracia objetiva proposta por Jesus Cristo, não possui dominantes e nem dominados; na dimensão do igualitarismo ela traz a justiça e paz à Terra e um equilíbrio nas finanças da humanidade; onde as coisas do mundo seriam administradas pela ação da consciência, o que vem a ser o Reino de Deus aqui na Terra. *"O avanço brutalizante do Marxismo-Leninismo é terrivelmente ameaçador, e só pode ser conjurado com a AUTÊNTICA e legítima DEMOCRACIA. Enquanto haja sequer um só cidadão com fome, não há DEMOCRACIA. Enquanto exista um só pai de família sem trabalho, não existe democracia. Enquanto exista um só homem explorado, não existe democracia.Enquanto exista uma só mãe de família abandonada e com fome, não existe democracia. Necessitamos criar a verdadeira democracia para deter a marcha brutalizante das hordas marxistas-leninistas". "Quando os povos têm pão, abrigo, refúgio, quando não existe tirania, miséria, fome, ignorância, enfermidades, tampouco existe a peste abominável do comunismo" (V.M. Samael AunWeor).*

Nem os comunistas e muito menos os capitalistas querem a Democracia Objetiva de Jesus Cristo. Eles não querem que a humanidade acredite em DEUS e que se conecte diretamente com Deus dentro de si mesmo; não querem que elimine de sua natureza psicológica o ego animal e passional. Não querem que ninguém inicie um trabalho de desenvolvimento interno e verdadeiramente espiritual; um trabalho de despertar da consciência, pois sabem que uma humanidade sem consciência, fica mais fácil de ser manipulada e controlada.

Infelizmente, ao longo da história, no círculo cristão cultural, os princípios Jesuscristianos foram tergiversados, propiciando crescimento da ideologia comunista e também da capitalista, que se vê na religião é um aparelho ideológico de estado. E nisto os capitalista e comunistas estão corretos, pois satã comanda o sistema religioso do círculo cristão cultural, onde está instalado o Reino do Mundo. Somente o sistema religioso iniciático pertence e obedece ao comando de Jesus Cristo.

No círculo cristão cultural há um fracasso quase total quanto a obediência aos princípios Jesucristianos. Por outro lado, os comunistas detestam os DEZ MANDAMENTOS do **ANTIGO TESTAMENTO** hebreu e se opõe ao **CRISTIANISMO** e ao **ALCORÃO** e para isso passam a denunciar as guerras religiosas criadas pelos FALSOS SACERDOTES, pelos pseudorreligiosos das mais diversas religiões, passam a denunciar as barbaridades e o terrorismo dos fundamentalistas pseudorreligiosos, como se Deus tivesse alguma coisa com os assassinos travestidos de muçulmanos.

O que se pode dizer de grupos que praticam o terror em nome de Alá e Maomé**?** São TIPOS SATÂNICOS, obviamente, que tem o objetivo de praticar insanidades em nome de ALÁ, que na verdade, esses tipos terroristas não são religiosos, senão antirreligiosos, que usam a religião para aplacarem seus ódios e crueldades, de cujo objetivo é transformar a religião em ignorância e terror para infundir a descrença no mundo. O que alimenta e embasa a ideologia comunista de desconstruir as religiões.

Não se pode conceber que um religioso, seja lá qual for a religião, seja um assassino, que mate infiéis, que mate um adversário. Jesus nunca matou ninguém e nem e nem pediu para ninguém matar. Aqueles que sacrifiquem animais, crianças e mulheres em oferta à Deus, não são cristãos iniciáticos, por isto não é de Deus!

É certo que a Loja Negra se apossou do círculo cristão cultural e há muitos entes humanos TIPOS SATÂNICOS dentro das religiões. Certamente recebem denúncias dos comunistas, que também passam a denunciar as indulgências e o comércio que fizeram e fazem em nome de Deus.

Os comunistas também zombam da ignorância dos cristãos culturais mercadores de alma, das barbáries inquisitórias cometidas por eclesiásticos que por conseguinte se opõem a Divina Gnosis do Cristo Jesus. por também estarem controlados por uma cúpula graduada vestida de túnica sacerdotal.

Infelizmente, ao longo da história, na trajetória de deformação do cristianismo, o catolicismo se tornou o quartel general da Loja Negra. O que se pode-se esperar de uma religião, em que cujos sacerdotes permitiam criar máquinas de torturas e queimavam pessoas vivas na fogueira da "santa" inquisição? Isso não é coisa de sacerdote cristão, obviamente, e sim de gente satânica travestida de sacerdote cristão. Isto nos mostrou ao longo da história que existem verdadeiras Bestas Desumanas dentro de instituições religiosas, políticas, financeiras e em instituições científicas, criando armas atômicas, armas de destruição de massa etc. Etc.

Pelo capitalismo e pelo comunismo nós já somos escravos há muito tempo e por isso o Cristo disse: *'CONHEÇA A VERDADE E ELA VOS FARÁ LIVRE'. Pois* no Cristo está a VERDADE que o mundo se esforça por distorcer, disfarçar, corromper e ocultar. *"O sistema capitalista selvagem, o sistema comunista e suas derivações ditas "socialistas" é o retrato do FRACASSO DO SISTEMA SOCIAL HUMANO, por justamente não existir gente que canalizou sua força revolucionária positivamente em prol da população e da humanidade. PATRÕES, OPERÁRIOS E GOVERNO podem entrar em harmonia e melhorar conjuntamente o sistema de vida* ***se puserem a mão na consciência****. O problema é que quase já não temos consciência, então é necessário despertar a consciência, é necessário desintegrar o ego animal que é quem nos extrai a consciência e o amor ao próximo. Um governo não pode ser composto por políticos débeis, corruptos e corruptíveis e que são facilmente controlados por empresas milionárias gananciosas. " Quando os povos têm pão, abrigo,*

refúgio, quando não existe tirania, miséria, fome, ignorância, enfermidades, tampouco existe a peste abominável do COMUNISMO" (V.M. Samael AunWeor

Jesus Cristo propõe o seu sistema político objetivo, para governabilidade de um Reino Superior. Isto foi demandado devido às dimensões materialistas da política subjetiva do ente humano, devido à sua ineficácia para resolução da questão do capital entre os seres humanos.

Pelo sistema político objetivo Jesuscristiano este impasse na injustiça da distribuição do capital, tanto no capitalismo, quanto no comunismo, ficaria equacionado pelo sistema do Igualitarismo Jesuscristiano. Aí se distribuiria com equidade entre todos os filhos de Deus, tudo aquilo que Deus criou para todos indistintamente.

Então Jesus Cristo sabia que este Reino não seria aceito pelo mundo, por não ser do mundo dirigido pelo Rei do mundo(satanás) a quem lhe fora dado poder político subjetivo direto através de Deus, para posterior redistribuição aos governantes da Terra.

Então Jesus Cristo propôs um Reino que não era do mundo, mas que poderia vir a ser do mundo sim, caso houvesse aceitação dos seus princípios, E este Reino seria um paraíso na Terra, onde haveria paz, justiça social, prosperidade, amor e esperança para todos!

Este Reino dos Céus proposto por Cristo, em oposição ao Reino mundano, é um reino a ser construído dentro de cada um de nós, com os Três Fatores de Revolução de Consciência. Ele é construído pelos poucos cristãos conversos, que migram do círculo cristão cultural para o círculo iniciático. Estes são os poucos escolhidos e dentre os muitos chamados.

CAPÍTULO 19 – INTEIRATIVIDADE POLÍTICA SEM IDENTIFICAÇÃO

Na época de Jesus Cristo a política, a Igreja e a sociedade também já estavam muito corrompidas, tal como nos dias de hoje. A Igreja judaica, com suas sinagogas, tida como a única verdadeira, costumava vestir a capa da santidade, mas na verdade era também tão corrupta quanto o governo e o povo.

Por esta igreja, pelos governos, e pelo povo, como lemos em Mat. 27:12, é que Jesus Cristo foi acusado através dos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, pelo povão e pelo sistema político social reinante na época. Não é impressionante isso? E é isto que vemos hoje ainda no mundo, um sistema religioso, político social etc., corrompendo a doutrina Jesucristiana.

A Doutrina Jesucristiana com sua Política Objetiva do Reino dos Céus é revestida de princípios justos, mas o sistema político no Brasil anda na contramão disto. *"A falta de justiça, Srs. Senadores, é o grande mal da nossa terra, o mal dos males, a origem de todas as nossas infelicidades, a fonte de todo nosso descrédito, é a miséria suprema desta pobre nação. A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia*

no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte, promove a desonestidade, promove a venalidade, promove a relaxação, insufla a cortesania, a baixeza, sob todas as suas formas. De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto" (Rui Barbosa). *"Essa foi a obra da República nos últimos anos. No outro regime (na Monarquia), o homem que tinha certa nódoa em sua vida era um homem perdido para todo o sempre, as carreiras políticas lhe estavam fechadas. Havia uma sentinela vigilante, de cuja severidade todos se temiam e que, acesa no alto (o Imperador, graças principalmente a deter o Poder Moderador), guardava a redondeza, como um farol que não se apaga, em proveito da honra, da justiça e da moralidade"*. (Paulo Augusto da Costa Pinto).

Por tudo isto é que os cristãos iniciáticos devem se manterem longe da política subjetiva que está aí. Muito embora, os cristãos culturais, como cidadão, devam participar indiretamente e diretamente da política, exercendo o seu direito de votar, exercendo o seu direito/dever de votar.

Para que as memoráveis palavras de Cristo como está em Marcos 12:17 - *"Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"* - sejam cumpridas, os cristãos conversos (iniciáticos) precisam ficar fora da participação direta e indireta da política, sem vínculos institucionais com o Estado, embora, como cidadãos da terra e do Universo devamos cumprir todos os nossos deveres, com quanto esses não se choquem com os eternos preceitos de Deus, prescritos na Doutrina Jesuscristiana.

"Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o SENHOR, e o povo ao qual escolheu para sua herança". Salmos 33:12. Esta nação, com este perfil, é constituída pelos cristãos de consciência desperta, pelos cristãos conversos, isto é, que migraram do círculo cultural para o círculo iniciático.

O cristão, seja cultural ou iniciático, não deve ficar calado e respeitar aos funcionários do governo, quando suas determinações forem contrárias à Bíblia. Deve sujeitar-se e obedecer às leis de seu país, enquanto estas não se opuserem a lei superior de Deus, que consta na Bíblia.

O cristão deve pagar seus impostos? Tanto o Cristão cultural quanto iniciático deve pagar tributos aos governos democráticos, desde que estes sejam justos e devem lutar, dentro dos termos da Lei, para a revogação de impostos abusivos. *"Por esta razão também pagai tributos, porque são ministros de Deus... Portanto daí a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto."* Romanos 13:33

O cristão deve orar pelo governo? "Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência" (1Pedro 2:17). Deve-se orar sempre para que seja feita a justiça, para manutenção do governo que age segundo os princípios de Deus e pela queda do governo injusto e que governa no paradigma satanasiano.

Que se quede o governo tirano e injusto e que se impulsione o governo que trabalhe por dias melhores e condições sociais mais justas e mais propicias à cristandade, onde todos possam viver a sua aliança com o evangelho.

A palavra de Deus nos adverte sobre a disparidade que há entre os seus propósitos para a humanidade e os projetos encabeçados pelo governo antidemocrático que tende a seguir os seus próprios desígnios. *"Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?"* (2 Corintios 6:14,15).

O cristão cultural é aquele que quer ir para o Céu, sem se apartar das coisas do mundo. O cristão iniciático é aquele que vai dando as costas para as coisas do mundo, enquanto se vai buscando as coisas dos Céus, assim como o próprio Cristo nos ensinou sobre tais princípios, dos quais ele mesmo estabeleceu conosco para o resto de nossas vidas, nos seguintes dizeres: *"O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos para que não fosse entregue aos judeus, mas agora o meu reino não é daqui."* (João 18:3). *"Daí pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."* (Marcos12:17).

No período antigo, no qual o Imperador Constantino instituiu aspectos religiosos vindos dos fundamentos cristãos em Roma, ele misturou o sagrado ao profano, ao mesclar o político ao religioso. Constantemente ele usou de tal mescla para atingir a simpatia dos pagãos e do povo, assim como também se fez durante toda a Idade Média e Moderna na Europa.

Com isto o clero abasteceu seus cofres e estabeleceu critérios político-religiosos sobre o reino de forma a parcializar seus interesses, por meio do pseudomoralismo sacro, traduzido na forma de venda de indulgências para o povo, iludindo os povos pelo falso contexto cristão empregado à monarquia, com tudo aquilo que Lutero batalhou contra, contido nos longos séculos de história do domínio católico sobre a política.

Até que ponto vale a pena dedicar à profana política subjetiva, que é do reino do mundo e se desconectar das coisas do Reino dos Céus? Nada neste mundo, nenhum sucesso material, compensa um fracasso espiritual,

Muitos confundem o papel de se trabalhar no sacro ofício pela humanidade com militância na política subjetiva do reino do mundo. Sabe-se, contudo, que os cristãos são sentenciados a escolher qual governante irá governar a sua vida e seus princípios. Ao fazer esta escolha, deve-se ter em mente que não se pode servir a dois deuses, o da profana política subjetiva do Reino do Mundo e o Sagrado Espiritual do Reino de Deus!

A política não se constitui num bom caminho para se realizar a obra cristã iniciática. Entretanto, no círculo cristão cultural, é de real legitimidade ter representantes para defender interesses políticos inerentes aos cristãos, assim como todo cidadão indistintamente.

O verdadeiro cristão deve pensar duas vezes ao voltarem, em defender personalidades ligadas ao contexto político, tomando o cuidado em não violar o seu

próprio objetivo como seguidor de Cristo, levando-se em consideração o que está escrito, que nações irão se levantar umas contra as outras para defender aquilo que é conveniente ao seu próprio benefício, constituído de coisas do mundo e não de coisas dos Céus.

Não devemos fazer nada para servir à profana política que nos tire da finalidade de viver os mandamentos do Senhor. Devemos fazer jus aos nossos direitos através de nossas escolhas e prioridades.

A política é um mal necessário entre os cristãos culturais, porém deve-se levar em conta que há muitos políticos que excedem aos princípios que direcionam a razão de ser cristão, ao desempenhar o seu papel. Também devemos saber definitivamente que não é através de política que conseguiremos os melhores resultados na senda da iniciação.

Todo cristão deve considerar que foi por questões políticas, religiosas e culturais de sua época, que Jesus Cristo foi entregue por seu povo aos romanos, julgado injustaente e morto. Isto se deu porque Ele não atendia as expectativas dos judeus em ser um líder político subjetivo, que iria libertá-los da opressão romana. E se Ele voltasse hoje, seria morto da mesma forma. Então se conclui que os sistemas políticos subjetivos, culturais e religiosos, configurados na dimensão cultural, são de perfil satanasiano, de oposição a Jesus.

CAPÍTULO 20 – OS REGIMES POLÍTICOS NO TEMPO DE JESUS

Entre os judeus, durante o domínio romano havia dois sistemas de impostos: a) **o romano; b) o religioso judaico**.

A) O Imposto romano era dividido em três tipos:

I. Debário: imposto pago por cabeça e os romanos controlavam o seu pagamento através de recenseamento ou censos. Devemos lembrar que o próprio Jesus nasceu numa época de recenseamento, exatamente num tempo em que houve um grande levante revolucionário na Galiléia. Foi aí que sur-giu o movimento guerrilheiro denominado “Zelotismo” dos Zelotes, exatamente porque estes perceberam que o recenseamento nada mais era do que a forma de garantir o imposto por cabeça.

II. Produção: este imposto correspondia a um quarto da produção agríco-la (25%), que era entregue nas mãos do colonizador romano.

III. Circulação: este imposto correspondia a taxa paga a circulação, um pedágio, nas grandes cidades, nas encruzilhadas, nas divisões das províncias.

B) O Imposto Reli-gioso: consistia no imposto judaico para o templo, dividido também em três tipos:

I, DRACMA: consistia num imposto pago por cabeça, da forma como aparece no evangelho quando o Sacerdote diz a Pedro*: “O mestre vocês não pagam a didracma, o imposto do Templo”?* Daí o Cristo manda Pedro pescar e ele encontra quatro dracmas embaixo da orelha do pei-xe e os entrega como pagamen-to.

II. PRIMÍCIAS: este imposto correspondia a todo primeiro fruto da terra ou do animal que era entregue no templo, ao sumo sacerdote. E estendia até mesmo todo primeiro filho que nascesse, que tinha de ser entregue simbolicamente ao Templo, através de um animal. Por norma os ricos sempre entregavam camelos ou bodes e os pobres, um par de rolas ou de pombinhos. Deste modo quando Jesus foi apresentado ao Templo, seu pai José, teve que levar um par de rolinhas pa-ra ser entregue ao sacerdote do templo, no lugar da criança.

III. Dízimo: imposto pago por cada pessoa, correspondente a dez por cento (10%) da produção ou da arrecadação, que vai para as mãos do sumo sacerdote, da classe sacerdotal do Templo.

Cabe destacar que não havia um só tipo de dízimo, havia três ou quatro tipos. Daí se percebe o quanto era demasiadamente onerado e explorado o povo no tempo de Jesus. A exploração que se fazia através do sistema tributário estatal era exorbitante e o Templo, que pela Doutrina Jesus Cristiana, deveria através de seus sacerdotes sacrificar pela humanidade, estava na realidade sacrificando a humanidade.

Por isto Jesus Cristo revogou as diretrizes deste sistema religioso judaico, incompatível com a sua Boa Nova, retirando dos cristãos iniciáticos a necessidade da construção e manutenção de templos. Porém, o povo não entendeu esta revogação e continua construindo-os, onerando e sacrificando os seus fiéis até hoje ainda, em muitas religiões. As religiões que seguiram construindo os seus templos, após a revogação, estão atreladas ao judaísmo antigo, não se alinham ao cristianismo iniciático.

Somente tendo uma consciência filosófica, sendo portador de atributos iniciáticos, é que se pode entender o funcionamento da economia prenunciada pela Doutrina Jesuscristiana e entender a significação política de uma crítica ao sistema de Templos. O cristão cultural ainda entende o sistema templário nos moldes judaicos antigos, somente o cristão iniciático é que compreende o templo nos termos Jesucristiano.

O regime político existente no tempo de Jesus Cristo era o que chamamos hoje de teocrático. Ou seja, um Estado religioso, que mescla o sagrado espiritual com o profano material. A constituição, as leis são a própria Bíblia e os cinco primeiros livros chamados Pentateuco. Neste sistema está contido a constituição, o código penal, o código civil nestas escrituras sagradas.

Neste sistema Teocrático, os juízes julgam alguém interpretando e aplicando as regras e princípios contidos nas escrituras sagradas, onde o sumo sacerdote é o dirigente político máximo da nação. Neste sistema existe ainda o Sinédrio, que é uma espécie de tribunal, de conselho, formado por 80 homens que dirigem a nação, tendo à frente o sumo sacerdote.

Qualquer ato, qualquer comportamento religioso, nesta dimensão, se constitui num comportamento político também, uma vez que não havia divisão entre política de um lado e a religião de outro. Hoje, na maioria dos países do mundo, já existe o sistema político laico, pois há uma divisão institucional entre Igreja e governo. Naquela época,

a Igreja judaica era a sede do poder político, e o sumo sacerdote, o governante máximo da nação.

É muito importante entender que Jesus Cristo revogou este sistema político subjetivo em que religião e política eram uma coisa só e qualquer comportamento blasfemo, irreligioso, era subversivo. Jesus, na sua doutrina da Boa Nova passa a política material subjetiva aos césares, como sendo coisas do mundo e remete as coisas espirituais ao domínio dos cristãos iniciáticos.

Cristo revogou princípios da Lei Judáica, com atos concretos, lavando leis inferiores com leis superiores. Por exemplo, ele curou em dia de sá-bado e não observou as tradições. Para tal, na visão do senso comum, na época, ele está tendo um comportamento subversivo, antipolítico.

Com sua política Objetiva, Jesus revogava princípios da política subjetiva dos judeus. Levando isso em consideração é que se pode entender o quanto Cristo era político também, mas com um padrão objetivos, superior etc. Porquanto ele rompia com a ordem social vigente, uma vez que para fazer política ali bastava praticar religião de uma outra maneira. Isso era, na política Jesucristiana, de oposição à política convencional judaica, uma política que tira o homem do profano material, para religar ele ao sagrado espiritual.

As estruturas de Classe no tempo de Jesus Cristo eram bastante semelhantes a que temos hoje ainda, a sociedade era piramidal com a nossa, por sinal. Assim a classe alta era composta pelos funcionários e detentores do Estado, entre estes estavam o Sumo Sacerdote, o Sinédrio e o Estado romano, o rei Herodes, o governador Ponce Pilatos e a Corte. Esses eram os constituintes do primeiro polo da classe rica, enquanto o segundo polo da classe rica era constituído pelos latifundiários, os grandes proprietários de terra.

Nesta estrutura toda, aparece também a referência aos anciãos, que eram os mais velhos das famílias tradicionais, donas de terras e por fim, tinham os grandes comerciantes do mercado importador-exportador, do mercado atacadista, sobretudo de Jerusalém.

Atrás da classe rica, vinham os “remediados”, constituída de artesãos qualificados, dos grandes centros urbanos, que na época, só em Jerusalém deveria ter de 35 a 40 mil habitantes e em Nazaré, de 20 a 30 famílias. Enfim, em toda a Palestina, a sociedade em que Jesus viveu, deveria ter de 600 a 800 mil habitantes.

Por outro lado, além dos artesãos, havia a classe intermediária constituída pelos pequenos agricultores, pequenos comerciantes e profissionais liberais, que, naquele tempo, eram os escribas e os fariseus. Esta classe intermediária é aquela que estava em ascensão. Nela estava a classe do baixo clero, os sacerdotes do templo e os levitas, que somavam umas 17 mil pessoas.

Naquele tempo os sacerdotes ainda não estavam degenerados, como estão os de hoje, casavam-se, constituíam famílias e existia cerca de 80 mil pessoas dependentes deles. Nestes termos, depreende que este sistema sobrecarregava muito a sociedade, sacrificavam-na com altos impostos, porque estas oitenta mil pessoas

eram totalmente sustentadas pelo fisco, sobrecarregando a classe baixa, formada pelo povão

O povo era muito fragmentado e chamado no Evangelho de “multidão”. Que é a multidão? É a massa de gente, sem maior coesão interna, sem espírito de classe, sem consciência filosófica, vide Mateus, onde diz: *“Jesus olhou a multidão e teve pena, porque ela estava prostrada e cansada como ovelhas sem pastor”*.

No meio desta multidão existia todo tipo de trabalhadores: artesãos do interior, diaristas, arrendatários rurais, escravos, criados; nela também existia os marginalizados, os leprosos, doentes, mendigos, viúvas, esqualepados, estropiados, neuróticos, endemoniados, etc.

Os malucos ou possessos eram as pessoas que, por causa de suas condições sociais, ficavam loucas, em virtude do grau de deterioração das condições de vida.

Havia outros critérios de classificação social, além do econômico, havia o fato de que uma pessoa de sangue judeu tinha mais status social do que outras e um filho de uma pessoa adúltera ou de um estrangeiro ou de um samaritano já não tinha muita consideração.

Nesta época, a pessoa era muito rica, mas pertencente a uma profissão considerada pecaminosa, também era desprestigiada. Nesta época, um fiscal, do ponto de vista econômico, estava bem-posicionado, porque tinha de comprar essa posição[4] já que ela era leiloada e rendia muito. E eles em geral, os fiscais se tornavam rapidamente ricos.

Mas o povo do senso comum considerava que mexer com dinheiro era uma profissão pecaminosa, porque os fiscais eram desprezados e marginalizados. Assim, neste contexto, entendemos por que Jesus almoçou com eles. Isto não porque estes fiscais eram ricos e sim porque eram marginalizados. Neste patamar também estavam os trabalhadores do campo, que eram desprestigiados, devido à função que exerciam, que os impedia de participar das práticas escrupulosas da Lei.

Em síntese, o critério econômico era necessário para entendermos a firmação de classes no tempo de Jesus, conjuntamente com os critérios de sangue, religiosos, ideológicos e culturais.

CAPÍTULO 21 – OS TRÊS PARTIDOS POLÍTICOS DA ÉPOCA DE JESUS

Entre tantos partidos políticos dos judeus na época de Jesus, pode-se destacar três partidos políticos principais:

I. Saduceus: Era comparativamente, nos dias de hoje, a um partido de extrema direita, ultraconservador. Nele como é natural se encontrava a classe rica, os privilegiados dos sistemas sociais. Neste sistema ortodoxo estavam: o alto clero, os proprietários de terra (anciãos). Como dá para perceber, era um partido totalmente submisso aos ditames de Roma, “pelego”, “capacho”, pró-romano, etc.

Devido à sua submissão, este partido não tinha nenhuma posição crítica frente ao poder romano. Neste partido mantido à custa do povo, não havia nenhuma perspectiva messiânica. Os seus militantes não acreditavam na vinda do Messias, porque o Messias significava mudanças e eles eram conservadores. Como sempre foi assim, até os dias de hoje, quem se beneficia da situação de poder tende a conservá-la. E assim estes parasitas do sistema convencional vigente se opunham a mudanças, porque se beneficiava da situação tal como ela era, e mantinha a sua ideologia da conservação.

Naquela época, como até hoje, o povo com este perfil é extremamente conservador e reacionário. O problema mais grave de todos foi que este partido se concentrava em torno do Templo, tinha os papéis principais do governo colegiado do Sinédrio e detinha o poder político subjetivo.

Desta forma, no Templo do Senhor, o sagrado estava sendo mesclado com o profano. Daí dá para entender por que este povo, os anciãos do Templo, os componentes do Sinédrio conspiram contra Jesus Cristo, forjado o seu julgamento e o mataram. Tudo isto porque o Reino de Deus estava sendo mesclado com a profana política do Reino do Mundo.

Neste contexto, dá para se entender por que Jesus Cristo aboliu o sistema templário, revogando as suas diretrizes, deixando-nos uma exortação sobre a desnecessidade da construção de Templos, coisa que muitas religiões não entenderam até hoje. Jesus Cristo sabia que por detrás do altar de um Templo se esconde, muitas das vezes, o punhal da violência!

II. Fariseus: o partido político dos fariseus era composto por leigos da classe média ascendente. Era um partido comparativamente igual a um partido de centro-direita dos dias hoje. Ascendente porque os fariseus e os escribas controlavam a interpretação da Bíblia. Como saber é poder, eles estavam subindo na sociedade e adquirindo bastante postos no Sinédrio, dentro do governo Judeu. O partido era formado pelos intelectuais do templo, pelos advogados, copistas, teólogos etc.

O partido farisaico era formado por pessoas que usam a fé para manter suas aparências e subtrair dividendo do sistema religioso. Frente aos romanos este partido, formado por “pelegos”, era uma espécie de oposição confiante, porque fazia uma resistência pacífica. Os membros do partido dos fariseus pagavam os impostos e se submetiam pacificamente ao julgo romano para evitar o pior. Eles estrategicamente procuravam ganhar espaço no poder pouco a pouco, com o tempo.

Enquanto os partidários dos saduceus se agrupavam no Tempo, os partidários dos fariseus se concentravam em torno da Sinagoga, porque aí era o lugar em que se lia a Lei de Deus, se fazia a liturgia da palavra que eles muito bem dominavam porque eram os únicos que sabiam ler e interpretar a Lei Bíblica.

Os fariseus gozavam da simpatia do povo, detinham a hegemonia, no sentido de que detinham a direção moral, intelectual e o povo confiava neles. Então, na verdade, detinham o poder na mão, um dos historiadores daquele tempo dizia que o povo era o aliado natural dos fariseus.

III. Zelotas: é um partido radical comparável a ultraesquerda de hoje, que rompe definitivamente com os romanos de modo radical e adota a prática da guerrilha, da violência armada. Este partido nasceu na Galiléia e era integrado sobretudo por camponeses escravizados por dívidas.

Os Zelotas visavam destruir a estrutura política romana e o poder judaico dos "capachos" saduceus. Os Zelotas, em determinados momentos, faziam alianças com os fariseus.

Com base nas profecias bíblicas, os Zelotas elaboraram um projeto de governo, que se tivesse sido executado na íntegra, os judeus que eram dominados pelos romanos passariam ser os dominadores dos romanos.

Como é que Jesus se posiciona diante desta relação entre dominadores e dominados havida entre judeus e romanos? Em reposta a isto podemos ler a narrativa do Diálogo entre Jesus e Judas, descrita por **James E. Talmage**, no seu livro "Jesus, O Cristo", mais ou menos assim:

Judas: Jesus assuma o eu papel de Messias, de libertador, liberte os judeus do domínio romano!

Jesus: Os romanos estão dominando os judeus no momento, são os dominadores, se passarmos a ser os dominadores eles se transformarão em dominados. Daí eles lutarão para voltar a ser dominadores etc., etc, etc. E isto prosseguirá num ciclo infindável.

Judas: então, o que pretendes fazer?

Jesus: O meu reino não é deste mundo**!** No meu reino não há dominador e nem dominado, é um reino de liberdade, paz e de justiça, dado aos poucos escolhidos que conheceram a verdade!

O que Jesus Cristo quis dizer é que, no seu projeto político, circunscrito na sua doutrina, Ele tinha a missão de libertar o homem da escravidão para sempre, inclusive da relação dominador/dominado, libertá-lo das coisas do mundo e conectá-lo às coisas do Reino dos Céus.

Os Zelotas tinham na cabeça um projeto de dominação, revolucionário, um projeto nacionalista. Neste projeto visava a independência da Palestina e a expansão imperialista dos judeus. Ele visava colocar o judeu no comando de todos os outros povos, e criar um império mundial judeu. Neste projeto o César Judeu, o gestor das coisas do mundo, seria uma espécie de César-Moises, um César Bíblico que dominasse o mundo, já que isso estava nas profecias da própria Bíblia Sagrada.

Neste projeto ambicioso os Zelotas visavam a restaurar o regime da teocracia do Rei Santo, similar ao Rei Davi. O projeto político dos Zelotas era subjetivo, de natureza egóica, atrelados às coisas do mundo e projeto político de Jesus é objetivo e visa as coisas do Reino dos Céus.

Cristo age ao contrário, Ele dessacraliza o poder político, não pensa em poder religioso, teocrático etc. Deste ponto de vista, há diferença entre o projeto do Cristo e os dos revolucionários Zelotas.

Além destes três partidos principais, existiam ainda outros partidos de significação menor, tais como os essênios, os heroditas e outros, O povo ou "povilhéu" como era chamado a gente da terra, não possuía organizações populares de base e ficava mais sob a dominação dos saduceus e dos fariseus.

CAPÍTULO 22 – A CULTURAL NA ÉPOCA DE JESUS

A cultura na época de Jesus, entre outras vertentes, se expressava por meio de três principais: **do legalismo, do messianismo do gnosticismo,** que se difundiam pelos dois círculos cristãos: cultural e iniciático**.**

I, **Legalismo:** era uma parte básica da cultura judaica na época de Cristo, constituída pelos cristãos placebos, aquele que parecem ser cristãos, mas não são. A ideologia dos legalistas preconizava o culto e a observância rígida à Lei. Os legalistas eram cristãos culturais, desprovidos de predicativos iniciáticos, o que lhes impossibilitavam a compreensão da Doutrina Secreta do Cristo.

Os legalistas eram destituídos da luz do bom senso para lidar com as coisas da vida iniciática. Então só sabiam relacionar sob o sabor da Lei Judaica. A Lei era para eles uma espécie de força que lhes impedia de toda a criatividade, de toda liberdade, pois não os deixavam conhecer a verdade.

O legalismo judaico, praticado sobretudo pelos escribas, pelos doutores da Lei, era extremamente funcional e tendencioso. Ele servia principalmente para manutenção da ideologia de dominação, para acobertar as iniquidades do regime e manter o povo dominado.

O imoral legalismo não era um desvio puramente moral ou religioso dos judeus, ele tinha uma função política também. Os legalistas mantinham uma Lei rigidamente aplicada, para poder manter o povo submisso.

O conhecimento dos doutores da Lei era de natureza exotérica, uma espécie de conhecimento superficial subjetivo, não era esotérico ou iniciático. Eles somente sabiam ler e interpretar a Lei ao pé-da-letra, segunda as suas próprias conveniências.

Os fariseus possuíam um vocabulário complicado, difícil de entender, de tal modo que deixavam o povo confuso e crente de que eles entendiam os mistérios da natureza, mas na realidade eram cegos guiando cegos, pois não possuíam embasamento iniciático, desconheciam os Três Fatores de Revolução da Consciência. É desta forma que o povão desassistido entregava sua liberdade nas mãos dos fariseus, dos doutores da Lei.

Jesus, uma vez sabendo que sem a chave secreta, traduzida nos Três Fatores de Revolução da Consciência, ninguém entra nos Céus e nem deixa os outros entrarem, reprimia indelevelmente os tartufos fariseus, travando violentas investidas contra os Escribas e os Fariseus por isto. *"Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas, que sequestrastes as*

chaves da casa da ciência". E, falando do saber secreto deles "Vocês não entraram nela e impedem aos outros que entrem". (Mateus:23).

As chaves da casa da ciência se constituem no Grande Arcano AZF, conforme narrado no diálogo entre Jesus Cristo e Nicodemos.

Pode-se citar como exemplos de Fariseus: Nicodemos, Caifás, Anás e muitos outros componentes do Conselho do Templo, pertencentes ao Sinédrio, que eram mestres do conhecimento epistemológico e ignorantes completamente do conhecimento gnóstico ou ciência iniciática do Cristo, contido no arcano AZF, que se constitui no grande mistério dos Céus.

As investidas de Jesus Cristo contra os fariseus se deveram então a esta carapaça que Escribas e Fariseus mantinham em cima da consciência do po-vo, pois não sabiam e nem praticavam o arcano AZF e nem deixavam o povo saber e nem praticar também.

Portanto, a política subjetivada dos fariseus e dos saduceus era para manter o ente humano na escravidão da ignorância. Fariseus e saduceus não prestavam para os propósitos da política objetiva de libertação do nosso Senhor Jesus Cristo.

II. Messianismo: O povo judeu estando numa situação intolerável de exploração econômica, de dominação política, de marginalização religiosa, as esperanças em um libertador se aguçavam de maneira extrema. O povo judeu esperava um messias com o perfil de Moisés, pa-ra libertá-lo dessa opressão, dessa situa-ção intolerável.

O povo imaginava um Messias guerreiro a altura de suas necessidades, um grande dirigente que viria trazer-lhe paz, pão, saúde, e libertação de todas as opressões. Era esperado um Messias que viesse libertar a Palestina da dominação romana para que pudessem ler, estudar e praticar a Lei em paz.

O Messias esperado pelo povo não tinha nada a ver com Jesus Cristo, pois esperavam um Messias de política e governabilidade subjetivas, voltado as coisas deste mundo, um Messias também de classe sociais.

O povão esperava o Messias realmente material e a espera era feita de uma maneira urgente, delirante, de uma hora para outra. Isso porque a situação estava tão insuportável que pior não podia estar.

Um historiador romano, Flávio Josefo, conta que na época em que Jesus viveu surgiram cerca de trinta messias, dizendo-se reis, libertadores e todos acabaram mortos, massacrados pelo poder romano. O povo pensava que João Batista era o Messias. O mesmo aconteceu com Pedro, Judas Galileu e com Paulo. Havia por parte do povo uma expectativa incrível de um salvador, libertador, e se investiam nas pessoas que apareciam com uma certa perspectiva de libertação.

CAPÍTULO 23 – O POSICIONAMENTO DE JESUS ACERCA DAS FINANÇAS

Jesus Cristo nunca foi comunista e muito menos capitalista, Ele foi comunitarista, Senhor do Compartilhamento**.** Ele vivia na companhia dos pobres e dos oprimidos.

"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. (Mateus 11:28). Ele orientou exaustivamente os seus fiéis para não acumular capital para si, ao estilo dos capitalistas de hoje e nem para o estado, no modo comunista, mas sim para compartilhá-lo entre todos os filhos do Dono do Capital Planetário.

Jesus andava junto a sua base social, que eram os oprimidos e marginalizados daquela sociedade. Os seus primeiros milagres estão associados a curas de pessoal muito marginalizado e desassistido. Com isto Jesus reata com a boa tradição profética que é a defesa dos desassistidos.

Jesus derrogou o princípio judeu farisaico, que ainda permeia as diversas igrejas até hoje, que textualmente diz: *"Afasta-te dos pobres, dos pecadores, porque são malditos"*. Os fariseus pensavam que a condição de vida dos pobres lhes impedia de praticar os preceitos da Lei e que por isto, eles achavam que os pobres eram pecadores malditos.

Desta forma a política objetiva do Cristo é de oposição à política subjetiva dos judeus fariseus. Jesus, ao contrário dos fariseus do Sinédrio, se aproxima e defende os desassistidos. Jesus é do partido dos pobres, dos oprimidos, faz oposição aos privilegiados dos sistemas convencionais de todos os tempos.

Neste sentido, Jesus Cristo tem uma atitude firme de criticidade frente aos privilégios dos poderosos. A oposição de Jesus Cristo aos dirigentes do povo percorre os Evangelhos de ponta a ponta.

Em oposição aos preceitos farisaicos, Jesus Cristo pratica muitos atos objetivos: Jesus cura um paralítico e os Fariseus cochicham entre si e dizem. *"Esse homem blasfemo, porque ele perdoa pecados"; Jesus* janta com os publicanos e os Fariseus dizem:" Como *é que o mestre de vocês almoça com os publicanos?"*: Quando os discípulos infringem o sábado, esmagando, descascando as espigas de trigo e comendo, então aí aparece o ataque direto a Cristo: *"Como é que seus discípulos infringem o dia de sábado?" E*m seguida os fariseus atacam Jesus pelo motivo dele não lavar as mãos antes de comer, desrespeitando a tradição farisaica

Em Jerusalém, palco do conflito aberto entre Jesus Cristo e os judeus culturais, Jesus atacou diretamente os escribas, os fariseus, os sumos sacerdotes e os saduceus, expulsou os vendilhões do Templo, e declarou que o Templo ali edificado ia acabar.

Jesus Cristos percebendo que o templo estava sendo usado pelos magos negros, estava sendo o quartel general da Loja Negra, derrogou o seu funcionamento, pondo fim à necessidade de se construir templos. Apesar de a maioria dos preceitos da lei judaicas terem sido abolidos, os judeus daquela época e os cristãos culturais de hoje, das diversas religiões, continuaram praticando-os, por falta de entendimento dos preceitos iniciáticos do cristianismo.

Jesus Cristo amaldiçoou também a figueira, símbolo da árvore da vida infrutífera que não gera mais vida. A maldição da figueira significa maldição daqueles que praticam a infra sexualidade dentro dos seus próprios gêneros, cruzam, mas não produzem descendentes, não dão frutos.

Logo entendido esses gestos proféticos e revolucionários de Jesus, uma semana após Ele fora falsamente acusado pelos cristãos farisaicos, injustamente julgado, indevidamente levado ao tribunal, e imoralmente condenado à morte na cruz.

Quem matou diretamente Jesus foram os dirigentes, os chefes do povo de Israel, com conivência do povão. Num primeiro momento o povo judeu estava ao lado de Cristo. Por isto é que os chefes somente conseguiram pegar Jesus escondidos do povo, traindo, comprando um discípulo. Num segundo momento o povo não aguentou o repuxo e aliou-se à traição dos agentes demoníacos do templo, apoiando a absolvição de Barrabás

Jesus não teve urna posição politicamente direta e sim profética, em termos de políticas subjetivas do Reino do Mundo. Ele não tinha programa político definido, como o tinham os zelotes, os saduceus e os fariseus. Ele também não fundou uma corrente política subjetiva, que visasse diretamente o poder na dimensão materialista.

Alguns historiadores consideraram Jesus um zelote, devido a que seu discurso inflamado, crítico e contundente, era similar aos dos zelotes. Cristo já descontente com as distorcidas finalidades do Templo também expulsou dali os seus mercadores, o que agradou os zelotes e ele morreu como um revolucionário, como um zelote, como um criminoso político. A inscrição em cima de sua cruz dizendo: *"Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*" está dizendo que Jesus é um chefe zelote, um rei zelote, assim é condenado na Cruz. Por to-dos esses motivos, ele teria sido considerado um zelote.

Mas ao bem da verdade existem atos que demonstram que Cristo não era um zelote. O que está explícito nas suas práticas, diferentes das práticas dos zelotes. Temos aí as suas palavras de perdão, de não violência. Jesus anda em companhia dos fiscais, se relaciona com os romanos e resiste à tentação do poder, o que não ocorria aos zelotes.

E ele guarda o seu segredo messiânico, que é o arcano azf, o protege, mantendo-o revelado somente aos cristãos do círculo iniciático, enquanto para os cristãos do círculo cultural ele usava as parábolas, para não profanar o sagrado arcano azf. Ele não queria revelar sua real identidade messiânica para os cristãos culturais, para não provocar atitudes de sublevação no meio do povo, pois achava que isto iria profanar as coisas sagras de Deus

Portanto, Jesus Cristo compartilha parte do ideário da concepção e da mentalidade do programa Zelote, mas diverge de outras partes, em que ele era combatido.

Jesus não era um ser apolítico subjetivo, na dimensão da política convencional dos Césares do mundo. Porém, ele não era alienado das questões sociais e sim sua política era do Reino dos Céus, uma política objetiva, com o papel de retirar o homem da política mundana e conectá-lo à política objetiva dos Céus, libertá-lo da escravidão materialista.

Jesus não era um ser alienado, indiferente aos sofrimentos dos pobres. Ele sabia que o poder político subjetivo era uma tentação satânica. Jesus não era contra o poder político do servir ao próximo, mas Ele era contra o poder político de dominação. Jesus

nunca foi contra o poder como tal, enquanto poder de serviço. Ele era contra o poder de dominação.

Jesus Cristo teve uma verdadeira atuação política, mas na dimensão objetiva, Ele foi um revolucionário completo contra as coisas do mundo. A sua grande missão política foi a de libertação do homem de forma definitiva, ao desconectá-lo das coisas materiais do mundo e reconectá-lo as coisas do Reino de Deus. Este foi o seu projeto radical total de transformação da sociedade. Por isto quando Ele prega o Reino de Deus, prega uma revolução integral, uma revolução absoluta.

Na verdade, a raiz da proposta do Cristo é de cunho espiritual. Mas ela tinha implicações materiais e efeitos claramente político, porquanto Ele mapeia o caminho para movimentação do ente humano, para ir do Reino do mundo ao Reino de Deus. As diretrizes desta proposta levam-no a atacar o Templo, o cérebro central da exploração dos sistemas político-religioso e as causas, os efeitos e as consequências disto também são políticos.

Jesus Cristo é perseguido continuamente durante toda a trajetória de sua vida pública. Em razão da sua atuação, Ele é julgado por dois tribunais, pelo religioso onde foi declarado blasfemo, como herege e pelo romano onde foi condenado exatamente como revolucionário e subversivo.

CAPÍTULO 24 – A POLÍTICA DE JESUS NOS DIAS DE HOJE

Se Jesus Cristo vivesse hoje, a sua relação na sociedade seria a mesma de antes, pois os seus ensinamentos, os princípios universais de sua doutrina são imutáveis, sua doutrina é irrevogável e eterna, não modifica como o tempo. Sua doutrina visa arrancar o homem do mar de lama, onde está metido na política subjetiva, de perfil materialista, que o que atrela e o acorrenta as coisas do mundo e reconectá-lo as coisas dos céus.

A política de Jesus não visa diretamente derrubar o poder ou propor um modelo alternativo de governabilidade subjetiva. Ele propõe que se trabalhe para o bem comum do próximo, na dimensão de compartilhar os bens produzidos.

Jesus não queria o poder, o domínio para os judeus, no molde dos zelotes e nem para os romanos, nos moldes dos césares, mas queria libertar zelotes e césares desta necessidade satanasiana de dominar um ao outro ou vice-versa.

E da mesma forma que confundiram Jesus Cristo com os elotes, naquele tempo, hoje também a maioria dos cristãos culturais iria confundir Jesus Cristo, em sua volta, com os comunistas. E iria, da mesma forma, condenar Ele e a sua Igreja como sendo comunistas, como subversivos.

O comportamento histórico e concreto da inaceitação do Cristo por parte dos fariseus, dos saduceus e de toda cristandade cultural da época de Jesus, ainda é o mesmo comportamento que a Igreja, os pastores e as comunidades seguem ainda hoje. Onde nos templos, na igreja das diversas religiões, se vende de tudo, comercializa a fé, se opõem a aplicação dos princípios jesuscristiano.

Jesus nunca interessou em organizar o povo, de tal maneira que ele pudesse obter o poder político subjetivo e exercê-lo de maneira adequada aos sistemas do mundo. Cristo nunca teve na cabeça um projeto revolucionário de conquista do poder e de organização de uma sociedade capitalista ou comunista, Ele visava a obtenção de seguidores versados na ação do compartilhar, uma sociedade comunitarista, anticapitalista e anticomunista.

Jesus sabia que o cristão, sendo capitalista ou comunista, não dava para seguir na senda iniciática ou gnóstica*." Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas".* (Mateus 6:24).

Deste modo Jesus Cristo não podia ser tudo ao mesmo tempo. Ou era Mestre Iniciático ou revolucionário zelote. Ou seria Messias da política subjetiva, recheado de poderes do mundo ou Messias Iniciático, pobre e sofredor como o povo, mas Rei dos Reis.

Jesus escolheu o Caminho Iniciático e nos convidou a segui-lo "*Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me". (Lucas* 9:23). Jesus não participou da política subjetiva e nem recomendou ao cristão daquele tempo e de hoje também a participar dela.

Se Jesus Cristo vivesse hoje, Ele faria a mesma coisa e recomendaria aos cristãos que assim fizessem também. Ele recomendaria que praticasse uma política objetiva do servir ao próximo, nos moldes dos Três Fatores de Revolução da Consciência. Ele iria sacrificar pela humanidade e não a sacrificar, como fazem os políticos subjetivos. Ele iria contestar as igrejas mercadológicas, criticar o capitalismo e o comunismo, defender os pequenos, ser solidário aos operários, lavradores etc.

Se Cristo vivesse hoje ele não entraria para nenhum partido político do sistema político subjetivo. A política subjetiva do mundo capitalista falhou e hoje a maior parte da humanidade está desassistida, recheada de mendigos, moradores de rua, famintos etc. Precisamos da proposta cristã do bom samaritano, que se curva diante do despojado para ajudá-lo.

Para Jesus Cristo a família é a família humana no seu todo e não um punhado de pessoas privilegiada de um lado, com mendigo, pobres moradores de rua, de outro lado, como engendra o capitalismo ceifador.

Devemos fazer uma tradução política disto, porque essa é a nossa mentalidade. A política capitalista não entende que amor ao próximo não é o amor ao outro, individual, mas sim que é o amor às massas humanas, as classes inteiras, a toda a humanidade.

O pobre Lázaro dos tempos de Jesus simboliza hoje os pobres favelados, os operários da periferia, são as massas oprimidas e exploradas pela política subjetiva do capitalismo ceifador.

CAPÍTULO 25 - PREFERÊNCIAS POLÍTICAS DE JESUS CRISTO

Em algumas passagens das escrituras se analisa a posição política de Jesus Cristo. Como podemos ver, Jesus foi acusado perante a autoridade romana de ter promovido uma revolta política. *"E, levantando-se toda a multidão deles, o levaram a Pilatos. E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei"* (Lucas 23: 1-2).

O poder político subjetivo dos judeus temia o poder político objetivo do Reino dos Céus. Assim, na medida que deliberava, o procurador Pilatos recebeu pressão para condenar Jesus à morte pelo seguinte motivo ilógico: *"Se os soltas não és amigo do César! Todo aquele que se faz rei é inimigo do César!"* (Jo 19:12).

Em sua política objetiva do Reino dos Céus, Jesus se opunha frontalmente a política subjetiva do Reino do Mundo. Então os cristãos culturais, adversários de Jesus, usaram como desculpa a pregação que Jesus realizara sobre o Reino de Deus, um reino recheado de justiça, amor e paz. Os opositores de Jesus usaram como argumento, para apresentá-lo como um adversário político, o fato de que Ele poderia trazer problemas para Roma.

Em sua época, Jesus não participou diretamente da política subjetiva e nem apoiou nenhum dos grupos ou tendências nas quais concentravam-se as opiniões e a ação política das pessoas, que naqueles tempos viviam na Galileia ou Judeia. Certamente é o que Ele faria se vivesse hoje aqui na Terra.

Isto não significa que Jesus iria ficar alheio a tudo o que era relevante na vida social do nosso tempo. Ele iria desaprovar o comunismo e o capitalismo, nos moldes que estão configurados. Ele iria combater a mercantilização da fé das religiões mercadológicas. Iria dedicar aos pobres e aos necessitados. Iria pregar a justiça e, sobretudo o amor ao próximo.

O povo judeu, em sua imensa maioria, sem qualificação iniciática, esperava um Messias guerreiro, libertador ao estilo de Moisés. Por isto, quando Jesus entrou em Jerusalém, para participar na festa da Páscoa, a multidão aclamou gritando: *"Hosana ó Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! ¡Hosana nas alturas!"* (Mt 21:9).

Mas Jesus não respondia às expectativas políticas subjetivas que o povo imaginava que teria um Messias do seu naipe. Ele nunca fora um líder guerreiro que tinha vindo para mudar o mundo, com o uso das armas, da situação em que se encontravam. Ele não iria provocar uma mudança revolucionária que levasse ao levantamento contra o poder romano.

O messianismo de Jesus Cristo objetivava libertar os Romanos da necessidade de dominar os Judeus e libertar o Judeus da necessidade de passar de dominado a dominador.

O messianismo de Jesus somente pôde ser compreendido por quem possuía atributos iniciáticos, à luz dos cânticos do Servo que sofre, profetizado por Isaías, que se oferece à morte para a redenção de muitos, vide Isaías 52:13-53.

CAPÍTULO 26 – RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA

Religião e política não devem caminhar juntas, devem possuir uma relação de independência, pois possuem papéis diferentes em suas missões.

A política subjetiva do mundo convencional, praticada pelos algozes de Jesus Cristo, ao tentar tirar Ele do caminho do triunfo e relegá-lo ao esquecimento, matando-o por crucificação, fracassou rotundamente. Ao invés de suplantá-lo, acabaram foi criando a figura de maior influência na história.

Jesus Cristo com sua política objetiva do Reino do Céus, sem armas e sem uso de força, sendo um pregador indigente de Nazaré, através dos Três Fatores promoveu ensino para a Revolução da Consciência, fundou seu império baseado apenas no amor e até hoje milhões de pessoas morreriam por Ele.

A pregação de Jesus tinha grande conteúdo de política objetiva que difundia consequências econômicas e sociais importantes. No bojo de sua doutrina Jesus pregava a dignidade do ser humano, dizendo que todos os indivíduos deveriam ser tratados com igualdade de direitos.

Com esta sua tese, Jesus impunha uma derrota à escravidão que vigorava na época, pois se todos eram iguais conforme afirmava Jesus, nenhum homem podia escravizar outro e colocá-lo a seu serviço.

Jesus Cristo se opunha ao comunismo, mediante a tese de que todos deveriam ser livres para escolher seu trabalho e ter o direito de apropriar-se dos frutos de seu esforço, desde que o redistribuísse com o seu próximo. Isso significava uma revolução pré-capitalista nas relações trabalhistas e no destino do produto derivado. Pois a única maneira de um homem ser dono do resultado de seu esforço e seu trabalho é pelo direito de propriedade, pelo qual ele poderia acumular os ganhos, que não gastasse em consumo, desde que o compartilhasse com os demais.

Para Jesus o acúmulo de bens era permitido por uma pessoa, dede que este tivesse o objetivo de ser dado em usufrutos aos seus tutelados. Então, o acúmulo de recursos se destinava à redistribuição aos demais semelhantes, segundo as suas necessidades.

No capitalismo do Sistema Econômico Objetivo Jesuscristiano, o acúmulo de bens de capitais, por parte de uma pessoa, é para compartilhamento com os seus tutelados e não para acumular para si próprio, como fazem os cristãos culturais do capitalismo subjetivo de hoje.

No Império Romano, não havia escravos estabelecido por critérios de raça, mas pela negação do direito de propriedade. E isto continua na atualidade, mesmo no seio das maiores democracias das diversas nações do mundo. Onde, o ser humano nada

podendo possuir, a não ser o direito de trabalhar por um mísero salário-mínimo, que não dá nem para comprar o alimento e abrigo!

A tese de Jesus, se aplicada pelos romanos e pelos judeus, na época, e pelos governos da política subjetiva nos dias de hoje, desmontaria e desmonta todo o sistema social e econômico vigente, seja capitalista ou comunista.

Como Jesus pregava a tese de que a vida humana, como tendo sido doada pelo mesmo Criador, deveria ser tratada com equidade e igualdade entre todos, como um valor superior, necessário à dignidade real da existência na Terra. Isto assustou a todos os cristãos culturais da época e ainda os assusta nos dias de hoje. A abordagem do conjunto de princípios imutáveis de sua política objetiva das coisas de Deus, começou a assombrar os poderosos em sua época e os assusta até hoje.

Ao pregar a dignidade individual, o direito de ser dono dos frutos do próprio trabalho, para compartilhá-los com seus tutelados desassistidos não foi entendido pelos cristãos culturais daquela época e nem pelos de hoje.

Ao defender a liberdade de escolha e o direito à vida com justiça, Jesus criava um problema para a sociedade cristã cultural, daquele tempo e de todos os tempos, em que a sua política subjetiva plasma pela manutenção da desigualdade social.

Na época de Jesus e hoje também há os escravos, que mantidos pela política subjetiva, em situação de subsistência, com baixos salários, baixos padrão de consumo, com ínfima assistência social etc., são abandonados para morrer, quando ficam e ainda ficam doentes.

Na época de Jesus sua pregação incomodou o sistema, pois que uma vez livres os escravos, o trabalho teria de ser remunerado, acabando com a moleza dos senhores que viviam à custa de seus servos. Hoje em dia o sistema político convencional, que privilegia os poderosos, renumera infimamente os escravos, numa dimensão em que eles tenham que viver como servos.

Lá em Jerusalém, até hoje estão os vestígios da crucificação do Rei dos Reis, a pedra em que foi banhado e o túmulo onde foi sepultado. E os princípios imutáveis que ele ensinou foram tergiversados pelos algozes de sua doutrina, desde Irineu de Leon a Constantino e de Constantino até os dirigentes do cristianismo cultural de hoje.

Em nome do Cristo, deturpando as suas teses, líderes religiosos, políticos, governantes etc., desconstruíram e deterioram a Doutrina jesuscristiana da Igreja Cristã Primigênia. Porém, devemos compreender que o Rabino da Galileia interferiu decisivamente na história política e econômica da humanidade, com a sua Doutrina Objetiva das coisas do Reino dos Céus!

CAPÍTULO 27 – A POLÍTICA NO NOVO TESTAMENTO

Os modos de concepção dos escritos do Novo Testamento trazem surpresa, na medida que na antiguidade, especialmente no século I d.C., a instituição política

é reconhecida como uma necessidade, na maioria vezes de direito divino, e faz parte da realidade do mundo, que ninguém ousa destruir ou pôr em causa.

Até a institucionalização do cristianismo, ele convivia com a beleza e a pureza do Cristo. Após a constantinização do cristianismo, ocorre a mescla em definitivo do sagrado divinal ao profano da política.

No Círculo Cristão Cultural, é onde se mescla o profano ao espiritual, como se evidencia no Novo Testamento, onde se abordam a questão da relação eclesiástica com a dimensão política, num contexto em que o poder não se opunha a evangelização e vice-versa.

Neste contexto é que vamos encontrar, por exemplo, o capítulo 13 da Carta aos Romanos, enfatizando a submissão às autoridades políticas e a Primeira Carta a Timóteo exortando a rezar pelas autoridades políticas.

No Círculo Cristão Iniciático, do sagrado gnóstico, por outro lado, existem profecias como as de João, no Apocalipse, que denunciam a mescla da profana política subjetiva do mundo com o sagrado do Reino dos Céus, denuncia a deificação do Estado.

Todo cristão iniciático sabe que o poder político é demonizado, isto é, que se tornou o instrumento através do qual Satanás age no planeta, depois que o Criador atribuiu diretamente este poder a Satã.

Sabe-se que a afirmação da submissão ao poder constituído, vide **Romanos 13**, decorre do fato de que a autoridade concorre para o bem material da humanidade, mas não concorre para a elevação espiritual em razão da demonização do próprio poder político ser de natureza subjetiva.

Ao longo da história até o advento da vinda de Jesus Cristo, o poder político sempre teve um fundamento religioso e legitimado por Deus, ou seja, como construído, desejado, autorizado por uma potência divina.

O ponto máximo desta ideologia sintetiza-se no fato deste sistema ser comandado por um Messias, node a alta casta social detinha o conhecimento e conhecimento é poder. Jesus Cristo foi quem retirou este poder dos poderosos e o redistribuiu ao povo, ao ensinar publicamente, ainda que veladamente os Três Fatores de Revolução da Consciência.

A dimensão religiosa do poder entre a cristandade faz com que, de um lado, ele possa ser aceito, enquanto de outro ele possa ser considerado como uma grave e mortífera ameaça dirigida à fé cristã. A política subjetiva não é necessária para a vida dos cristãos iniciáticos. Por isto eles não precisam defender o exercício desta política.

Os cristãos culturais, ao longo da história, consideraram como evidente o fato de que o poder político e o religioso devem estar reciprocamente articulados.

A fé cristã da cristandade iniciática deve ser considerada como uma convicção íntima, uma piedade interior que diz respeito à alma, à salvação do indivíduo, onde as dimensões econômica, social e política não podem se inserirem na sua esfera de sua competência.

Para muitas igrejas das mais diversas religiões, destituídas de predicativos iniciáticos, o Evangelho se traduz em uma decisão política e participam do jogo político.

Para o cristão iniciático, os contextos em que o Evangelho é incompatível com a política subjetiva são os caracterizados por uma situação em que este o atrela as coisas do mundo.

Após os ensinamentos de Jesus Cristo acerca do Reino de Deus, toda autoridade e todo sistema político subjetivo tornaram-se ilegítimos, para efeito de iniciações.

Os fiéis iniciáticos se consideram cidadãos do Reino de Deus, enquanto os fies culturais se consideram cidadãos do Reino do Mundo, de uma nação ou de um Estado governados por um sistema humano, através de políticas subjetivas.

Ao longo da história do cristianismo sempre houve cristãos em situação de perseguição por um Estado tirânico, onde o poder político é totalmente nocivo a estes, o que demanda certa dose de ódio contra este poder político demonizado.

Por outro lado, sempre ouve, mesmo nas melhores democracias, uso do poder em favor do privilegiados em, com o sacrifício dos menos favorecidos. Neste contexto os cristãos culturais devem lutar contra a arrogância de um regime tirânico e contra as injustiças do poder sobre os mais fracos.

Por outro lado, deve-se entender que poder do Estado, seja de um regime tirânico ou não, não é ilegítimo, ele é outorgado por Deus, que primeiramente o concede ao diabo e este o distribui ao homem, que o dirige através de sua política subjetiva, em oposição a Política Objetiva do Reino de Deus, cujo comando foi dado diretamente a Jesus Cristo.

"É preciso pagar o tributo a César?" Esta foi a pergunta feita a Jesus Cristo e que cada um de nós fazemos também. Cesar, neste contexto, representa o gestor político do poder universal de qualquer nação que esteja no domínio da situação, em situação de governabilidade. Na época de Jesus era Roma que estava nesta situação de domínio sobre os judeus. Os judeus na condição de dominados, através dos zelotes, queriam tomar o poder, reverter a situação, se tornarem césares dominadores.

Se Jesus tivesse respondido diretamente que era preciso pagar tributo a César, naquela época, ele teria sido denunciado como um colaborador ou como cúmplice de homens ímpios e de um rei pagão. Ao contrário, se Jesus tivesse respondido que não se devia pagar, então teria sido contado entre aqueles que se opunham ao poder romano, que considerava legítimo o combate com as armas.

Assim, por trás de uma pergunta aparentemente insignificante, escondia-se a tendenciosidade, um artifício ardiloso, que obrigaria Jesus a se situar na sua relação com a dimensão da política subjetiva.

No entanto, Jesus estava ciente de que essa relação, com a dimensão da política subjetiva, era religiosamente legitimada em se tratando da cristandade cultural. Aquela que está no mundo e vive ainda a materialidade, ainda não se decidiu pelo mundo iniciático.

A espiritualidade cultural é subjetiva e vive um esquema financeiro que é sacrificador da humanidade; onde é preciso pagar o tributo à máquina administrativa para a sua manutenção. É justo que os soberanos deste poder, os césares do poder dominante, exijam esse imposto a seus súditos, que ficam na obrigação de pagá-los.

Jesus com sua imensa sabedoria não caiu na armadilha dos ardilosos. Então, sabiamente Ele pediu que lhe mostrassem uma moeda com a imagem de **César** e acrescentou que se desse a César o que lhe pertencia.

Isto quer dizer que a moeda, que compra as coisas materiais, pertence a César e traz a sua imagem e por isso é justo entregá-lo a ele. Porém, além de fazer isto, Jesus acrescentava outro elemento intrigante, dizendo para dar a Deus o que é de Deus.

A questão toda reside no fato de se saber fazer a distinção entre moeda que é de césar e a moeda que é de Deus.

Os interlocutores de Jesus, revestidos de tendências ideológicas, criavam uma questão exclusiva: ou se jurava fidelidade a Deus e se excluía o poder político romano, ou se jurava fidelidade a César e se tornava colaborador dos ocupantes e dos maus judeus.

Jesus não caiu nesta armadilha. Porque, no fundo, ele trouxe à tona essa dupla fidelidade, que consistia em dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

Isso significa que, para Jesus, o cristão é um duplo devedor: de César e de Deus. Para César se paga com a moeda comum e corrente, de um lado, cumpre-se uma fidelidade para com o poder político subjetivo, que move o seu mundo, que move o corpo social ao qual o indivíduo pertence; de outro lado, cumpre-se de uma fidelidade para com Deus, que paga com as moedas do Pai Celestial, que consiste no atributo dedicado a Deus através dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

Para César se paga tributos com moedas ganhas com o nosso trabalho convencional para a nossa subsistência, de natureza material. Para Deus se paga tributos com medas ganha o nosso trabalho esotérico com os Três Fatores de Revolução da Consciência, de natureza espiritual.

Os Três Fatores de Revolução da Consciência se constituem num atributo pago a Deus somente pelo cristão iniciático, por aquele que busca a Deus acima de todas as coisas, que se converteu ao Cristo, que pertence ao Círculo Iniciático dos poucos escolhidos.

Se o poder dominante, constituído pelos Césares, fosse constituído por espiritualistas iniciáticos, tudo seria de Deus, não precisava dar uma coisa para Cesar e outra para Deus, pois o que fosse de César seria de Deus e vice-versa.

Neste contexto, Jesus teria dado a seguinte resposta: "Daí a César o que é de Deus e a Deus o que é de César**".** Porque, se aquele povo daquela época e os de hoje estivessem dando na integra tudo aquilo que é de Deus, não existiriam dominantes e nem dominados, todos eram conscientes de que somos filhos de Deus, de que não se pode ser ameaçado pelo poder de César e nem ameaçar o César.

O cristão iniciático sabe que por melhor que seja uma nação governada por um governo de política subjetiva, este não coloca absolutamente em causa a sua identidade iniciática, pois não a tem. Uma vez que os objetivos do Estado estão atrelados às coisas do mundo, as coisas de César.

Pode-se afirmar, sem medo de errar que a mensagem do Jesus histórico apresenta aspectos políticos, mas não da política subjetiva do mundo. A Política objetiva de Jesus é atrelada às coisas do Reino dos Céus, onde Ele anuncia do Reino de Deus, o fim da desordem, da ambição, da injustiça, o advento de uma paz harmoniosa etc.

Na Política Objetiva de Jesus o governante não se serve do poder, ele é um servidor do próximo, se serve do poder para realizar o bem-estar do próximo**.**

A mensagem de Jesus envolve uma dimensão política, onde ele proclama o Reino de Deus. O Reino de Deus e o Reino do mundo guardam entre si uma relação de oposição. O Reino do Mundo é governado direta por satã e indiretamente pelos políticos, enquanto o Reino dos Céus é governado pelo seu Rei, o Rei Jesus Cristo.

O propósito da política objetiva de Jesus é de retirar, da grande multidão de cidadãos do Reino do Mundo, cidadãos do Reino de Deus. Dos muitos cidadãos do espiritual cultural, chamados pelo Cristo, alguns poucos são escolhidos pelo Cristo para o Reino de Deus. Ao Reino do Mundo pertence toda cristandade do círculo cristão cultural e ao Reino de Deus pertencem todos aqueles cristãos que se converteram ao cristianianismo iniciático, que migram do círculo cultural para o círculo iniciático.

Jesus Cristo ao proclamar o Reino de Deus, aqui na Terra, através de sua Boa Nova, nunca quis defender um desengajamento da esfera política subjetiva, um desligamento das coisas de César. Porque ela sabia que todos os espaços do cosmo precisavam de ser preenchidos. A Ele coube o papel de fazer a distinção

entre o papel dos cristãos, nas dimensões culturais e iniciáticas, nas políticas subjetiva e objetiva.

Jesus Cristo, sabendo que todos os espaços do cosmos precisam ser preenchidos, jamais foi um rebelde sistemático sem causa e muito menos um inimigo da existência social. Assim Ele nunca fora um inimigo do poder político subjetivo partidário, mas foi um elucidador do limite deste poder ante os Poderes do Reino dos Céus.

Quando Jesus anunciava o Reino de Deus, ele dava uma coloração política à sua pregação, mas de Política Objetiva e aí neste ponto Ele parecia com um Zelotas, que o consideraram-no um deles. Porém os zelotas praticavam uma política subjetiva do Reino do Mundo.

Jesus nunca reivindicou aberta e explicitamente o título de Messias, pois esse título lhe fora conferido depois da Páscoa. Ele não reivindicou este título de Messias porque, na Palestina do século I, proclamar-se Messias significava reivindicar o papel de chefe político subjetivo.

O Messias que o povo judeu esperava ansiosamente tinha que ter um perfil diferente do que tinha Jesus. Uma vez que aquele que, tendo chegado a chefe dos exércitos de Deus, deveria expulsar da Palestina os ímpios ocupantes romanos. A expectativa messiânica no tempo de Jesus era fortemente pautada pelo nacionalismo judaico, coisa que o próprio cristo revogou.

A política objetiva de Jesus visa conectar o homem ao Reino Dos Céus, a corte celestial da consciência, o que só é possível com a prática concreta da ciência dos Três Fatores de Revolução da Consciência. Esta ciência não é entendida pelos fariseus, que não conseguem entrar no Reino dos Céus e nem deixa os entrarem.

Na Política Objetiva de Jesus ele traz uma mensagem de não violência que vai além do pacifismo, até mesmo do que a própria não violência, o que pode ser deduzido lendo o Sermão da Montanha (Mt 5-7), onde Jesus revoga a lei do talião, por entender que esta é uma perpetuação da violência que recorre em ciclos.

Essa é a razão pela qual Jesus de Nazaré recusava-se a utilizar o título messiânico. Pois ser messiânico, no perfil judeu, subtendia libertar um povo da relação de domínio, que passaria de dominado a dominador e vice-versa, num eterno ciclo absurdo. E Jesus é o libertador da necessidade que o homem tem de dominar ou de ser dominado. Ele que quebra esta corrente cármica, pois libertando o homem da necessidade de ser dominado, consequente liberta-o da necessidade de ser dominador, e assim sucessivamente

É extraordinária a fórmula de Jesus de dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Os cristãos iniciáticos são engajados na política objetiva de Jesus Cristo, de serem homens e mulher que dão tributo a Deus. E os cristãos culturais são engajados nas coisas do mundo, dão tributos a César.

A partir da ação da tergiversação do cristianismo de Jesus pelos proto-ortodoxos Irineu e seus sequazes. O que se seguiu com as ações de deterioração de Constantino e seus sequazes, onde o cristianismo perdeu a capacidade de pensar no bem comum e numa sociedade na qual cada um tenha o máximo de oportunidades do seu lado.

O cristianismo de Jesus, ao longo da história perdeu a sua vocação igualitária, deixou viver o igualitarismo, o comunitarismo. Então deixou de ser o Cristianismo do Cristo e passou a ser Cristianismo Satanisiano, aquele que se busca o poder de uns sobre os outros, na sua ideologia tendenciosa de pensar o bem do mundo sob o seu aspecto político econômico, segundo os parâmetros das coisas mundo.

O Papa Francisco e todos os demais líderes religiosos do cristianismo cultural, se quiserem de fato praticar o Cristianismo, na dimensão Jesus Cristiana, teriam de dividir o patrimônio da igreja entre os pobres e colocarem na frente a vontade de interrogar o mundo sobre a divisão dos bens, sobre a repartição dos lucros, sobre a assustadora pobreza, sobre o perigo do equilíbrio entre aqueles que têm muito e aqueles que têm pouco.

É preciso que os líderes religiosos se conscientizem de que não vivem o cristianismo Jesuscristiano, de que o qe eles praticam é um cristianismo que se curva sobre as coisas do mundo, que não se compromete a viver os valores cristãos do igualitarismo Jesucristiano, tendo em conta que são só esses valores que salvarão o mundo.

Se os homens de espiritualidade cultural, praticante da política subjetiva do Reino do Mundo, tivessem aceitado a proposta doutrinária da Política Objetivo do Reino de Deus, veiculada por Jesus Cristo, hoje a humanidade já teria saído do inferno da Babilônia e adentrado no paraíso da Jerusalém Celestial.

Porém o sistema político antijesuscritiano rejeitou o seu Reino em todos os sentidos, desde antes da estadia do Rabino da Galileia aqui na Terra, até os dias de hoje.

Jesus Cristo, sabendo da rejeição deste seu propósito, preparou o seu plano para os poucos, para os que são escolhidos para Círculo Cristão Iniciático dentre os muitos chamados. Jesus deixou os muitos chamados no campo da rejeição, reatividade, de oposição ao Reino dos Céus. Nesta dimensão estão os cristãos culturais das diversas igreja das muitas religiões culturais existentes no mundo. *"O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui". (*João 18:36).

CAPÍTULO 28 – DISTINÇÃO ENTRE AS MOEDA DE CÉSAR E A DE DEUS

As correntes políticas, da cristandade de hoje em dia, não diferem muito daquelas da época de Jesus Cristo.

Quando vai chegado a época das eleições observamos o farisaísmo de muitos candidatos, que com suas ardilosas perguntas desejam que os seus adversários caiam em contradição. Assim elaboram perguntas, que em si mesmas são armadilhas, pegadinhas, sempre com o objetivo de se sobrepor ao concorrente.

Foi assim que fizeram com Jesus também, que sempre foi questionado. E uma destas perguntas ardilosas foi sobre a questão dos impostos, onde Ele respondeu "*Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*".

Os adversários de Jesus queriam que Jesus caísse em contradição e se tornasse odiado pelo povo. Todos eles atuaram de modo satânico para derrubar Jesus, sejam os fariseus, defensores das leis do judaísmo (elite separatista), sejam dos herodianos, partidários do rei Herodes, ou dos saduceus, (elite sacerdotal), que haviam planejado uma armadilha para incriminar Jesus -

O Evangelista Mateus diz que os políticos subjetivos da época de Jesus tinham como objetivo conseguir alguma prova contra Jesus. Eles queriam armar uma cilada ou uma armadilha contra Jesus. Esse é um detalhe bem peculiar da politicagem subjetiva, que se movimentou aos longos dos tempos e está presente em nossos dias, neste padrão, sobretudo através das oligarquias políticas, que extremamente unidas, fazem de tudo para continuar sua relação de dominação.

A questão do imposto era e continua sendo até hoje muito importante para todos os cristãos, segunda a pergunta feita a Jesus: "*...é ou não é contra a nossa lei pagar impostos ao Imperador Romano?...*" Se porventura a resposta de Jesus fosse sim, estaria indo contra os judeus nacionalistas aliado da cúpula romana. Se caso a resposta fosse não, estaria se colocando contra os romanos, seria preso, estaria sendo revolucionário.

Na época de jesus, no Império Romano, as moedas além de desempenharem função econômica, serviam como instrumento político e de propaganda. Essa propaganda, que cultivava a imagem e reputação do imperador, era um dos poucos veículos de circulação de propaganda em todo o Império.

Nesta época de Jesus, por ocasião desse questionamento feito a ele, a moeda imperial exibia a figura de Tibério e trazia a inscrição: "*Tibério César, Filho Augusto do Divino Augusto, Sumo Sacerdote*". Portanto, era uma moeda em que a propaganda mostrava o deus criado pelo homem: O Augustus, o senhor, um senhor que com sua política subjetiva, escraviza e sugava do homem toda sua energia.

Por outro lado, Jesus, o que segurou a moeda, estava ali por ter sido enviado pelo Deus que criou o mundo, que sempre esteve interessado em retirar homem oprimido do mundo para levá-lo para o Reino dos Céus.

Porém Jesus não caiu na armadilha dos políticos subjetivos de sua época, sua resposta não foi ***sim*** e muito menos ***não***. Sua surpreendente e desconcertante resposta foi: "*Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*". Com isto Jesus

estabeleceu uma diferenciação entre as coisas subjetivas do mundo e as coisas objetivas de Deus, ao separar o profano do divino.

Desta forma Jesus respondeu esta questão aos fariseus que abominavam a moeda por causa de sua inscrição idolatra e uma imagem e aos herodianos que detestavam a moeda romana, em favor das moedas cunhadas pelos Herodes a quem entendiam pertencer o direito de cobrar impostos, chamando-os de hipócritas. Afinal, ambos os grupos tinham moedas em suas sacolas, e julgavam necessário pagar impostos.

Assim como fez Jesus, em sua infinita sabedoria, ao perguntar: "*De quem é esta efígie e a sua inscrição"*, os fiéis cristãos também devem fazer o mesmo. Interrogar: será que essa efígie que circula por aí no meu país, nas moedas, nos símbolos de governo, para comprar e lidar com as coisas do Reino do Mundo, mostram quem é o nosso Deus?

Os Césares desse mundo nós não os conhecemos perfeitamente, pois não conhecemos muito bem a nós mesmo! Cada governo, cada político é um o ser humano como uma cebola, contém várias camadas com os quais a cada novo dia nos surpreendemos, pois se trata de um ateu ou um ente cristão cultural revestido de defeitos egóicos.

A maioria dos Césares de hoje parecem ser honestos, no mundo todo, inicialmente parecem ser bons políticos, mas com o passar do tempo vemos que são corruptos, ladrões, praticantes de violência sistêmica, violência estrutural etc. São seres injustos em quem não se podemos confiar.

Os Césares de ontem, de hoje e de sempre, por mais santificados que pareçam ser, na realidade, são representantes do Reino do Mundo, revestidos de poder outorgado por satã que, carregam toda uma Babilônia dentro da sua psiquê.

Todo cristão sério deve saber quem é o vosso Deus, quem é este Ser invisível, que não aparece em esfinge, não tem brasão, é um Deus verdadeiro que merece todo nosso louvor e honra, que é um Deus de amor e misericórdia, pois enviou seu Filho para ocupar o nosso lugar na cruz. Ele veio nos comprar com seu santo e precioso sangue, veio para nos libertar da política subjetiva e nos conectar à Política Objetiva do Reino dos Céus?

Com *"Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"* Jesus demonstrou publicamente que todos nós, sendo cristãos ou não, temos uma vida como cidadão desse mundo, da qual temos que nos libertar, para viver uma vida como cidadão dos céus.

Não é uma vida dupla, mas interconectada holisticamente, onde a vida d cidadão do céu influencia a nossa vida como cidadão desse mundo e vice-versa.

O cristão iniciático ou converso é o cristão iniciático, que à medida que vai se afastando das coisas do mundo dos Césares, vai se aproximando das coisas do Reino dos Céus.

Temos que ir aos poucos desconectando-se da política subjetiva, para ir conectando à Política Objetiva, sem sobressalto, cumprindo os nossos deveres de cidadão do mundo.

Pelos princípios Jesucristianos, não podemos escolher pagar ou não pagar os impostos, temos que pagá-los. Apesar de parecer lógico poder sonegar, pois o governo não nos retribui os mesmos, na mesma medida. Muita gente pensa assim: se eles desviam, vamos desviar nós também e para nós mesmos. É melhor que eu fique e gaste esse dinheiro do que pagar os impostos e deixá-los roubar. Mas, ao dizer "*Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*" Jesus vai contra esse pensamento.

Jesus ensina que o cidadão desse mundo deve viver de maneira civil, nesse mundo material, preso à política subjetiva, sem se esquecer da sua cidadania celestial a ser conquistada. E para conquistá-la temos de lavar as leis inferiores do mundo com as leis superiores de Deus, vivendo os Três Fatores de Revolução da Cônscia propostos por Jesus Cristo, pagando os tributos devidos etc.

Ao responder: *"Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"*, Jesus enfatizou a enorme diferença entre a efígie (deus) impresso na moeda daquela época, cultuada até hoje pela politicagem subjetiva, e a imagem daquele (Deus) que lhe enviou para propor o Reino dos Céus. Jesus Cristo salientou que há uma enorme diferença entre os deuses desse mundo, presentes na politicagem subjetiva e o Deus verdadeiro.

Enquanto os políticos subjetivos endeusam os deuses desse mundo, buscando escravizar a humanidade com suas artes de consumo, com suas tendenciosidades ideológicas, o Deus verdadeiro veio ao mundo, em seu Filho Jesus, para nos libertar de tudo isto, para que nos libertemos do sistema político subjetivo e sejamos realmente livres no Reino dos Céus.

Para atingirmos essa liberdade, Ele pagou um alto preço, dando em troca a sua própria vida. Que todos os cristãos chamados por Cristo possam ir se libertando das coisas da política subjetiva do mundo, à medida que vão adentrando às coisas da Política Objetiva do Reino de Deus! Amém!

CAPÍTULO 29 – O SIGNIFICADO DE DAI A CÉSAR O QUE É DE CESAR

Com "Daí a César o que é de César" Jesus nos ensinou que é lícito o pagamento de impostos cobrados pelos governos humanos. Porém jamais alguém pode direcionar aos governantes terrenos aquilo que é devido exclusivamente a Deus.

Daí a continuação da declaração é: *"e a Deus o que é de Deus"*. Aos governos paga-se impostos com moeda do mundo a Deus paga-se com os Três Fatores de Revolução da Consciência.

Os fariseus e saduceus, com essa pergunta queriam na realidade armar uma armadilha para o Senhor Jesus. Eles queriam destruir Jesus, mas eram covardes, não o atacavam pessoalmente porque temiam a reação do povo. Então eles

procuravam a todo custo apanhar Jesus de supetão, embaraçado em suas próprias palavras.

No episódio da pergunta sobre a questão do tributo cobrado por César ficou marcado uma dessas ocasiões. Os fariseus enviaram a Jesus alguns de seus discípulos, que vieram acompanhados por discípulos dos herodianos também, que eram os partidários da casa de Herodes.

Esses dois grupos eram completamente opostos, mas como os muitos políticos de hoje, se uniam em torno de seus interesses egóicos. Os fariseus advogavam ser os mais zelosos com a Lei de Deus, porém os herodianos não tinham interesse pela Palavra do Senhor, se preocupavam mesmo era com seus interesses políticos.

O objetivo comum destes dois grupos era de acabar com Jesus. Assim agiam porque os ensinos e a pessoa de Jesus Cristo ameaçavam tanto o sistema cultivado pelos fariseus quanto o modo de vida dos herodianos.

A identificação de Jesus como um verdadeiro herdeiro da casa real de Davi era um problema para os herodianos e a reivindicação de que Jesus de fato era o Messias, anunciado nas Escrituras pelos profetas também era visto como uma ameaça blasfema pelos fariseus.

Como muitos políticos ardilosos de hoje, que se unem para propósitos escusos, a união de fariseus e herodianos naquele contexto tinha um objetivo extremamente estratégico. Eles pensavam que com esta ardilosa pergunta iriam Jesus colocar em oposição a um dos dois grupos e poderia minar sua popularidade do mestre junto do povo.

Aquele grupo formado por discípulos fariseus e herodianos chegou diante de Jesus e iniciaram a conversa com Ele através de um diálogo elogioso. Aqueles homens malditos disseram reconhecer em Jesus como um Mestre em Israel que ensinava a vontade de Deus sem aceitar pressão de ninguém.

Então estes malditos perguntaram a Jesus se pensava que o pagamento de impostos a César, por parte dos judeus, era legítimo ou não, uma vez que este tributo que devia ser pago ao tesouro imperial, por cada homem adulto da Judeia.

Os malditos pensavam que se Jesus respondesse simplesmente que o pagamento era lícito, Ele ficaria numa posição complicada diante do povo que não estava satisfeito com o domínio estrangeiro sobre Judá.

Por outro, como o imperador romano reivindicava honras e títulos divinos, os fariseus teriam um bom motivo para acusar Jesus de aprovar um comportamento blasfemo. Por outro lado, se Jesus dissesse que o pagamento do imposto não era lícito, Ele poderia ser acusado pelos herodianos de traição contra o Império.

Jesus rapidamente percebeu a intenção perversa daqueles malditos homens, que queriam prová-lo e denunciou sua hipocrisia. Então ele pediu que lhe mostrassem a moeda do imposto. A moeda era o denário romano, uma moeda de prata equivalente a dracma grega. O denário era muito comum naquela época; era a moeda usada como referência para o salário padrão por um dia trabalhado.

Esta moeda do denário trazia a imagem do imperador cunhada nela junto de uma inscrição que lhe atribuía um título divino. Um denário do tempo do imperador Tibério, por exemplo, tinha de um lado a imagem de sua cabeça. Acompanhando essa imagem, havia a seguinte legenda: *"Tibério César Augusto Filho do Divino Augusto"*. Do outro lado da moeda, havia a figura do próprio imperador vestido com vestes sacerdotais, coroado e assentado num trono; bem como uma inscrição que dizia: *"Sumo Sacerdote".* Naquele momento de grande tensão e de traição Jesus disse: *"De quem é esta efígie e está inscrição? Disseram-lhe eles: De César. Então, ele lhes disse: Portanto, "daí a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus"* (Mateus 22:20,21).

Imediatamente após dizer: *"Daí a César o ue é de César"*, Jesus completou: *"e a Deus o que é de Deus"*. Essa resposta completa destruiu totalmente qualquer argumentação de seus opositores. Isso porque sua resposta ao mesmo tempo em que não incitava a sonegação do imposto, também não deixava de atribuir a glória devida somente a Deus.

Como nos ensina W. Hendriksen sobre "Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", Jesus nos ensinou que podemos honrar a Deus sem desonrar o imperador, recusar a pagar ao governo pelos privilégios prestados aos cidadãos. Desta mesma maneira, numa sociedade organizada não se desonra Deus ao pagar impostos gastos com proteção policial, boas estradas, infraestrutura, saúde, educação, etc. Foi assim, que nesse ponto, então Jesus não pôde ser acusado de traição.

Ao afirmar que a Deus devia ser entregue o que a Ele é devido, Jesus estava ensinando uma lição muito clara, que ao imperador era lícito pagar os impostos cobrados por direito, mas a honra divina devia ser dada exclusivamente a Deus.

Então se era lícito que os tributos terrenos fossem pagos regularmente ao imperador, muito mais ainda deveria ser tributado a Deus todo louvor, honra, glória e ações de graça que lhe pertencem, através dos Três Fatores de Revolução da Consciência.

Assim, com sua resposta, Jesus legitimou o governo que regula sociedade humana, mas não deixou de reprovar qualquer apropriação indevida da glória de Deus.

A Bíblia diz que os governos são legítimos e exercem uma autoridade, conferida de modo indireto pelo próprio Deus. Nesse sentido, eles servem como instrumentos na mão de Deus para regular a sociedade humana, quando agem com retidão (Romanos 13:1-7).

Contudo, Deus permanece soberano sobre todos (Daniel 4:34,35). Então os governos devem ser respeitados e obedecidos, desde que suas leis não entrem em conflito com a vontade do Senhor. Em ocasiões em que isso ocorre, o conselho bíblico é muito claro, em Atos 5:29, onde lemos: *"Mais importa obedecer a Deus do que aos homens"*. Por tanto, daí a César o que é de César; mas jamais daí a César o que é de Deus.

CAPÍTULO 30 - JESUS CRISTO FOI A PRIMEIRA VÍTMA DO LAWFARE

Todo cristão introspectivo relembra as atrocidades feitas contra Jesus, que culminaram com sua morte na cruz, no calvário. Para atingir tal maldito propósito os

políticos subjetivos da época submeteram o julgamento de Cristo a uma prática do "lawfare", que significa guerra jurídica.

Muitos dos políticos subjetivos de hoje praticam o "lawfare" usando ou fazendo manipulação das leis como um instrumento de combate a um oponente de modo desleal, desrespeitando os procedimentos legais e os direitos do indivíduo a quem se pretende eliminar.

Na política subjetiva dos dias de hoje usa-se das leis como uma arma para alcançar uma finalidade política, que normalmente não seria alcançada se não fosse pelo uso do "lawfare".

Atualmente, na politicagem subjetiva o "lawfare" se caracteriza pelo emprego de manobras jurídico-legais com a finalidade de causar dano a adversário político.

Mas o que o "lawfare" tem a ver com o julgamento e a condenação à morte de Jesus Cristo e a política subjetiva de hoje em dia? Praticamente tudo a ver, senão vejamos os seguintes fatos:

Com apenas três anos de vida pública Jesus colocou o dedo nas mazelas impostas pelos líderes do sistema políticos subjetivo dos judeus. Ele contestou suas leis e formas de aplicação delas, bem como suas tradições e o modo segregacionista que tratavam os outros povos, como os samaritanos, por exemplo.

Jesus Cristo com sua Política Objetiva afrontou os proto-capitalistas da época, ao pregar o igualitarismo do Reino de Deus, ao defender uma vida mais igualitária para todos, com a diminuição das desigualdades sociais. Por este motivo os capitalistas de hoje iriam chamá-lo de “comunista”.

Jesus Cristo na sua Política Objetiva pregava a misericórdia e o amor, o perdão e a compaixão. Jesus Cristo arrastava multidões por onde passava e isso começou a incomodar enormemente os grupos políticos-religiosos da época.

Os líderes do sistema políticos subjetivo judeu eram os saduceus, os doutores da lei e os fariseus, os hipócritas. O grupo dos saduceus, formado pelos grandes proprietários rurais, detinham o domínio econômico e pela elite sacerdotal, onde tinham o poder nas mãos e controlavam a administração da justiça no Tribunal Supremo (Sinédrio).

Nesta politicagem subjetiva de “trambiqueiros”, na época de Jesus, estavam os doutores da lei, de um lado, responsáveis pela interpretação das Escrituras (juristas da época) e os fariseus, do outro lado, que dirigiam a vontade do povo, na medida em que imponham a eles os rigores das Escrituras e ditavam as regras de comportamento.

Em oposição a esta política subjetiva que mantém o homem na garra de satanás, preso às coisas do mundo, é que Jesus Cristo veio com sua Política Objetiva para romper com esse sistema de coisas. E foi assim, que Ele gerou muita inveja e receio entre os líderes políticos, que tramaram uma força “legal” de prendê-lo. O ponta pé inicial deste jogo para esses malditos líderes foi a entrada triunfal de Jesus em

Jerusalém, no “Domingo de Ramos”, demarcando ali o início da aplicação do "lawfare" contra Cristo.

Conforme se lê nas escrituras, no Domingo de Ramos, anterior ao da Páscoa, Jesus, na companhia dos seus discípulos, dos apóstolos e demais seguidores, foi recepcionado pelos judeus de Jerusalém como Rei do Reis.

Ao entrar na cidade muitas pessoas estenderam ao chão seus mantos para Jesus passar e outros o saudaram com ramos de oliveira. Esta prática era usada para recepcionar os líderes políticos, era um costume herdado dos tempos do êxodo, quando o SENHOR ordenara a Festa dos Tabernáculos: conforme consta no "Livro dos Reis".

Jesus Cristo, com sua Política Objetiva do Reino dos Céus, ao ingressar como Rei dos Judeus (Messias) entra em confronto com o sistema político subjetivo da sociedade judaica, simbolizado por Jerusalém e pelo Templo, sede do poder econômico, político, ideológico e religioso, local onde “rolava” todo tipo de pilantragem politiqueira.

Jesus traz consigo um sistema político Objetivo que dá inversão a um sistema político subjetivo da sociedade judaica. Este sistema subjetivo era apoiado na violência da força militar e defendia os privilegiados e espalhava a injustiça.

O povo cansado de tanta tramoia aclamou com profundidade aquele que trazia o Reino Objetivo, da verdadeira justiça, da paz e do amor. E foi daí que a notícia espalhou por toda a cidade.

Com receio de perder a “mamata” do poder e do grande apoio que Jesus teve do povo judeu, os malditos líderes, ao comando da Loja Negra, se reuniram e tramaram a prisão e a condenação do Divino Rabi.

Para fazerem esta desgraça toda os malditos do poder subjetivo manipularam as leis, violaram princípios, desrespeitaram os procedimentos legais e os direitos de defesa do acusado previstos na “lei mosaica”, o que se configurou numa nítida aplicação do "lawfare".

Para fazer as suas barbaridades sobre Jesus Cristo, os bandidos do poder subjetivo, iniciaram sua tarefa criminosa cooptando um dos apóstolos, oferecendo-lhe propina para entregar Jesus.

Violando a lei judaica, Jesus foi preso à noite e levado a presença de um sumo sacerdote de perfil satanasiano, chamado Caifás, que ardilosamente fez alguns questionamentos sobre seus seguidores e sua doutrina.

Todo prisioneiro judeu em julgamento tinha o direito de ser confrontado com seus acusadores, fato que não foi proporcionado a Jesus, devido a astúcia do satânico Caifás.

Em resposta aos questionamentos de Caifás, Jesus respondeu: *“Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito”.*

Jesus, ante aos ataques dos perversos, ao responder dessa forma, agiu nos limites da lei judaica que vedava a realização de julgamento à noite; porém, os malandros do Sinédrio violaram a lei e nessa mesma noite Jesus foi sentenciado pelos sacerdotes satânicos integrantes do Sinédrio (Tribunal Supremo).

A corja jurídica judaica não conseguia arrumar testemunhas contra o Rabino da Galiléia, mas depois de muito custo conseguiram achar duas mixurucas testemunhas de acusação (dois traíras ou delatores daquela época). Estas duas perversas testemunhas apareceram e apontaram como suposto crime o fato de Jesus ter dito que poderia derrubar o Templo e reconstruí-lo em três dias. Isto em qualquer lugar do mundo, em qualquer época, se constituiu numa aberração dizer que tal coisa dita por Jesus era crime contra a lei judaica.

Durante o nefasto julgamento do satânico tribunal e em cima da fragilidade abissal da tese acusatória, Jesus fez uso do direito ao silêncio. Diante deste silêncio, o satânico Caifás, violando a proibição legal de exigir de alguém que testificasse em seu próprio caso senão voluntariamente, pediu uma resposta de Jesus, também, exercendo a prerrogativa de seu ofício de sumo sacerdote, para colocar o acusado sob juramento, como testemunho diante do tribunal sacerdotal.

O satãnico Caifás, numa manipulação tendenciosa contra seu suposto inimigo político ("lawfare"), pergunta se Jesus é filho de Deus e obtém a seguinte resposta: *"Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu. (...) "Eu sou o que tu disseste." Diante da resposta o evangelista Lucas relata: "Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes agora a sua blasfêmia! Que vos parece? E eles, respondendo, disseram: É réu de morte"*. Assim se deu a primeira condenação da história, pautada no "lawfare".

Jesus foi condenado pelos satânicos sacerdotes integrantes do Sinédrio por representar um risco político aos saduceus, aos doutores da lei e aos fariseus. E a sua condenação ilegal, pelo Tribunal Supremo, não seria suficiente para barrar a crescente liderança da Política Objetiva de Jesus. Então para isso os líderes políticos-religiosos o levaram a presença de Pilatos e exigiram que o representante do império romano consultasse o povão, que já estaria alinhado ao sistema a esta altura. Então perguntaram se queriam que Jesus fosse sentenciado à morte de cruz. Com isso, os líderes judeus "passaram a bola" para Pilatos, porque a "lei mosaica" não permitia a condenação à morte, de qualquer pessoa, baseada na sua confissão, a menos que fosse amplamente apoiada por testemunhas dignas de fé, fato não observado naquele momento.

Em conclusão pode-se dizer que os representantes da política subjetiva judaica deram um drible na lei para condenar Jesus à morte.

Jesus Cristo foi condenado e morto, não por ter cometido um crime ou algum pecado ou blasfêmia contra o Deus dos judeus, mas por representar uma Política Objetiva que punha em risco o sistema político subjetivo judaico.

Os satânicos líderes da política subjetiva manipularam a lei para condenar jesus sem provas, com o objetivo de aniquilá-lo como uma nova liderança de Política Objetiva.

Isto significa que os líderes judeus perversamente fizeram uso indevido dos recursos jurídicos para os fins de perseguição política, isto é, "lawfare".

Semelhantemente a este triste episódio jurídico da história humana, hoje em dia ainda há julgamentos contemporâneos assim. O sistema político subjetivo moderno continua tão perverso como naquela época.

Nesta luta do bem contra o mal, a Loja Negra comemorou a sua parcial vitória com a morte do Nosso Senhor. Mas três dias e três noites após, a Loja Branca comemorou o seu triunfo para sempre com a ressurreição do Senhor da Perfeição.

Se os judeus possuíssem consciência desperta, Jesus Cristo não precisava ter vindo ao mundo com sua proposta objetiva de libertá-los daquele sistema que os aprisionam ao mundo. Porém este povo, infelizmente estava preso ao subjetivismo das coisas do Reino do Mundo, com a consciência adormecida.

Todos os cristãos, precisam saber que a atitude de Jesus diante da Política e dos políticos mereceu especial atenção. Pelo fato de que o Império Romano subjugava o Povo Eleito, que aguardava ardentemente a vinda do Libertador. Onde os fatos extraordinários que marcavam a vida de Jesus identificavam-no com o chefe político, de salvador do povo, esperado por muitos.

O Evangelho de João (6:15) relata um episódio, entre tantos outros, assim: "*Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha. Após a aparente derrota no Calvário, os dois discípulos de Emaús expressavam sua desilusão: Nós esperávamos que fosse Ele quem iria redimir Israel* (Lc 24,21). Os Livros Santos se referem às dissensões políticas dos chefes e da gente simples, em torno de Jesus. Evidentemente, Ele foi fiel à sua missão e, por isso, a Obra que fundou resiste a todos os embates e fraquezas humanas, até nossos dias. E assim será até ao final dos tempos.

O Catecismo da Igreja Católica aponta uma seta para os cristãos iniciáticos, conversos, ao tratar de Igreja Povo de Deus dizendo que: "*O Povo de Deus tem características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da História (nº 782)".*

O Concílio Vaticano II (Gaudium et Spes, nº 42) relata que *a "missão própria confiada por Cristo à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa".*

CAPÍTULO 31 – EQUERDA VERSUS DIREITA NA POLÍTICA SUBJETIVA

Jesus Cristo foi uma figura revolucionária à frente do seu tempo, ao proferir sermões muitas vezes distorcidos por más interpretações. Pois Ele, além ensinar o amor, revolucionou politicamente a conjuntura em que viveu.

Jesus da história não foi um simples pacifista que pregou a palavra de Deus, mas um líder revolucionário que desafiou o Estado, o sistema religioso e político da sua época. Por isso que o Estado e os sistemas convencionais, na época, planejaram a sua morte.

Os sistemas convencionais da época acusaram o Cristo de subversivo, porque Ele formou e comandou um movimento muito forte pelos pobres, doentes e marginalizados. Este movimento tão ameaçador aos religiosos e políticos do período que fez com que ele fosse procurado, preso, torturado e executado por crimes de sedição (organização de rebeliões, incitamento das massas).

O crime de sedição, era o único crime pelo qual alguém poderia ser crucificado sob a lei romana. Os religiosos e os políticos subjetivos da época, sem predicados iniciáticos, acusaram Jesus de sublevação contra qualquer autoridade constituída, dizendo que ele promovia revolta, fazia motim, causava perturbação da ordem pública, instigava a desordem, vivia em rebuliço.

Nesta perspectiva, não seria correto ao pessoal da direita pensar que os ideais de esquerda sejam totalmente avessos ao evangelho. Da mesma forma, não é correto pensar que as concepções afeitas à direita sejam também avessas ou totalmente condizentes ao evangelho. Pois próprio Jesus teve comportamentos pautados numa liderança expressiva e revolucionária, na defesa da justiça social para os mais pobres e marginalizados.

Aos longos dos tempos os cristãos culturais desempenham papel político subjetivo, uns militam na esquerda, outros na direita, no centro etc. Na realidade, nenhum deles tem o perfil traçado por Jesus na sua doutrina Jesucristiana.

Porque todo cristão converso sabe que o comando da política objetiva foi entregue, por Deus, diretamente a Jesus Cristo. Da mesma forma, o comando da política subjetiva foi entregue a Javé. Jesus distribui os cargos da política objetiva aos iniciados do círculo iniciático e Javé distribui para quem ele quiser, no círculo cultural.

Os partidários da política objetiva de Jesus trabalham para servir a humanidade, sem onerá-las com pesados impostos, em consonância com os três fatores de revolução da consciência, sacrificam pela humanidade. Os partidários da política subjetiva usam o poder para dele se servirem, oneram a sociedade, sacrificam a humanidade.

Que partido político subjetivo, mas se aproxima da doutrina Jesuscristiana? Entre todos os partidos, baseado nas suas práticas, há os que se aproximam do Cristo e os que se distanciam dele. Os que se aproxima são aqueles praticam o que Ele nos ensinou. Os que se afastam do Cristo são exatamente aqueles que praticam uma política que não se encaixa dentro da Doutrina Jesuscristiana.

Os que se aproximam são aquele que desenvolve ações de promoção da igualdade de condições de vida digna para todos os seres humanos. Os que se distanciam são aqueles que agem no sentido da desigualdade socioeconômica entre os seres humanos, privilegiando uns poucos a viverem a custa do sacrifício de muitos.

A concepção de esquerda e direita surgiu por ocasião da Revolução Francesa de 1789, na Assembleia dos Estados Gerais, instituída com o intuito de definir os caminhos da França pós revoltas daquele ano.

Havia dois principais grupos que se destacavam nos debates realizados no salão onde ela se dava, nestas assembleias. Lá do lado direito ficavam posicionados os

mais moderados que tendiam à conciliação que eram bem articulados com a nobreza e assim chamada de “alta burguesia” conhecidos como girondinos. No lado esquerdo do salão, ficavam os mais radicais e exaltados articulados com a “baixa burguesia” e os trabalhadores. Seus principais representantes eram os jacobinos. É aí então, deste posicionamento adotado por pessoas que traziam em si percepções de mundo e visões política diferentes durante sua permanência no salão da AEG, que surge a dualidade denominada “de esquerda e de direita” que permanece até hoje.

Contudo, essa “identidade” foi ganhando novas conotações no decorrer dos anos, servindo a diferentes propósitos e a diferentes setores da sociedade para classificar grupos, pessoas ou movimento opositores entre si.

Na perspectiva ideológica, na esfera político-social, esquerda e direita apresentam as seguintes característica: a direita enfatiza a eficiência, a esquerda prioriza a igualdade; a direita aceita e defende a desigualdade entre homens e classes sociais, a esquerda busca a igualdade de oportunidades para todos; a direita considera que todos são iguais no ponto de chegada, sem considerar que são diferentes no ponto de partida. A esquerda considera que há aqueles que possuem o ponto de partida diferenciado, que tamanha é a desvantagem entre os desassistidos e os privilegiados e que por isto só chegam ao final exitoso estes privilegiados no ponto de partida.

Isto significa na prática, que num jogo entre Santos FC e o Arranca-Toco Santista, por exemplo, ambos têm a mesma chance de ganhar o jogo, porém na realidade, dá para saber antecipadamente quem é que vai ser vitorioso! Ambos têm chance de ser vitorioso, mas a probabilidade matemática de ganhar o jogo é quase 100% favorável ao Santos.

A direita se afasta muito dos ideais da Política Objetiva de Jesus Cristo ao enfatizar as desigualdades entre os seres humanos, ao idealizar a manutenção das diferenças entre privilegiados e sacrificados, ao apoiar o status dos privilegiado à custa do sacrifício dos desassistidos. Jesus não fez isto e nem mandou ninguém fazer.

Os cristãos culturais se defrontam com uma situação que incomoda muita gente e merece reflexões, estamos falando do fato daqueles cristãos, que desalinhados da doutrina Jesuscristiana, se identificam com os preceitos de desigualdade social, como definido pela direita.

O que se vê na prática, que enquanto a esquerda enxerga a desigualdade como algo construído socialmente, que deve ser combatida e destruída, para que todos tenham igualdade de oportunidade, para crescerem e se desenvolverem na vida, alcançando o que deseja ser, a direita não quer a mudança do status quo, não se importando com o sofrimento ou a morte das pessoas causados por esta desigualdade.

A direita adota o processo da meritocracia desumanizadora, enfatizando que desigualdade é algo natural que deve ser aceita por todos e entendida como sendo eficiente para a sociedade.

Para a direita não é interessante acabar com a desigualdade, pois, ao invés de se buscar acabar com as desigualdades, tanto de oportunidades quanto a de direitos, é

preciso mantê-la. No entendimento da direita a igualdade é impossível de ser alcançada.

Ideologicamente a direita, na sociedade globalizada de hoje, globaliza a indiferença, a continuidade de um capitalismo selvagem, defende a extinção de programas sociais e emparelhado com o neoliberalismo e suas ideias de construção de um Estado mínimo que vem privatizando os serviços prestados à sociedade, tais como saúde e educação pública, fornecimento de água e energia elétrica, transporte público etc.

Jesus Cristo, na sua política objetiva, sempre se posicionou contra a concentração de riquezas materiais. A realidade do fato é mostrada pela história mundial, em que as elites de todos os tempos foram dominadoras, excludentes, escravagistas e exploradoras da mão de obra dos trabalhadores, independente dos segmentos de trabalhos prestados.

CAPÍTULO 32 – O CAPITALISMO OBJETIVO DE JESUS CRISTO

A ideologia de direita induz os privilegiados patrões, tanto no campo como na cidade, tratarem os trabalhadores meramente como instrumentos necessários para garantir os lucros elevados do patronato. Nada disto foi ensinado por Jesus Cristo.

O capitalismo, regime econômico desconectado da doutrina jesuscristiana, logo foi reconhecido como o mais eficiente sistema de produção. Os governos direitistas enxergaram neste a oportunidade de enriquecimento de suas nações, ainda que isso custasse a vida dos trabalhadores.

Por isto, qualquer posicionamento contrário a esse sistema é duramente reprimido. Este episódio, e tantos outros registrados na história, mostram a agressividade com que as classes dominantes sempre dispensaram contra os trabalhadores empobrecidos e condenados a viver na miséria.

Do estudo dos Evangelhos e dos livros do Novo Testamento, iremos ler que Jesus de Nazaré foi um homem que se colocou, desde o início de sua jornada na Terra, ao lado dos pobres e marginalizados, questionando a crueldade com que os mais ricos e poderosos os tratavam, mas o pessoal de direita não entendeu e nem entende a lição do Cristo, até hoje.

Há muitos cristãos políticos equivocados, que chegam até pensar que Jesus estava errado e não praticam o que Ele nos ensinou. Muitos legislam e governam defendendo os privilegiados e sacrificando mais ainda os deserdados.

Ao nos ensinar que somos “todos iguais perante Deus”, Jesus estava destituindo, dos poderes subjetivos terrenos, todos àqueles que deles se serviam para escravizar e condenar à miséria a maioria do povo sofrido. Jesus sabia que os políticos subjetivos usavam o poder instituído para serem servidos, o que contraria a sua Política Objetiva, em que os políticos objetivos usam o poder para servir ao próximo.

Se Jesus estabeleceu, em sua Política Objetiva, que todos os homens são iguais perante Deus e criou um modelo alternativo para a prática deste modelo, sintetizado no **comunitarismo,** por que os políticos subjetivos continuaram investindo na

desigualdade? Porque não são cristãos iniciáticos, não sacrificam pela humanidade, servindo-a! Pelo contrário sacrificam a humanidade, para servirem a si próprios.

Jesus, ao contrário dos cristãos subjetivos, rompe com os esquemas convencionais de perfil satanasiano, estabelecidos pelos homens egóicos e dá sua vida em favor da humanidade. Seu compromisso supremo, o sentido mais profundo de sua missão e obra é a **vida plena das pessoas**, com igualdade de usufruto das coisas do Pai.

O fato pelo qual Jesus Cristo veio para servir a humanidade não fez sentido algum para os políticos e dirigentes subjetivos da direita, em todo o Planeta Terra.

As fortes palavras de jesus apontam para novas consciência e prática por parte de quem se investe do poder para servir. Quem prefere a comodidade das instituições e a segurança do poder não pode aceitar esse caminho iniciático, pois na realidade se apropria do poder para ser servido.

As ações de Jesus foram desconcertantes para os líderes religiosos de todos os tempos, que pensam ter o verdadeiro conhecimento de Deus, quando, na verdade, são opositores do Cristo, são insensíveis à novidade trazida por Jesus em favor da vida, a começar das situações de maior precariedade e carência. E assim acabam por se mostrarem cegos e surdos, embora vendo e ouvindo, não conseguem entender a Doutrina Jesuscristiana.

As palavras de Jesus sobre a cena apresentada aos fariseus reforçam as diferenças no modo de agir entre os políticos subjetivos e os objetivos. Os subjetivos são aqueles que se ocupam apenas com seus próprios interesses. Muitos deles acabam sendo denunciados como ladrões e mercenários, como se descreve em Ezequiel 34. Os políticos objetivos percebem que o sentido da missão e obra de Jesus é a vida plena da humanidade. E que para isso que Jesus agrega em torno de si uma comunidade de pessoas que ouvem sua voz, têm certeza de que ele age como pastor que dá a própria vida, e se comprometem com seu projeto.

As palavras e a obra de Jesus causam desconfortos aos políticos subjetivos, porque são revolucionárias ante os esquemas sociais e religiosos do momento, no mundo subjetivo.

A política subjetiva é de perfil dicotomizado, fragmentário, enquanto a política objetiva de Jesus Cristo é de perfil holístico. Observem que na política objetiva do Cristo, em nenhum momento aparecem palavras como “direita” e “esquerda”. Pois trata-se, sim, de uma nova proposta de vida e de construção de uma sociedade mais justa, solidária, igualitária e inclusiva.

O político objetivo age como um verdadeiro pastor, um verdadeiro líder religioso, que serve o seu povo. Ele coloca a cima de tudo o bem-viver das ovelhas, do povo.

A exemplo de Jesus, todos os políticos que se colocam a serviço, todos os líderes religiosos ou civis de um povo, devem viver verdadeiramente para “servir e não para ser servido” (Mc 10,45).

O acúmulo de riquezas materiais por parte de alguns, enquanto milhões vivem na miséria, não cabe na vida de um verdadeiro servidor, seja político, seja pastor, seja padre etc.

O modelo de comunidade, de sociedade apresentada e defendida pelo Mestre Jesus é o Cristocentrismo Comunitário, não é o capitalismo e nem o socialismo, como está descrito no livro Atos dos Apóstolos capítulo 4, 32-35: "*A multidão dos que acreditavam era um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram seus os bens que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. "E todos eles eram muito estimados. De fato, entre eles não havia nenhum necessitado, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, levavam os valores das vendas e os colocavam aos pés dos apóstolos. Então se distribuía a cada um segundo a própria necessidade".*

Os sistemas políticos e religiosos convencionais de perfil cultural, destituídos da luz iniciática, ao longo da história do cristianismo, configuraram uma elevada depreciação da Doutrina Jesuscristiana. Daqui para frente, os homens de bem precisam lutar pela revalorização do cristianismo.

O capitalismo de Jesus é o capitalismo comunitarista, é o comunitarismo proposto em sua doutrina. O comunitarismo de Jesus Cristo se constitui num regime econômico semelhante ao resultante da síntese entre as partes positivas do capitalismo e do comunismo convencionais. Esta doutrina objetiva proposta por Jesus se baseia no plano proposto por Deus para geração e funcionamento da vida Terra, para sustentabilidade da humanidade no planeta.

Nas narrativas do Novo Testamento, em correlação com o nosso tempo, como estariam classificados os líderes políticos e religiosos de hoje? Será que havia pelo menos alguns entre eles que se enquadram nos ensinamentos do Cristo e nos exemplos de seus Apóstolos? Quais entre eles representam o povo explorado e quais estão ao lado dos exploradores? Quais seriam enquadrados como sendo de esquerda ou de direita? Quais entre eles estariam dispostos a deixar de ser servidos para serem servidores? Quais estariam dispostos a migrarem da política subjetiva do Reino do Mundo para a política objetiva do Reino de Deus.

CAPÍTULO 33 – O CRISTIÃOS CAPITALÍSTAS É DISCÍPULOS DE JESUS

Ao analisar a sociedade cultural em que Jesus Cristo viveu, em sua época, conclui que era mesma sociedade de hoje. A única diferença é que está sociedade sofreu um processo de evolução tecnológica e uma involução da consciência.

A evolução tecnológica, sem a devida evolução da consciência, produz um desequilíbrio uma complicação e essa complicação da vida sobre o planeta, levou a sociedade para o processo de apocaliptização ou descosmificação da do Planeta.

Se analisarmos a sociedade em que Jesus viveu, iremos concluir que era semelhante a sociedade de hoje nas relações de produção. Da análise de nossa sociedade atual neste mesmo viés se constata a mesma coisa.

Onde havia e há até hoje uma injusta é má distribuição de rendas, onde todos trabalham na produção, porém nem todos participam no consumo desta mesma

produção. E isto é próprio do regime capitalista subjetivo. Onde as riquezas de uns são produzidas ao custo da pobreza de muitos, uns vão acumulando exatamente aquilo que vai faltando aos outros. Coisa que Jesus nunca fez e nunca mandou ninguém fazer.

Na época de Jesus era uma sociedade pré-capitalista, transacional, substancialmente agrícola. Não era urna sociedade industrial como a nossa de hoje. Lá predominava a agricultura. Hoje temos o agronegócio da agricultura e tem também a parte industrial. Porém as relações de trabalho e as regras de distribuição do produto deste trabalho ainda são praticamente a mesma, onde quem comanda é o latifúndio dos grandes fazendeiros, os grandes e industriários, os grandes banqueiros, produzidos pelas primícias do capitalismo, produzidos pela mais valia.

Na época de Jesus Cristo a propriedade da terra na Palestina, Judéia, Samaria, Galiléia, estava concentrada nas mãos de pouca gente. Aliás, o que se depreende do estudo das parábolas, onde temos a situação do latifúndio, da concentração da propriedade da terra nas mãos de poucos.

Nos dias de hoje, no Brasil, o contexto ainda não é o mesmo? Onde a é imensa maioria é descapitalizada e tem uma pequena minoria detentora de todos poderes, de todas privilégios sociais, políticas comerciais, etc?

Diante desta situação destes sistemas, desde aqueles tempos, Cristo tem uma atitude bastante crítica. Ele é contundentemente contrário ao acúmulo de riquezas materiais por parte de uns, e quantos outros ficam sem nada.

É muito doloroso para Jesus Cristo ver que seu Pai confiou a posse de suas propriedades para o usufruto de todos os seus filhos, de modo justo, onde tudo seria de todos. Mas o satanás meteu o rabo nesta premissa e promoveu sistemas opostos, criando para isto sistema capitalista que permite o acúmulo de bens!

Satanás (ego) vê a ausência de concentração de riquezas de uma maneira muito negativa. Ele vê que a propriedade da terra não pode ficar nas mãos de todos, mas deve ficar concentrada nas mãos de poucos, para promoção das desigualdades. Esta é para satã a sua bandeira principal.

Satã percebeu que a riqueza seria um bom ídolo para fazer concorrência com Deus, seria um fator opositor a Deus. Então a partir daí a riqueza se tornou um obstáculo contundente para se seguir Jesus Cristo. Ou seja, não dá para ser cristão e rico, latifundiário, empresário etc., ao mesmo tempo.

Não dá para ser discípulo do Cristão, sem vender tudo que tem e repartir com os pobres, nos termos da doutrina Jesuscristiana. o acumulo de bens só acontece no círculo cristão cultural, onde a cristandade pratica um cristianismo meia-boca e tem uma ilusão de salvação.*" É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus".* Mesmo diante do espanto dos apóstolos Jesus pronunciou essa frase sem pestanejar.

Mas Jesus não só reprovou o capitalismo subjetivo concentrador, como também apresentou proposta oposta a este sistema, criando capitalismo objetivo ou capitalismo comunitário.

A proposta do Cristo é o regime de partilha. Coisa que qualquer capitalista abomina. Jesus também não é contra a propriedade da terra. Ele é contra sim a concentração da terra nas mãos de poucos. Então sua proposta é a partilha.

Todos os verdadeiros discípulos de Jesus, desde do tempo dos apóstolos até hoje, teriam de partilhar os bens, teriam de entrar numa economia de partilha, de socialização, para poderem seguir Cristo, para serem seus reais discípulos. Na realidade os cristãos subjetivos, não conversos, ainda não são discípulos do Cristo.

É preciso que o cristão cultural saiba que é impossível ser seguidor de Cristo na perspectiva Jesuscristiana Primigênia, sendo amante da riqueza. Todos nós obscurecemos a alma por causa da ideologia do dinheiro que está na nossa cabeça.

Antes, durante e depois de Jesus Cristo, sempre houve desequilíbrio entre as relações de produção e as relações de exploração do processo de trabalho. No passado o trabalhador era explorado pelo Estado e pela Igreja por meio de pesados impostos, primícias, dízimos, etc. Hoje, além destas explorações, ocorre a explorações salariais também. O salário vai ficando cada vez menor, em relação ao custo de vida e o sistema não faz as justas correções.

Pela leitura reflexiva das passagens do Evangelho se analisa a posição política de Jesus. Jesus fora vitimizado pela violência generalizada dos sistemas religiosos, políticos e sociais vigentes na sua época. Jesus foi acusado perante a autoridade romana de ter promovido uma revolta política, vide **Lucas 23** :1-2: *"Então todo o conselho dos principais líderes do povo judeu levantou-se e conduziu Jesus a Pilatos. **2** E ali passaram a acusá-lo, alegando: "Encontramos este homem subvertendo a nossa nação. Inclusive, proibindo o pagamento de impostos a César e se dizendo o Messias, o Rei!"*

Na medida que deliberavam, o procurador Pilatos recebeu pressão para condená-lo à morte pelo seguinte motivo: *"Se os soltas não és amigo do César! Todo aquele que se faz rei é inimigo do César!"* vide Jo 19, 12).

Seus acusadores usaram como pretexto a pregação que Jesus realizava sobre o Reino de Deus: Onde Ele dizia ser um reino de justiça, amor e paz. Sem iluminação iniciática, os seus acusadores não perceberam que este reino não era deste mundo. E acharam que Jesus era um adversário político que poderia trazer problemas para Roma.

Porém este povo, chamado pelo Mestre de raça de víboras, não enxergava um palmo na frente do nariz acerca do caminho iniciático, não percebia que Jesus não estava participando diretamente da política, nem apoiando e nem se opondo a nenhum dos grupos ou tendências ideológicas da época, nas quais concentravam-se as opiniões e a ação política das pessoas, que naqueles tempos viviam na Galileia ou Judeia.

A política de Jesus Cristo é objetiva, se posiciona sobre o substrato das coisas do Reino de Deus. Faz parte de um sistema político de oposição ao sistema político subjetivo vigente no mundo, atrelado as coisas materiais.

A política jesucritiana se ligava a tudo o que era de relevo na vida social do seu tempo. Era de perfil comunitarista, de dedicação aos pobres, necessitados, aos doentes, etc.

Onde Ele pregou a justiça, o amor e a paz, sobretudo o amor ao próximo sem nenhum tipo de distinção.

A maioria do povo judeu, desprovida de apetrechos iniciáticos, esperava em Jesus Cristo um libertador político, a estatura de Moisés e o receberam nesta condição, quando Ele entrou em Jerusalém para participar na festa da Páscoa, onde a multidão aclamou gritando: *"Hosana ó Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! ¡Hosana nas alturas!"* (Mt. 21,9).

Aquele povo sem a luz iniciática não percebia que Jesus tinha vindo ao mundo para libertar o povo de todos os sistemas políticos subjetivo, vigentes no mundo e conectá-lo ao sistema político objetivo do Reino dos Céus, onde é o seu Reino. Então Jesus não correspondia às expectativas políticas que o povo imaginava que teria o Messias: Ele não era um líder guerreiro, que tinha vindo para mudar, com o uso das armas, a situação em que se encontravam. Nem era uma mudança revolucionária, que levasse ao levantamento contra o poder romano.

O messianismo de Jesus, a sua política objetiva somente é compreendida pelo cristão Iniciático, à luz dos cânticos do Servo que sofre, profetizado por Isaías (Is 52,13-53,12); que se oferece à morte para a redenção de muitos. Foi assim que o compreenderam os primeiros cristãos, por serem cristãos iniciaticos, que refletiam, levados pelo Espírito Santo, sobre o que aconteceu, onde Cristo sofreu por nós, deixando-nos o exemplo a fim que sigamos seus passos ele não cometeu nenhum pecado, mentira nenhuma foi achada na sua boca; quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava, antes, punha a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça. Sobre o madeiro levou os nossos pecados em seu próprio corpo, a fim de que mortos para os nossos pecados, vivêssemos para a justiça. "*Por suas feridas fostes curados, pois estáveis desgarrados como ovelhas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda de vossas almas*" (1 Pe 2,21-25).

Em algumas das biografias recentes de Jesus destacam, ao considerar sua atitude perante a política do momento, a variedade que existiu entre os homens que escolheu para serem seus Apóstolos. Costuma-se citar a Simão, chamado Zelote (cfr. Lc 6,15), que como indica seu apelido, deveria ser um nacionalista radical, empenhado na luta pela independência do povo frente aos romanos. Sobre Judas Iscariote, alguns especialistas das línguas da área afirmam que seu apelido *iskariot* seria a popular transcrição grega da palavra latina *sicarius* e ficou historicamente conhecido como simpatizante do grupo mais extremista e violento do nacionalismo judeu. Mateus trabalhava como coletor de impostos para a autoridade romana, "publicano", ou o que naquela época entendia-se como colaboracionista com o regime político. Outros nomes, como Filipe, definiam sua origem do mundo helenístico muito presente na Galileia.

Esses dados podem ter alguns detalhes discutíveis ou associar algum destes homens com posturas políticas que somente tomaram força depois de algumas décadas, mas assim mesmo são representativas do grupo dos Doze, onde havia pessoas muito variadas, cada um deles com suas próprias opiniões e posição, que foram chamados a uma tarefa, a própria de Jesus, que transcendia sua filiação política e condição social.

CAPÍTULO 34 - NOCIVA POLÍTICA DE ROMANIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

As primeiras perseguições contra os cristãos foram promovidas pelos políticos do sinédrio judaico, que não viram em Jesus o Messias esperado. Depois a perseguição prosseguiu com Nero e outros imperadores que se seguiram e perpetuaram essas perseguições, até quando o imperador Constantino, que uma vez "simpático" ao Cristianismo, que num golpe político, através do Édito de Milão (313 d.C.), decretou a liberdade religiosa.

Constatino, posteriormente conclamou o Concílio de Niceia (325 d.C.), buscando unificar essa religião, mas essa expansão se tornou mais proeminente após a decisão do imperador Teodósio, que noutro golpe político, veio declará-la religião oficial do Estado (381 d.C.). No desenrolar deste processo é que foi criada a Igreja Católica Romana, em um perfil totalmente oposto à imutável Igreja Primigênia do Cristo

A igreja romana com este novo perfil satanasiano, destituída de propriedades iniciática, atendendo aos interesses políticos subjetivos, absorveu o paganismo romano e afastou do Cristianismo primitivo.

A igreja que antes, no perfil jesucristiano, atendia aos pobres, passou a partir daí para a dimensão satanasiana e começou a ser frequentada pelo imperador e nobres romanos. Neste interim se promoveu a mudança de local dos cultos, que saindo das catacumbas foi para onerosos templos e basílicas luxuosas. E para completar a esculhambação nos rituais surgiram o uso de incenso, símbolos, liturgia, vestimentas, e a substituição do panteão dos deuses romanos pela adoração aos "santos".

Já a partir dos proto-ortodoxos, Irineu e seus sequazes, o cristianismo passou então a ser divulgado sem a mesma beleza, pureza e humildade de outros tempos. No processo de romanização do cristianismo as autoridades eclesiásticas, ao mesclar o cristianismo ao paganismo, modificaram as tradições puramente cristãs, adaptando os textos evangélicos segundo os seus interesses, improvisando novidades injustificáveis.

O catolicismo, ao buscar a consolidação dos poderes da igreja, entendeu ser preciso evitar a autonomia de cada fiel, fanatizando o povo, impondo-lhe as suas ideias, as suas concepções, etc.

O cristianismo romanizado, ao invés de educar as almas das massas, na sublime lição do Nazareno, promoveu foi um real afastamento das coisas ensinadas pelo Cristo. O que a Igreja romanizada fez foi valer sua preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão ao gosto dos antigos romanos, que estavam pouco inclinados nas informações transcendentes.

Como a igreja romanizada desalinhou-se do cristianismo autêntico, ela se deteriorou espiritualmente, criou uma civilização destituída de predicados iniciáticos, que cometeu muitos horrores ao longo da história e que está em crise até hoje, mergulhada num mundo caótico.

A igreja romanizada, por ter se afastado do caminho do Cristo, promoveu uma defecção espiritual, negou-se a cumprir as determinações divinas, abriu mão do eterno Reino dos Céus, para disputar um lugar de dominação nos banquetes dos poderes temporais do mundo.

Se a igreja não tivesse romanizado, houvesse mantido a sua posição espiritual no perfil jesuscriatiano, teria fortificado as almas no seu longo caminho até os dias de hoje. Ela teria agido como mediadora entre o Céu e a Terra, não teria promovido a inquisição, nem a oposição à ciência, nem morte de cientistas, etc. As transições sociais, inevitáveis teriam se processado em níveis ascendente e não seriam tão penosas como foi.

Ao longo da história, o processo da deturpação das coisas sagradas tem se sucedido no seio de todas as ordens místicas, filosofias e religiosas. É assim que aconteceu com o Cristianismo a partir do século III da era cristã, a partir dos inimigos ferrenhos do cristianismo iniciático, Bispo Irineu de Lyon e seus sequazes; onde, a partir daí, os verdadeiros inimigos do cristianismo vem sendo os próprios cristãos culturais.

A romanização do cristianismo, nos ditames da política subjetiva, fundamentou o personalismo e a ambição pela conquista de valores transitórios, se distanciando do vivenciamento dos ensinamentos do Cristo.

O catolicismo se afastou do Cristo por meio da romanização do cristianismo primigênio, porque mudou a imutável doutrina do Cristo. Ao romanizar-se a Igreja Jesucristiana mesclou o profano ao sagrado e perdeu a sua beleza e a sua pureza inicial.

BIBLIOGRAFIA

01. Goldman, David B. Globalisationandthe Western Legal Tradition. RecurringPatternsof Law andAuthority. New York: Cambridge University Press, 2007. ISBN 978-0521688499

02. Fundação Joaquim Nabuco. «Pensamento católico conservador e reforma agrária: a defesa intransigente da propriedade privada da terra». Consultado em 15 de abril de 2010

03. George Orwell. «Notes onNationalism» (em inglês). Consultado em 15 de abril de 2010

04. Antônio Jorge Siqueira. «Getúlio Vargas e o Nordeste». Consultado em 15 de abril de 2010

05. Simon Kuin. «A Mocidade Portuguesa nos anos 30: anteprojectos e instauração de uma organização paramilitar da juventude» (PDF). Consultado em 15 de abril de 2010

06.Payne, Stanley G., El catolicismo español, Barcelona, Editorial Planeta, 2006.

07. Maria Cristina Caetano, Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira. «Ensino religioso: sua trajetória na educação brasileira» (PDF). Consultado em 15 de abril de 2010

08. CASCIARO, José María. Jesucristo y la sociedad política (Palabra, Madrid, 1973) pp. 56-59.

09. GNILKA, J. Jesús de Nazaret, Herder, Barcelona 1993.

10. PUIG, A. Jesús. Una biografía, Destino, Barcelona 2005.

11. VARO, Francisco. Rabí Jesús de Nazaret, BAC, Madrid, 2005.

12. CASCIARO, José María. Jesucristo y la sociedad política (Palabra, Madrid, 1973) pp. 56-59.

13. GNILKA, J. Jesús de Nazaret, Herder, Barcelona 1993.

14. PUIG, A. Jesús. Una biografía, Destino, Barcelona 2005.

15. VARO, Francisco. Rabí Jesús de Nazaret, BAC, Madrid, 2005.

16. CHAMPLIM, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia,Volume 1, 2 e 6. 11ª edição 2013, editora Hagnos.

17. DOUGLAS, J.D., O Novo Dicionário da Bíblia, Ed. Vida Nova, 2 vols., 1.984.

18. RELIGIÕES:osgruposjudaicosna época decristo. Disponível em: http://www.napec.org>Acesso em: 13 de outubro de 2014.

19. PoliticalCatholicism in Europe 1918-45, New York 2004 / London 2005, ISBN 0-203-65539-7, ISBN 0-203-61906-4

20. Catholicpolitics in Europe, 1918-1945, "Routledge" 1997, ISBN 0415064015, ISBN 9780415064019.